

ESTADISTAS

016 A-1682

E

PARLAMENTARES

POR

TIMON

(Eusapio Suvo)

1.^a SERIE

RIO DE JANEIRO

TYP. DE MOLARINHO & MONT'ALVERNE, LARGO DA CARIOCA N. 3.

1883.

ESTADISTAS

E

PARLAMENTARES

1.^a SERIE

POR

TIMON



RIO DE JANEIRO

TYP. DE MOLARINHO & MONT'ALVERNE, LARGO DA CARIOCA N. 3.

1883.

4878
1176

À S. EXCELLENCIA

O SR. SENADOR BARÃO DE COTEGIPE,

HONRADO CIDADÃO AMIGO DO SEU PAIZ,
ELOQUENTE ORADOR E UM DOS NOTABILÍSSIMOS ESTADISTAS D'AMERICA DO SUL.

HOMENAGEM

DO AUTOR.

SRS. REDACTORES DO GLOBO.

Attentando na gentileza, com que acolhestes os meus artigos, julgo reconhecê-la, consentindo que publiqueis a collecção delles, como solicitaes.

E' escusado advertir-vos de ressentir-se este trabalho da precipitação, com que foi feito, sob rapidas inspirações de momento, para acudir as urgencias da imprensa diaria.

O autor, não tendo nenhuma vaidade litteraria apesar de respeitar a sentença dos doutos e ser indifferente aos juizos dos parvos, não quiz de proposito rever nem retocar estes escriptos.

Cuidou fazer um serviço aos nossos estadistas e parlamentares, representando cada um com os traços geraes de suas phisionomias.

Os seus discursos hoje não tem leitores. A geração, que os ouviu, irá desapparecendo, ou os deixará esquecidos em volumosos *Annaes*, enterrados debaixo do pó das estantes, ou rasgados pelas impiedosas mãos dos taverneiros.

A geração nova tem outras aspirações; não se volta para o passado, caminha para as bandas do porvir. Si não se lhe resumir a luta da liberdade constitucional; si lhe não apontarem, com o dedo, os esforçados paladinos da tribuna—a mocidade—como o viajante do poeta, dirá—*Non raggionar di loro, riguarda e passa.*

E' preciso algum criterio e conhecer as circumstancias dos tempos para bem aquilatar o merito dos oradores: ora não é facil reunir estas condições.

Illuminar as figuras senatoriaes, expol-as de um modo intellegivel á todos, que não querem, ou não podem penetrar no recinto parlamentar, foi o scopo do autor.

Errou, perdeu o tempo e *latim*.

Deveria ter sido mais avisado e lembrar-se de que oradores, politicos e poetas tem as vaidades das mulheres. Todas reputam-se formosas. As feias são exigentes. As bellas são insolentes e insupportaveis. Não ha adorações, que as contentem.

O autor estimaria tomar os modelos de Cormenin, mas faltavam-lhe o talento e o scintillante espirito do escriptor do *Livro dos Oradores*. Por demasiado respeito pelos retratados e por sentimento de proprio orgulho nunca tentou manejar a penna maldizente de E. de Miricourt.

Sob o influxo de benevolencia foram traçados estes esboços. Vendo o autor que, n'outros paizes, os estadistas e oradores merecem que a litteratura occupe-se delles, quiz tambem render igual tributo aos homens distinctos, que estão a frente da direcção do Estado.

Mas elles, por inexplicavel susceptibilidade, demonstram que não sabem, ou fingem ignorar o que si passa fóra do Brazil e por conseguinte avisam a outros espiritos, talvez competentes, a não se aventurarem a estudar a historia dos nossos tempos, personificando-a nos homens, que cooperaram na formação della.

Nestas paginas a curiosidade—indiscreta—parou diante daquella muralha, com que Royer-Collard pretendia cingir a vida privada.

Não se publica, desta vez, a segunda serie, da qual já sahiram no GLOBO os perfis do marquez de Olinda, do visconde de Jequitinhonha, do marquez de Abrantes, de Bernardo de Vasconcellos, Paula Souza, Manoel Felizardo, visconde de Inhomerim, barão de Uruguayana, visconde de Souza Franco, Euzebio de Queiroz, D. Manoel de Assis, visconde do Rio Branco.

A segunda serie constará ainda dos perfis de Zacarias de Góes, do senador Nabuco de Araujo, dos viscondes de Itaborahy, de Uruguay, do marquez de Santa Cruz, Alves Branco, Marquez do Paraná, visconde de Sepetiba, visconde do Bom Retiro, Cruz Machado, Saraiva, senador Octaviano, e de S. M. o Imperador, o Sr. D. Pedro II,—o mestre dos estadistas do seu imperio, porque na eschola do seu reinado, elles aprenderam a pratica do governo. Todos estes perfis—já prompts—esperarão a hora de ver a luz da publicidade conjunctamente com a galeria dos poetas, que o autor emprehendeu, formando a 1ª serie dos perfis litterarios, de Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Agrario, Trajano Galvão, Junqueira Freire, Castro Alves, F. Varella, Casemiro de Abreu, Bittencourt Sampaio, Franklin Doria, conselheiros José Maria do Amaral e Cardoso de Menezes, Dr. Mello Moraes, Theophilo Dias, S. Romero e outros da nova geração.

Serão os seus intentos apreciados com mais justiça pelos poetas, do que—foram pelos politicos?



INTRODUÇÃO

Eis uma tentativa, que póde ser util aos leitores de provincia, os quaes não conhecem os nossos semi-deoses do parlamento. Estes personagens illustres são vistos e admirados atravez da distancia; esta, no dizer de Plinio Junior, engrandece os homens e as acções praticadas. Os leitores de longe não vêem o porte nem o gesto dos oradores; ignoram os motivos de momento, que os impellem á arena de combate. Não estão ao alcance de notar-lhes as contracções nervosas, as subitas illuminações da colera, ou os brados eloquentes da razão; não pódem indicar O instante das emoções, que fazem passar os artistas da palavra por grandiosas transfigurações da tribuna—esta flammejante eminencia do Thabor da politica.

Nas provincias os leitores retratam os oradores segundo o capricho da propria imaginação, ou a sympathia do partido. Este orador soporifero passa por um raio de eloquencia; aquelle discreto e fecundo argumentador escapa á apreciação de espiritos dominados de preconceitos.

Entretanto, quando estes oradores fallavam o illustre Zacarias sorria; o barão de CotePIPE mirava pela luneta dourada o tachygrapho, que bocejava; o velho Jobim punha os pés descalços sobre a cadeira do vizinho fronteiro; o venerando visconde de Abaeté com uma das mãos ajudava a fraqueza dos seus ouvidos; o Sr. Cruz Machado conversava á direita e á esquerda; o senador Correia classificava as suas notas e o Sr. Junqueira—scismava, como um poeta em hora de crepusculo, ou comparava as virtudes politicas e as catholicas e tinha no rosto sereno um véo de sincera resignação.

As energicas intonações da voz de Silveira Lobo esvaecem-se nos angulos do salão; o gesto e o tom imperiosos de Silveira Martins, as torrentes de José Bonifacio, os surtos luminosos de Fernandes da Cunha, a superabundancia de Silveira da Motta perdem-se de involta com a palavra correcta e calculada de Lafayette, aprendiz do Rabino de Granada; com a eloquencia incisiva, singela e brilhante do barão de CotePIPE, espirito fino, abundante de malicia e sagacidade.

Na outra casa do parlamento o Sr. Martinho Campos é o Ulysses da assembléa, seu espirito rejuvenesce em cada legislatura; elle faz e desfaz um discurso como Penelope a sua teia

Aqui é escutado o Sr. Pereira da Silva, um veterano das antigas lides; alli o Sr. Paulino de Souza, com a gentileza das maneiras, dá relevo á delicadeza e cortezia das phrases. Lá está n'um grupo o Sr. Ferreira Vianna, cercado dos novos deputados, que nunca vieram á côrte e procuram neste luzeiro da tribuna decifrar os mysterios da sphyngé. O orador, a quem a fama notabilisára em todo imperio, falla-lhes da obra grandiosa da Expição e julga que toda sabedoria dos estadistas não vale o mais insignificante acto do admiravel patriarcha de Assis—esta cidadezinha, que se diria um ninho pendurado nas abas dos Appeninos, sob um céu de turquezas.

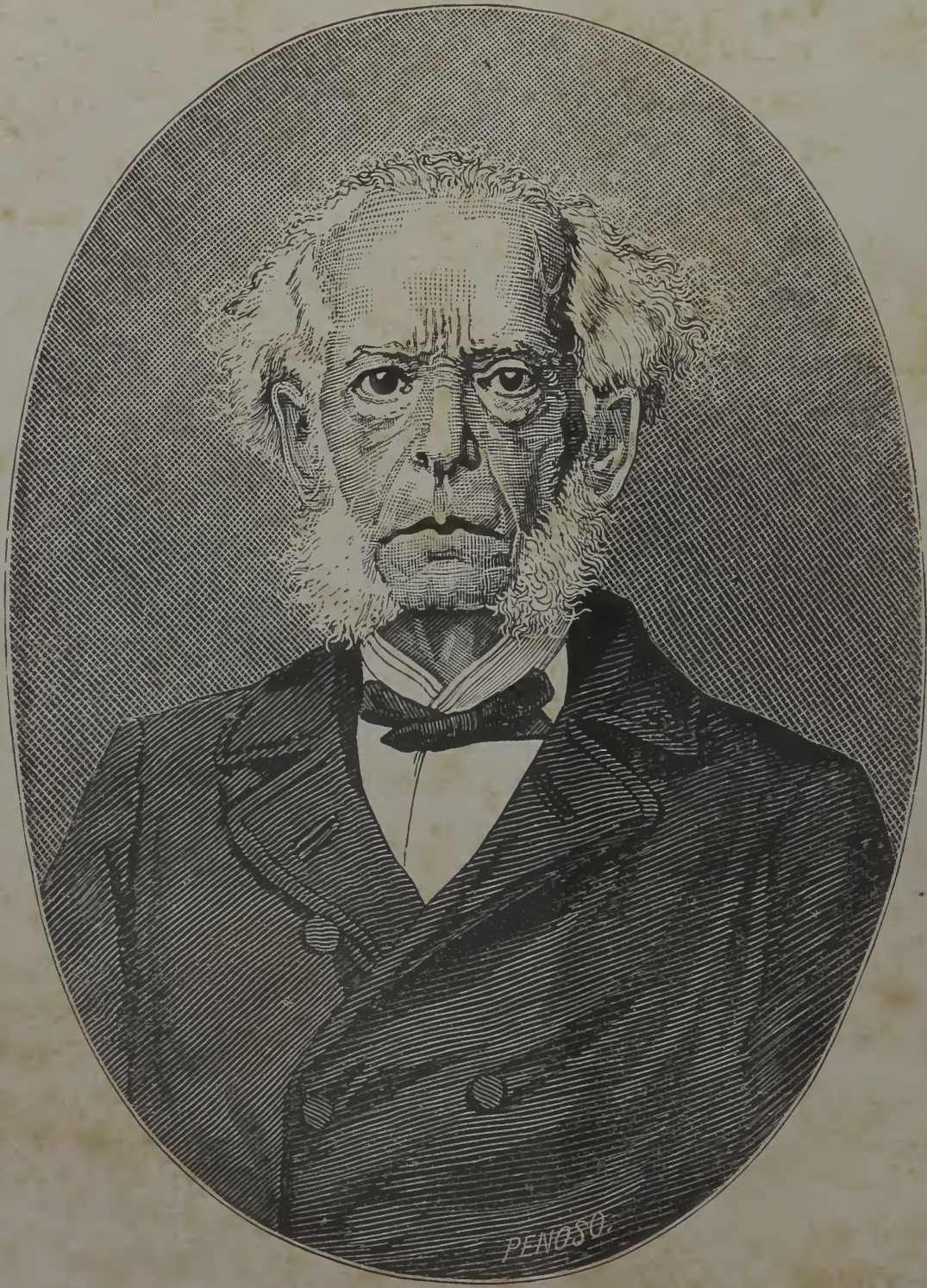
Quando se lhe falla no resultado do voto directo, então o representante do 12º districto fluminense, erguendo os olhos aos céos—diz é um uma jaula, mas o Sr. Saraiva não sabe metter nella o leão ainda não domado. Uns e outros deputados, curiosos de novidade, ardem por ver como o Sr. Ferreira Vianna engaiolaria o tal leão. O Sr. Souza Carvalho, porém, reputa esta questão metaphysica e não perde com ella o seu tempo e sua attenção se concentra na maneira de dirigir a estrategia da presente campanha parlamentar, a lei do voto directo reclamando outro systema de tactica.

N'outros grupos estam deputados, que se assignalam por meritos incontestaveis e brilhantes—o Sr. Belisario, destinado a ser um ministro d'estado distincto; o Sr. Franklin Doria, que, na pasta da guerra, conquistou a estima do exercito e reune talentos de poeta, orador e estadista.

Acolá o Sr. Andrade Figueira falla, com a severidade do seu elevado character, contra as prodigalidades do orçamento.

Emquanto o ministerio dispõe-se a entregar as pastas ao parlamento e os deputados atormentam-se com o *ignotum*, o Sr. Dantas, ministro do imperio e da justiça, é o objecto de todas as attensões. Em roda do illustre conselheiro da corôa suscitam-se varias interrogções. Quem o substituirá? E' um homem indispensavel, ou inevitavel nesta situação? Onde achar um espirito mais apto e paciente no labor, nas intrigas e exigencias da politica; que está prompto com a mesma facilidade a cuidar da fundação de uma universidade, que toca a grande politica e ao mesmo tempo a tratar dos intere-ses de qualquer aldêa da Bahia, ou de outra provincia, si houverem interesses politicos a proteger,—o que respeita a pequena politica? O Sr. Saraiva é um pouco abstracto, o Sr. Dantas é um positivo. Um desdenha as minudencias, prefere deixar o seu espirito errante nas generalidades; tem o defeito, que, durante a monarchia de Julho, se attribuia á Odillon Barrot. O outro parece educado na escola de Thiers—muitas palavras e discursos, e muitos actos; sabe o que quer e faz o que quer com verdadeiro *aplomb e savoir faire*. Com um ministro tão geitoso—esta situação póde tomar caminho... O homem é capaz de seduzir até os adversarios, murmura o Sr. Souza Carvalho (1).

(1) Esta publicação começou no ultimo mez do ministerio Saraiva.



O VISCONDE DE ABAETÉ

O VISCONDE DE ABAETÉ

I



O decano dos parlamentares,—o veterano das lides homericas dos tempos, em que a nascente liberdade constitucional disputava, palmo a palmo, o terreno ao despotismo imperial, ou á anarchia,—hoje passa entre os senadores do segundo reinado, como uma sombra.

O visconde de Abaeté, coetaneo da fundação do Imperio, era magistrado em Minas Geraes, quando proclamou-se a independencia.

A provincia, onde elle não nasceu, mas onde se fizera cidadão de uma patria livre, o mandou em commissão felicitar a assembléa constituinte de 1823.

O nome de Limpo de Abreu começou a ser honrosamente conhecido no paiz.

Veio, depois, representar a provincia de Minas no parlamento nacional.

Durante o periodo regencial assignalou-se pelos talentos de orador e, como ministro, travou os mais renhidos combates, na tribuna, com os oradores notaveis daquella época.

O marquez de Abrantes e outros porfiavam em fatigar o *leader* do gabinete, representado na camara temporaria pelo visconde de Abaeté. Este, porém, á força de talento, deslumbrava os esforçados contendores.

O regente Feijó via no estadista, representante de Minas Geraes, a palavra eloquente, o espirito pratico, a intelligencia, que illustrava o governo, dominava as camaras, inflammadas de patriotismo e liberdade.

O cidadão illustre serviu, diversas vezes, no segundo reinado. Não cabe aqui esmerilhar os actos de sua politica administrativa.

O seu ultimo ministerio foi o de Dezembro de 1858, no qual, ao lado de Nabuco de Araujo e Saraiva, estavam Paranhos, Salles Torres Homem e Sergio de Macedo.

Este gabinete cahiu—inglorio—aos golpes de uma opposição, que era uma colligação de todos os elementos do parlamento.

O visconde de Abaeté lhe emprestara o prestigio de seu nome, a autoridade de sua alta individualidade politica, sem auxiliá-lo com os esforços de sua actividade e poderosa intelligencia.

O eloquente orador dos antigos tempos cantemplava—quasi silencioso—a lucta travada. Elle não succumbiu, vencido pela opposição, na qual fulguravam talentos de primeira plana.

Desde então, ora presidiu o senado, ora recolhido á vida privada, estranho aos conflictos dos partidos, pareceu antes um conselheiro, do que um chefe militante.

Sempre a corôa recorre ás inspirações do seu patriotismo. A palavra do projecto estadista exerce a autoridade de um mestre consummado.

Nas ultimas evoluções ministeriaes foi chamado a organizar um ministerio, quando se dissolveu o gabinete Sinimbú.

Explicando as razões, pelas quaes não aceitou tal incumbencia, ponderou:—1º que a sua idade e soffrimentos o empeciam de tomar uma parte activa nos negocios politicos: 2º que não se reputava á si — proprio — para guiar homens novos, que não conhecia: 3º affirmava que, si pedisse ás camaras os meios de fazer o bem do paiz, duvidava que ellas os dessem.

Este ultimo ponto é de extrema gravidade; tão notavel juizo acerca do parlamento passou despercebido atravez da agitação do momento.

Em verdade a camara, que cahio fulminada sob o estigma de camara dos servis, não podia provocar tal juizo. Entre os erros, que commetteu, ella foi illogica, apoiando a idéa da constituinte limitada e a reforma do ultimo presidente do conselho, mas não se mostrou avessa á servir a causa publica.

A sua conducta, pelo contrario, foi toda de abnegação e de patriotismo. Não houve sacrificio, que não fizesse, inclusive o da propria existencia.

Quando o Sr. Saraiva declarava da tribuna que faria a reforma, estimando até ser derrotado, annunciava ao seu partido—que lhe era indifferente a sorte delle. Ora um partido, que tem interesses positivos, que quer viver e governar, não devia acceitar essa situação, a qual caberia bem ás aspirações idéaes d'um philosopho, nunca jámais convirá á politica real e pratica d'um partido militante, cujo principal interesse é viver, e não suicidar-se.

Semelhante declaração impunha á camara, representante do partido liberal, a necessidade logica de recusar a sua confiança immediata ao chefe do gabinete. Submettendo-se, a maioria decretou a sua propria exclusão e deixou-se aniquillar.

De certo comprehende-se a abnegação de si por uma grande causa nacional, mas por amor de uma reforma de resultados problematicos, qual o voto directo, é na verdade estranho.

O visconde de Abaeté foi um dos nossos oradores mais distinctos. Tudo na sua pessoa concorria para dar-lhe incontestavel proeminencia na tribuna; estatura, porte, voz, gesto cheio de movimento e vida, elle tinha lances de acção, dramatisando o discurso. Nos dias de sua mocidade, o visconde de Abaeté foi um orador, que sentio, nos impetos do improvisado, o fogo da eloquencia abrasar-lhe a alma.

Em seu estylo notam-se as grandes qualidades de boa esco'a; forma correcta, largas e vastas proporções, exposições lucidas dos assumptos, e sobretudo o criterio, com que sabia assentar as questões no verdadeiro ponto do debate.

Versado em jurisprudencia, elle deixou nos discursos os testemunhos de uma intelligencia esclarecida.

Não foi um orador mediocre, que avultou á sombra da protecção dos partidos; foi um luctador infatigavel, que nobilitou-se pela superioridade do proprio merito.

Não se póde fazer a respeito do visconde de Abaeté a questão, que ordinariamente applica-se a certas notabilidades do nosso paiz—porque este homem chegou as eminencias do estado? Quaes são os titulos do seu merecimento? Ninguem sabe.

Os homens de serviços e talentos estacam na carreira; os estorvos os cercam de todos os lados; as mediocridades, porém, surgem, rastejam e levantam-se.

Si o destino prevalece nas cousas humanas, só elle póde—cego e caprichoso—explicar tão deploraveis contrastes: essa mão, que a uns abate, eleva á outros.

Um dos derradeiros sobreviventes da patriotica e esforçada geração da independencia, o visconde de Abaeté é a tradição viva d'essa época heroica.

Ao seu paiz elle consagrou os melhores dias de sua existencia, servio-o com amor e dedicação, e, nos momentos de fanatismo pela liberdade, á esta causa sagrada deu com a eloquencia de sua voz um auxilio efficaz. Soffreu por ella o exilio, e as dôres, que lasceravam-lhe o coração nos tempos de provações, recommendam ainda hoje o seu nome ao respeito e veneração das novas gerações.

Quando o velho senador passa, si apontam-n'o como uma ruina do passado, reconhecem-n'o tambem, como um luzeiro da nossa historia parlamentar.

A mocidade, que alevanta-se, só preocupada do porvir, desdenhosa do passado n'um paiz, onde a historia não é um ministerio publico privilegiado, como fôra na Roma antiga, quasi sempre ignora o valor dos nossos homens politicos.

Premunindo-se contra os embustes do charlatanismo feliz e triumphante, saiba honrar, com o culto devido, os nomes, que serviram e illustraram a nação.

A gratidão assenta e condiz aos povos.

Embora a ideia, que illumina uma geração, se extinga na outra, os apóstolos, que a evangelisaram, nem por isso deixam de merecer dos que recolheram os beneficios a recompensa de suas fadigas—a lembranças dos povos, que é o salario inextinguivel da gloria.

O SR. LAFAYETTE

II



Sr. Lafayette, senador pela provincia de Minas Geraes, é talvez o politico mais novel no parlamento. O capricho da fortuna acertou com um homem, dotado de incontestavel merito.

Elle viveu, longo tempo, no meio dos Cuvarruvias, Vanguerves e Lobões.

Advogado, tem o espirito fertil em recursos e subtilezas; sabe conciliar a monarchia com a republica; a liberdade, que é a vida dos povos, com o absolutismo, que os atrophia.

Preconisador das doutrinas do Rabino de Granada, um dia deslumbrou o senado com essa novidade, suscitando no espirito de Silveira Martins eloquente irritação.

Quando o Dr. Lafayette sustentou e demonstrou a sua these, apoiado no sabio descendente da raça judaica, o benemerito barão de Cotegipe tirou tres vezes os oculos e applaudiu a maravilha, e então exclamou—este homem, com o seu latim—do menino malcriado do poeta Persio, e excavações rabinicas, põe o senado a vêr estrellas ao meio-dia !...

Entretanto, o tribuno rio-grandense, qual o Antinous da fabula, ameaçou-o com os punhos, mas Lafayette, a modo do almirante Nelson, fez que não viu o perigo.

Silveira Martins, alma de fogo, impetuoso no ataque e rude na franqueza, pediu á satyra pungente da poesia popular uma galhofa para desferrar-se da erudição hebraica. O parlamento tripudiou, ouvindo o orador dos pampeiros do sul commentar—

« Os juizes desta festa
« Nunca podem ficar mal. »

Lafayette não offereceu o peito descoberto ás lufadas tremendas do furacão: curvou-se um pouco e o deixou passar.

Não ha de nunca medir-se com Silveira Martins; os dous espiritos excluem-se. Ministros ambos no mesmo gabinete, o senador mineiro era a prudencia, symbolisada no silencio, ou na inercia.

Como ministro da justiça, olvidou remediar lacunas e extirpar vicios da legislação e dos tribunaes, que, como jurisconsulto, mais de uma vez apontou e condemnou.

Um espirito tão lucido e amestrado nas sciencias juridicas não fez uma administração condigna dos seus talentos; seguiu a rotina vulgar, submisso á *bureaucracia*, como homem, que abdica a independencia da idéa.

Si a estreiteza do quadro não empecesse desenhar-lhe o perfil politico, diriamos como o ministro approvou, sinão praticou, actos inqualificaveis n'um regimen livre, principalmente n'uma situação, em que—ufana e triumphante—a democracia se ostentava.

O senador Lafayette não crê, nem descrê... E' um septico, que applica todavia o methodo positivista á politica e á vida social. E' sophista da escola do illustre Nabuco de Araujo.

Os que o conhecem na intimidade louvam e engrandecem-lhe o character, honram-lhe as nobres qualidades, que o distinguem. Mas os politicos militantes não o deixam repousar—contente—sob os louros de sua rapida carreira.

A fortuna imprevista do Sr. Lafayette está justificada de sobejo; não contrista a consciencia publica e de certo o nobilita.

Quando invade o senado qualquer nullidade risivel, é justo perguntar o que vem fazer um ignorante, ou sandeu nesse areopago, d'onde devem sahir os estadistas, conselheiros da nação e da corôa.

Máu cidadão é, sem duvida, aquelle, que trabalha por obter uma função publica, que não sabe desempenhar.

Estes homens nullos, que occupam os postos eminentes do Estado, são apontados como o cavallo de Caligula, humilhados pelos apupos da multidão.

Ao contrario, si pedirdes ao senador mineiro os titulos, que legitimam a sua elevação, elle exhibirá a supremacia de sua aristocracia intellectual.

A longa e laboriosa carreira de um politico inglez differe das subitas elevações no Brazil; o mal resume-se, porém, na incapacidade dos preferidos.

A Nemesis politica tem flagellado o nome do antigo redactor da *Republica*.

As mudanças de principios são, em certos espiritos, inevitaveis consequencias da evolução, operada nas idéas e vida social.

Os puritanos pódem ter justos motivos para pensar que, no dia, em que um homem politico reconhece o erro das doutrinas, a falsidade dos principios, que preconizou perante a nação, não lhe cabe outro papel, senão o de recolher-se á vida privada, porque perdeu o direito de guiar os seus concidadãos. O silencio, neste caso, põe em relevo a sinceridade da consciencia, a dignidade do character; e o character é uma das forças poderosas e invenciveis do politico e estadista.

O conselheiro Lafayette não é um orador brilhante nem eloquente. Em face de José Bonifacio, que é uma torrente fragorosa da cachoeira de Paulo Affonso, pareceria uma veia solitaria, que serpeia e murmura á sombra dos hervanços.

A sua voz é monotona; a palavra não dá as vibrações d'alma, nem se illumina

do fogo da idéa; o gesto é um pouco contrafeito. Ha, no seu modo de dizer, uma certa amaritudine, um não sei que da ironia de Rabelais. Dispõe d'um estylo conciso, correcto e como que calculado.

Sua attitude na tribuna não fixa a attenção dos ouvintes, mas a sua dialectica tem musculatura; os raciocinios são bem deduzidos, o discurso é substancial. E' um orador, que pensa; um discutidor, que sabe a esgrima e desfere golpes certos; não bate em vão.

Não é seguro acompanhá-lo desprevenido; não perdeu o vêzo de advogado, o pró e o contra na mesma questão.

Intelligencia vigorosa, nutrida de profundos estudos, o conselheiro Lafayette tem a systematisação dos variados conhecimentos, que adquiriu.

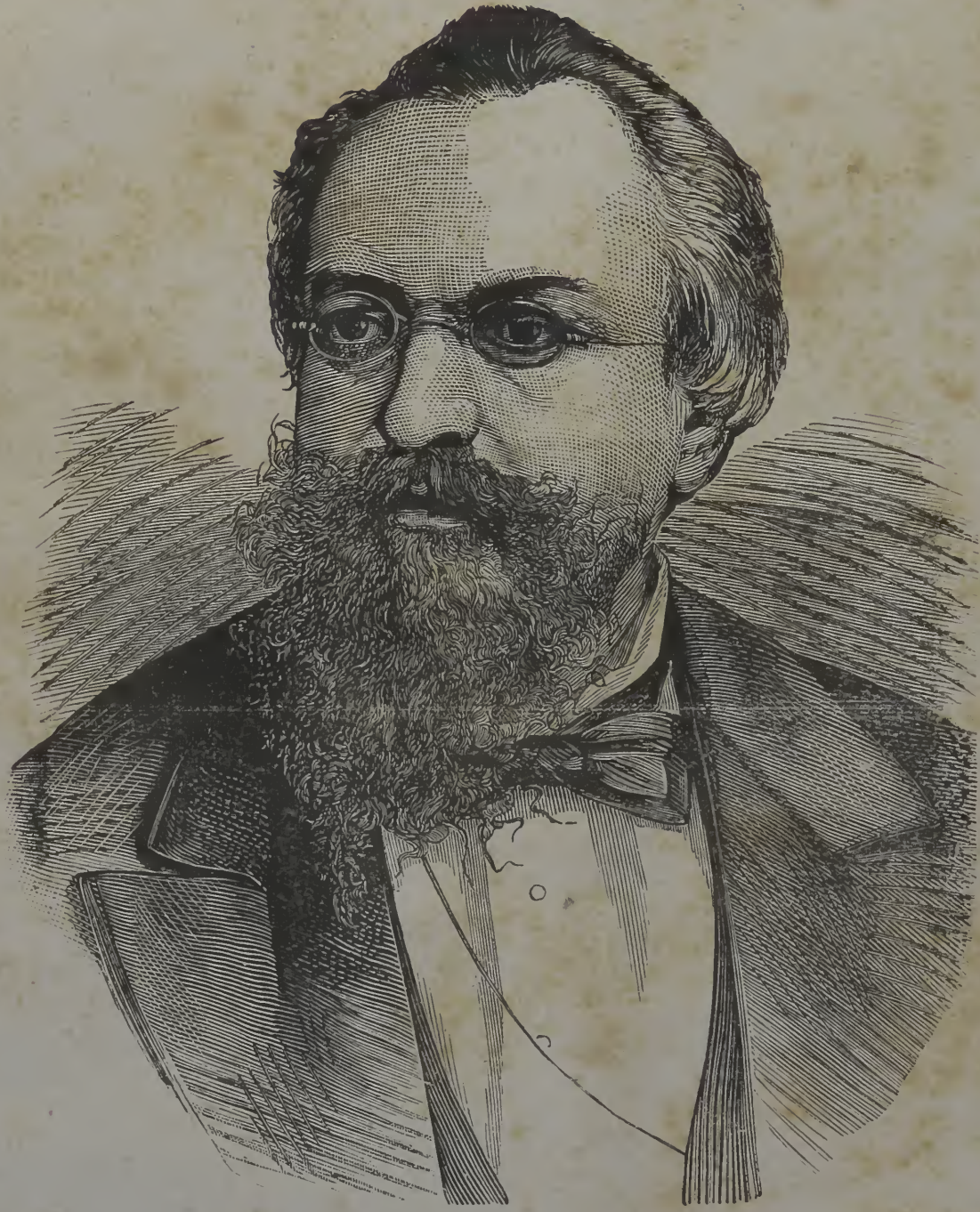
Conhece-se logo, pela maneira, por que elle encara e desenvolve um assumpto, que os seus estudos não são de occasião; principalmente em materias juridicas falla com a autoridade de um mestre consummado. Instruido em litteratura, cita os classicos com chiste e bom tom.

Ha na politica uma especie de talento muito gabado—é o tino;—nem este falta ao senador Lafayette.

Cortez e polido, tem, pela amenidade de sua conversação, captado a estima até dos seus adversarios. Nenhum senador inspira mais sympathias aos seus collegas, do que o representante de Minas.

Na sua cadeira elle assenta-se calmo e paciente no meio das tempestades, que se agitam. Não é a indiferença, ao contrario é a reflexão, que o domina.

O senador Lafayette já avulta pelos seus grandes meritos, e, como está ainda na pujança da idade, no pleno desenvolvimento do talento, deve-se esperar que não virá longe o tempo, em que elle será uma das notabilidades politicas e parlamentares proeminentes do paiz.



O SENADOR SOUZA DANTAS

O SENADOR SOUZA DANTAS

III



Senador Manoel Pinto de Souza Dantas é homem e politico feliz. No lar domestico vive sob uma atmospherá de paz e de alegria: uma esposa intelligente e digna; filhos, que illustram e honram-lhe o nome, servem de nobres estimulos á este homem de estado.

Infatigavel no meio do redemoinhar das intrigas e das exigencias da politica, atarefado dos negocios publicos, o seu espirito ainda acha tempo de deliciar-se no intimo da familia com os seus amigos.

Nesse cenaculo recondito não se ouve o rugir dos odios, a maledicencia, que uiva fustigando as reputações e envenenando as intenções alheias.

Homem de tempera inteiramente politica, satisfeito da familia e dos amigos, dando nobre exemplo, escolhe assumptos de conversação nas fluctuações da opinião, nas agitações dos interesses e das idéas, nas lutas da tribuna e da imprensa.

Encontram-se no seu salão *guelfos e gibbelinos*, attrahidos pela amenidade do trato, pela cortezia das maneiras e pelo abandono da franqueza. E' um perfeito chefe d'uma familia modelo.

O homem, assim feliz, traz para a vida publica essas mesmas qualidades benevolas.

Eis ahi o segredo de sua popularidade e a razão, porque o senador Souza Dantas é insaciavel de applausos, que se lhe prodigalisam.

Elle ama as expansões dos sentimentos, tem a vertiginosa embriaguez da fama ruidosa e brilhante.

Os que o frequentam o sabem.

Recentemente o Dr. Adolpho de Barros reconhecia a fidelidade deste quadro e notava a harmonia d'alma e a sabedoria, com que o senador Souza Dantas tinha conseguido fazer que o homem particular não fosse prejudicado pelo homem publico.

Em verdade, das contendas politicas o senador Souza Dantas não enthesoura os rancores para transmittil-os como herança; não guarda os odios, que urgem por vingança.

E' um batalhador audaz, que não hesitará, não só em ferir, mas ainda em esmagar o contendor, si o agarrar de geito no momento da luta.

Depois calmo e ridente, elle abraçará o adversario, com ares de dizer-lhe ao ouvido

—desempenhamos bem o nosso papel! Elle procederia, como aquelles padres do concilio de Constança, que, banhados em lagrimas, condemnavam o misero heresiarcha.

Entretanto a sua alma, que se harmonisa nesses sentimentos, tem a virilidade da vontade na rude estrada da vida.

Não se persuadam aquelles, que o virem na tribuna, ás vezes desleixado da phrase, ás vezes risonho, que o ex-ministro da justiça tambem não mandaria espingardear o povo inerme nas ruas, nem reprovava o recurso de queimar casas commerciaes, como um expediente policial, segundo o systema estabelecido pelo senador Lafayette.

Entre os seus meritos politicos o senador Sousa Dantas tem o eximio talento de *manobrar as eleições*.

Si o Sr. Saraiva o tivesse deixado obrar desembaraçadamente, elle teria dado aos conservadores uma bella lição; mostraria de que modo, com o actual regimen eleitoral, um homem habil faz uma camara unanime. Demonstraria á luz da evidencia que tal victoria provinha da vontade nacional e não da intervenção do governo e se retiraria da tribuna applaudido pelos seus co-religionarios e admirado pelos conservadores, que, além do mais, ainda lhe ficariam obrigados.

Os que estudam nos actos e nas palavras alguns dos nossos politicos, desesperam de decifrar-lhes o enigma. Todos são mais, ou menos uma especie de sphynge. O benemerito] barão de Cotegipe, por exemplo, com finos e maliciosos gracejos trata de assumptos politicos graves, que outros, como o visconde de Nictheroy, encaram com pavor. No fundo o criterio do barão é são, serio, e racional. O Sr. Junqueira, não tendo a unção e a piedade do Sr. Ferreira Vianna, tem certa moderação, que faz crer em sua religião e caridade, entretanto metteu os bispos nas galés e é um atheu em politica tão bom, como os Srs. Lafayette, ou Souza Carvalho. O Sr. Saraiva, com todas as qualidades incontestaveis de homem de bem, deixou—indifferente—prevalecer algumas injustiças. Ninguem de certo é mais justo e honesto, que elle. Silveira Martins é capaz de libertar os negros hoje e os metralhar amanhã.

Dar-se-ha que o character dos homens politicos é amassado de ouro e de barro, como pensava Diderot? ou no conceito de Guisot, fallando de Cromwell—é no meio das contradicções que estes espiritos de governo atinam com a vereda?

O Sr. Souza Dantas é um homem de merito e valor para todos os animos rectos. Os espiritos facetos, ou levianos poderão discordar desse conceito; mas os que procuram no esforço do individuo a supremacia moral, reconhecerão no senador bahiano um homem de boa tempera.

Filho de suas proprias obras—só—entrando na carreira politica, quando outros ficaram extenuados no começo da jornada, esse romeiro impavido affrontou perigos, transpoz precipicios, superou obstaculos e veiu plantar a sua bandeira de combate—desfraldada e victoriosa aos olhos do paiz inteiro—nas ultimas cumiadas do poder.

Nenhum homem d'estado no Brazil sobresahiu mais, que o Sr. Souza Dantas; nenhum foi mais feliz, nem mais prestigioso. Paraná, que foi um colosso, cahiu devorado nas lutas. Eusebio, uma notabilidade, desappareceu. Nabuco d'Araujo, Bernardo P. de Vasconcellos, Ferraz, Zacarias, Jequitinhonha, são apenas um nome e podiam figurar em qualquer das grandes nações do mundo.

Os Andradas, Olinda, Vergueiro, Abrantes, Monte Alegre, Souza Franco, Paula Souza, Sepitiba, S. Vicente, Macahé, Caxias, visconde de Uruguay, Itaborahy, Manoel Felizardo, José Clemente, Osorio, Salles Torres, Rio Branco—todos foram omnipotencias politicas; mas, retirados da scena, não deixaram representantes de seus nomes e serviços, como symbolos vivos de sua gloria.

Uns não tiveram filhos; outros, que os deixaram, não puderam vel-os satisfazendo o legitimo orgulho paterno, illustrando e nobilitando o seu nome durante a propria vida.

Sómente o visconde de Uruguay continúa a ser dignamente representado pelo illustrado conselheiro Paulino de Souza, um dos mais nobres e brilhantes personagens politicos do paiz.

O Sr. Dantas, porém, é o unico, que, ainda moço, subiu a todas as elevações sociaes e politicas; fez-se chefe absoluto e prestigioso no seu partido; exerce inteira influencia nos negocios do estado. Emfim, teve o privilegio d'um chefe de dynastia—transmittindo, em vida, o poder de suas mãos para as mãos de seu filho.

Aponte-se um dos nossos estadistas, que tivesse essa rara fortuna, entre os do passado e do presente.

Como não contrasta a fortuna de Honorio, Salles Torres, Herval, Alves Branco, Souza Franco, Rio Branco com a do Sr. Dantas!

O sorriso zombeteiro dos Lucianos da Grecia parece exprimir a phrase—capricho do acaso!.. Mas o pai, que testemunha a elevação de seu filho, preparada por suas mãos, leva comsigo o mais augusto e santo passaporte da natureza para entrar no dominio da fama.

Seu orgulho é legitimo, as suas alegrias são abençoadas. E' por isso que o senador da Bahia é um homem e politico feliz.

Revistando a historia parlamentar de outros povos, suppomos, que igual exemplo não se depara.

Roberto Wapole deixou dous filhos; Lord Orford, e Horacio, que só entraram no parlamento depois da morte do velho conde. Lords Chatham, Rockingham, Holland e o duque Russell não viram seus filhos—nem ao seu lado no parlamento, nem lhes passou, como uma herança, o poder publico.

O segundo Pitt e o segundo Fox, quando accordavam os échos adormecidos da camara dos communs, maravilhados dos novos prodigios de eloquencia, recordavam apenas os seus illustres progenitores, repousando debaixo da lousa.

O Sr. Manoel Dantas, desde a sua estréa na assembléa provincial da Bahia, revelou dotes oratorios: membro da assembléa geral, durante algumas legislaturas, foi um dos mais inesgotaveis oradores—desses, que amam o exercicio da palavra e acham-se bem collocados na tribuna.

Prompto nos improvisos, sagaz no debate, sempre mereceu os applausos dos seus collegas. Passando para a camara vitalicia, o orador manteve as suas excellentes qualidades.

Foi ministro no gabinete de 3 de Agosto, sob a presidencia do Sr. Zacarias de Góes, que, com sestro de austero professor, reprimia ás vezes os impetos da eloquencia do ministro da agricultura, recommendando-lhe, como o Sr. Martinho Campos ao ministro Silveira Martins—que fallasse menos.

O Sr. Dantas foi o principal ministro no gabinete Saraiva, que, indifferente ás exigencias da pequena politica e reconhecidamente desdenhoso de examinar a fundo uma questãõ, deixára a exclusiva direcção ao ministro da justiça. Si a inercia do presidente do conselho não lhe facultasse semelhante tarefa, de certo elle a tomaria de proprio motu.

Ninguem entre os nossos politicos póde comparar-se ao Sr. Dantas. Não é um talento, é mais ainda, um genio de paciencia. No meio da alluvião de pretensões, no atropello dos negocios, nas irritações dos adversarios, nas descommunes e insensatas exigencias dos co-religionarios, o Sr. senador Dantas ouve a uns risonho; escuta a outros attencioso; falla a todos e dá razão a todos—cheio de promessas e de esperanza.

Onde outros espiritos se fatigariam e desesperariam, o delle se compraz. Assim não ha *massantes* nem trabalho, que lhe esgotem a paciencia e actividade.

Pintaram outr'ora, em França, Thiers galgando a tribuna, como um cavalleiro de esporas e chicote, sempre prompto a montar a cavallo: o Sr. Dantas está no mesmo caso. Elle falla, ora, escreve, gesticula, despacha, responde, sorri, e vai além o seu caminho e não é facil retel-o em sua marcha.

Neste ultimo gabinete o seu talento oratorio passou por uma singular transformação. Sua palavra desembaraçou-se da diffusão, seu estylo tornou-se conciso, seu pensamento mais acentuado e claro. O ministro communicou ao orador um aperfeiçoamento notavel. Elle usou da palavra para dizer precisamente só aquillo, que lhe convinha dizer. Perdeu aquelles vãos expansivos, aquelles arroubos flammigeros.

A actividade politica, em que, desde que sahiu da academia de Olinda, tem-se empenhado o illustre conselheiro, naturalmente absorveu-lhe o tempo, que poderia consagrar á meditação e aos estudos. O Sr. Dantas tem sido um espirito condemnado á acção, que exclue o aturado labor do pensamento. Apezar disso emprehendeu fundar uma universidade. E' uma gloria, que rutilará sempre, esmaltando seu nome.

O projecto, que apresentou, encerra muitas idéas boas, aproveitaveis no meio d'um acervo de antigualhas e erros. Pecca por falta da concepção synthetica da idéa do que deve ser uma universidade no estado actual dos conhecimentos humanos, ou do progresso das sciencias. Quando ministro do imperio, seu filho e successor na pasta, o Sr. conselheiro Epiphanio Dantas, proferiu um discurso no senado, revelando uma concepção intelligente e reflectida de tão importante assumpto e mostrando conhecer o mecanismo de tão difficil organisação. O projecto de lei deve ser emendado na fórma, porque não tem esthetica na estrutura nem economia nas disposições. Abundam nelle antinomias. Não sei si valeria o trabalho de discutil-o, ou antes seria preferivel incumbir ao zelo d'uma commissão a tarefa de refundil-o e corrigil-o.

O Sr. Dantas, como ministro de agricultura, franqueou o Amazonas á navegação.

Chefe politico activo, elle conhece todos os manejos dos partidos e sempre ha de ter preponderancia entre os seus co-religionarios. Provavelmente se realizará a previsão do Sr. Souza Carvalho — é um homem indispensavel, ou inevitavel?

O CONSELHEIRO JUNQUEIRA

IV



Conselheiro Junqueira nasceu na Bahia, terra fecunda em oradores, poetas e guerreiros.

Ella laurêa-se com a gloria de seus filhos; ufana-se de ser a patria de Gregorio de Mattos, do visconde da Pedra Branca, de Francisco Moniz Barreto, Junqueira Freire, Castro Alves, Agrario e outros, que ennobrecem a nova geração.

Foi ainda o berço do visconde de Cayrú, um profundo jurisconsulto; de Alves Branco, Ferraz, Jequitinhonha, Zacarias de Góes, Nabuco de Araujo, notaveis por diversos titulos.

Nos fastos do heroismo, entre muitos bravos, conta o visconde de Itaparica, o general Pedra, duas glorias militares.

O conde d'Arganil, cardeal patriarcha de Lisboa, costumava perguntar aos estudantes bahianos, que cursavam a universidade de Coimbra — « ha na Bahia alguma fonte de talento? »

O sabio reitor admirava e exaltava a intelligencia vivaz dos naturaes daquella provincia.

O Sr. Junqueira vem dessa boa origem. Com seus esforços, procura nobilitar-a ainda mais por uma brilhante e feliz carreira politica, que data de mais de um quarto de seculo. Elle a começou, na assembléa provincial, ao lado de Aprigio de Souza, Alvaro Tiberio, Dutra Rocha, Fernandes da Cunha, Landulpho, Pereira Franco, Manoel Dantas, etc.

Era muito joven e bem apessoado. Suas maneiras, naturaes, ou estudadas, davam-lhe a gravidade de um veterano parlamentar.

Os velhos daquelle tempo viam nelle um espirito amadurecido precocemente. Os moços tinham-n'o em conta de um ambicioso, que saberia fazer o seu caminho.

O senador actual deu razão a todos e confirmou amplamente os prenuncios da admiração de uns e das invejas de outros.

A ambição no homem politico, que, como A. Chenier, sente o fogo sagrado do talento queimá-lo o cerebro, não é uma paixão censuravel, ao contrario é a grande força motora, a condição indispensavel das energias moraes na luta da vida.

As mediocridades ambiciosas são, como aquellas aves sinistras, que o poeta imaginou, abatendo-se sobre o festim e o maculando. Ao contrario a ambição no homem politico de talento, que pôde pôr ao serviço da nobre causa das idéas a penna, a palavra facil, ou elegante, é um alto dever social. Este é sacrificio, o mais das vezes, doloroso; só tem a coragem de praticá-lo as almas ousadas e dedicadas. Quantos ha ahi, na scena politica, que, apavorados, ou indifferentes ao bem publico, recusam servir o paiz, preferindo o repouso e o silencio.

Estes, ao menos, não bebem o calix das amarguras; não curvam a fronte no horto das agonias, marcada pelo ferro candente dos odios, das calumnias, ou das invejas...

Pedir os suffragios de seus concidadãos, engrandecer-se com elles, aceitar a missão de velar e defender a causa commum e não ousar affrontar o campo de batalha, é, por certo, um procedimento inconsciente.

O que justificará o retrahimento do senador Octaviano?

O apóstolo, que evangelisa idéas, é obrigado, pela santidade e grandeza de sua missão, a dar o exemplo, praticando-as. Não tem o direito de dormir tranquillo, quando os outros cumprem a palavra divina—*vigilate*; quando lutam por converter em verdades praticas os principios abstractos.

O Sr. Junqueira, por ambição de coroar a sua carreira politica, ou por desempenho do dever de cidadão, entrou francamente na liça, onde os partidos se degladiam.

O novel deputado provincial, de improviso, conquistou a reputação de orador discreto. A sua phrase era cadenciosa; o seu gesto raro, mas gracioso. Havia naquella physionomia intelligente todos os influxos da sympathia. O orador de hoje conserva as qualidades do deputado de outr'ora; resente-se, porém, da deficiencia de cultura litteraria. E' o ponto fraco da maioria dos nossos oradores. Alguns, aliás dotados de talento, provam desleixo nos rudimentos de grammatica e de logica; bem raros serão lidos d'aqui a 10 annos.

O Sr. Junqueira, sem duvida, não é um espirito inculto, antes um dos senadores, que ainda lêem e acompanham o movimento das idéas modernas. Não é um litterato acabado, como os Srs. Octaviano, Fernandes da Cunha, Vieira da Silva, Leão Velloso, ou Lafayette.

Imbuído do preconceito dominante no meio, onde vivia, suppôz que ao orador politico é absolutamente inutil a bagagem litteraria. Elle não ignorava as *pieguices philosophicas* de Cicero; lia Chatham, Fox e Burke, Canning e Guizot, Thiers e lord Stanley, mas lia-os por curiosidade e por esse instincto natural a todo talento, que se sente capaz de vigorosos surtos. Modelando-se pelos homens, que encontrou mais adiantados, seguiu-lhes o exemplo, abandonando a cultura puramente litteraria.

O seu estylo é tibio, sem as energias da paixão, que illumina o debate; sem a fórma, que dá relevo a idéa, vigor ao raciocinio, clareza á demonstração. A phrase, quando simples, é correcta; mas,—quando o orador a reveste de imagens, a enfeita e atavia,—perde as suas naturaes qualidades. E' no que tem muito tino o barão de Cotegipe.

Entretanto o Sr. Junqueira possui o condão de ser escutado n'uma camara somnolenta, ou absorvida nos cochichos entre vizinhos.

D'onde lhe vem essa rara ventura? D'uma cousa muito simples; o illustre senador falla sempre com moderação e criterio.

Não ha probabilidade de vel-o arriscar-se a uma these retumbante, que, por exemplo, Silveira Martins sustentaria com uma audacia victoriosa, ou José Bonifacio n'um arroubo de eloquencia scintillante de poesia.

O senado attento escuta-o, porque sabe de antemão que o senador bahiano tem a média das opiniões; vai dizer o pensamento commum e não vem com a trombeta do archanjo acordar o valle de Josephat, trombeta, com que o senador rio-grandense o ameaçara repetidas vezes.

Quando o orador expõe e analysa o assumpto, revela a sagacidade e vigor de seus notaveis talentos, mas nas grandes syntheses das idéas deixa alguma cousa a desejar.

Sua voz é sonora, o porte airoso; fica muito bem na tribuna, parecendo recalçar-se pela magestade do logar. O Sr. Junqueira toma ao serio a funcção de legislador.

Espirito apto a qualquer estudo, paciente no trabalho, o Sr. Junqueira foi sempre de uma utilidade, que muito auxiliou os ministros.

Quando deputado provincial era o orgão do presidente da provincia, o benemerito Sr. barão de Cotegipe; então desempenhou perfeitamente a sua tarefa com exactidão e habilidade de um logar-tenente.

Desde 1857 appareceu no parlamento nacional, onde distinguiu-se e mereceu a estima e consideração de seus amigos e foi incumbido da administração de diversas provincias.

Quando o visconde do Rio Branco o chamou para o gabinete de 7 de Março, o Sr. Junqueira disputava uma cadeira no senado.

Sobre este ministerio o paiz ainda hoje divide-se em opiniões contradictorias. A historia, porém, si por ventura occupar-se dos homens e dos acontecimentos dessa quadra, não ha de ser tão severa com elle, como fôï a opposição parlamentar, á vista dos factos posteriores. E' o éculeo das opposições o desmentido, que se dão a si logo que apoderam-se do poder. Seria estreiteza de animo desconhecer que o nome do visconde do Rio Branco ficou gloriosamente esculpido nos annaes do parlamento e do governo do paiz.

O Sr. Junqueira, como ministro da guerra, administrou com zelo e solitudine o exercito e fez importantes melhoramentos. Sua opinião sobre este ramo do serviço publico merece toda a consideração ao senado.

O ministro da guerra secundou efficazmente o presidente do conselho, visconde do Rio Branco, que ora debatia-se nas garras ferozes de Zacarias de Góes, ora na camara temporaria affrontava uma opposição numerosissima, intransigente, indomita e illustrada.

Si ao ministro da guerra faltavam a virilidade e impavida sobranceira do seu collega do imperio, por outro lado sobejava-lhe a habilidade consummada nos debates da tribuna.

A opposição poupava-o. O Sr. Junqueira tinha a sua diplomacia no campo contrario. O Sr. Paulino de Souza e seus amigos pareciam descriminal-o dos outros

ministros. Era bemquisto até dos Srs. Silveira Martins e Martinho Campos. Um ministro, que suscita odios, traz uma grande fraqueza ao gabinete; um ministro, habil em captar as atenções dos contrarios, auxilia efficazmente o seu ministerio.

Nesse periodo, em que a evolução das idéas chamou á direcção do estado a politica inaugurada em 5 de Janeiro de 1878, o senador bahiano tem se mantido galhardamente no seu posto de honra.

A época não exige nada mais delle. Os partidos fazem uma renuncia geral de suas idéas, abdicam a sua autonomia e confundem os seus interesses. E', com a cumplicidade do silencio da tribuna e da imprensa e com a inercia, ou indiferença, que estes factos se consummam.

O Sr. Junqueira é moço e vigoroso, rico de instrucção e de experiencia; dotado d'uma palavra facil e amestrada; merece consideração e confiança. O futuro politico do paiz abre-lhe vastas perspectivas. Quando os athletas—fatigados—vão se retirando da arena, o que fará esse lutador ainda robusto e válido?

Uns dizem — que lhe falta audacia; outros — fé nos homens e nos principios; é um atheu em politica e fervoroso catholico em religião.

O CONSELHEIRO CHRISTIANO OTTONI

V



movimento parlamentar, que realisou a maioridade do imperante, estava consumado. Entre outras consequencias, collocou os partidos desarmados na dependencia de Cesar. Na estréa do reinado a nação, descrente dos partidos, poz sua unica esperança no throno. Perdida a autoridade moral nos espiritos, os homens politicos, demasiado ávidos do poder, ficaram reduzidos a disputar os favores da corôa — unico arbitro d'ora avante do governo do paiz.

A reacção, refreadora do desenvolvimento democratico, operou-se naturalmente, expellindo do ministerio os Andradas, Limpo d'Abreu, Hollanda Cavalcanti, *baldeando* no novo o aulico Aureliano.

Não se fez sem luta e sem violencia. A lei de 3 de Dezembro foi a rêde de compressão, em que se involucera o imperio.

A liberdade confiscada, os direitos conculcados levantaram, em diversas provincias, as mais solemnes protestações. Minas e S. Paulo desfraldaram aos ventos do acaso a bandeira da revolução.

O partido da ordem, com] uma energia—não extreme de inflexiveis rigores,—pacificou o paiz, manteve a integridade nacional e restabeleceu a causa da monarchia constitucional sobre bases seguras.

A corôa ficou omnipotente, armada de uma centralisação administrativa e judiciaria, que atrophiou todas as forças vivas da nação.

As dissoluções do parlamento vieram mostrar até que ponto o povo submisso resignava-se á vontade do poder.

Então a corôa emprehendeu um tentamen arriscado ; quiz governar por si.

Confiou a direcção apparente do estado a um homem, quasi estranho á politica, sem o prestigio do talento, do saber, dos serviços, ou da popularidade.

O visconde de Macahé, chamado a organizar um ministerio, ficou aturdido da inopinada fortuna. Receiou da tarefa e até se reputava tão desacompanhado, que julgave urgentissimo *tirar das prisões os futuros ministros.*

Neste periodo o partido liberal se denominava *luzia* e o conservador *saquarema*.

Os grandes lutadores de 1826 á 1831 occupavam ainda os seus postos de honra no parlamento. Bernardo Pereira de Vasconcellos era o oraculo, que illuminava o partido, que elle soube organizar e disciplinar.

Honorio, depois marquez de Paraná, como um obreiro infatigavel, imprimia á politica a energia de uma vontade brutal e temeraria.

A luta tinha de travar-se entre contendores audazes ;—uns ulcerados com a derrota ;—outros sedentos de desforra.

A camara desde então foi um campo de batalha. O Sr. Christiano Ottoni e seu irmão Theophilo Ottoni, vestindo a armadura, desceram a esta liça, onde se pelejava a causa do liberalismo, convertido n'um instrumento de reacção.

Bernardo de Vasconcellos não era consciencia susceptivel de escrupulos. Elle, á frente dos saquaremas, fez guerra a ferro e fogo. O visconde de Macahé, ás vezes inconsciente, assistiu ao combate e desempenhou a empreitada.

Entre os lutadores valentes o Sr. Christiano Ottoni assignalou-se e recolheu os applausos da admiração geral. Foi talvez o mais bello momento de sua carreira parlamentar. Ainda moço e ambicioso, trazia á tribuna politica todas as audacias de um talento viril, nutrido de sciencia, altivo e soberbo de sua superioridade e de suas inquebrantaveis convicções.

O que resta de seus discursos é um pallido reflexo de luz, que se vai extinguindo. Elle tem os defeitos de suas boas qualidades. Mathematico, o Sr. C. Ottoni assenta e resolve um problema politico tal, qual uma equação. Seu estylo é conciso até a aridez, a phrase laboriosa, os raciocinios correctos e as demonstrações severas. Prima pela dialectica ; é raras vezes animado e eloquente. Como o fallecido senador Zacarias de Góes, é um argumentador minucioso, sarcastico e inexgotavel. Toda a sua força concentra-se no despotismo da logica.

Entretanto o Sr. Christiano Ottoni, sem ter as expanções e generosas temeridades de seu irmão, não recuava do combate, apezar dos motejos dos adversarios, que o accusavam de esconder-se na *moita*.

As importantes questões, discutidas n'aquelle periodo, foram elucidadas pelo deputado mineiro com proficiencia.

Mais tarde, quando se projectou estabelecer a viação ferrea, o Sr. Christiano Ottoni concorreu effcazmente para o desenvolvimento e bom exito d'esse fecundo instrumento de progresso e fez relevantes serviços.

Professor da academia de marinha, honrou o magisterio ; escreveu livros ácerca das mathematicas elementares, justamente apreciados pelos competentes e adoptados em nossas escolas. Notabilisou-se n'uma polemica scientifica, em que recalcou a fadtude do marquez de Paranaguá, que, desde as côrtes de Lisboa, carregava com a triste celebridade de ser infenso ao Brazil.

O Sr. Ottoni, que provavelmente conta mais de 70 annos, é de estatura mediana, magro, temperamento bilioso, olhos vivos, fronte elevada e larga, grande craneo, que revela o poder do seu cerebro. Hoje o orgão da voz enfraquecido vai tirando ao orador muitas das vantagens da tribuna.

E', porém, o senador do Espirito Santo escutado religiosamente, discutindo com especialidade questões technicas, em que é notavel como engenheiro.

Quando está orando, denuncia o professor, que ensina; o tom é dogmatico, o gesto é impertinente. Analyse de uma questão elle a faz magistralmente e, como o seu espirito está affeito ás grandes concepções scientificas, tem um vigoroso methodo de generalisação na synthese das idéas.

Rejeitado nas urnas eleitoraes da provincia natal pelas intrigas politicas do momento, o Sr. Ottoni foi pedir suffragios á provincia do Espirito Santo, que representa no senado.

Os homens do valor intellectual do Sr. Christiano Ottoni nunca deveriam abandonar a camara temporaria, onde a opinião da nação é mais immediata e autorisada.





O SENADOR VIEIRA DA SILVA

VI

NOS palmeiras do Maranhão surgiu a escola da pretensa poesia nacional. O indio errante nas florestas; o *pagé*—pontificando nas *tabas*, deram o molde da estructura litteraria da nação brasileira.

A concepção da phantasiosa e frivola esthetica de Gonçalves Dias cahiu exhausta com a propria geração, que a preconisou. Ninguem hoje occupa-se della.

A poesia, producto das faculdades humanas, necessariamente tem a mesma natureza do productor. A poesia de um povo é a expressão de sua vida, a manifestação do seu sentir e do seu ideal social.

Entre a nação brasileira, amalgama de elementos diversos e os aborigenes, ha uma infinita escala de transformações, das quaes a sociedade actual é uma resultante. A harmonia entre a sociedade e o individuo é perenne e inevitavel. A solidariedade é reciproca' de modo, que se não póde conceber um independente, ou isolado da outra. O que é o individuo é a sociedade. Como esta sociedade actual do Brazil, remontando o curso dos tempos, despedaçando a solidariedade, iria identificar-se com as tribus primitivas?

Si a escola poetica do Maranhão deixou de vingar, não foi, de certo, por carencia de notaveis talentos. Gonçalves Dias, por si só, valia por todos; mas o mestre veiu rodeado d'uma pleiade admiravel. Trajano Galvão, Franco de Sá, Gentil Homem, Lisboa Serra e outros engenhos peregrinos illustraram a terra natal, que parece a patria predilecta de privilegiados espiritos.

As vocações poeticas, porém, não os absorveram totalmente; alguns deixaram as musas pela politica, seguindo o exemplo de Lisboa Serra.

Entre estes privilegiados avulta o Sr. Vieira da Silva, digno representante da provincia na camara vitalicia.

O senador maranhense é da geração nova do senado. No pleno desenvolvimento da idade é ainda moço, dotado d'um aspecto agradavel, alto e robusto. Na tribuna tem ares de militar, gesticulação franca, attitude imponente. Nas vibrações da voz

sente-se-lhe o sopro, que vem callido das profundezas d'alma. E' um pensador opulento de idéas e um orador facil, abundante, ás vezes brilhante. Dispõe, a capricho, de uma palavra sonora, cujas notas se lhe quebram nas emoções do debate.

Educado na Allemanha, adquiriu e apropriou-se dos methodos severos e regulares de estudo, praticados no paiz de Kant, de Hegel e Savigny.

Nenhum dos nossos oradores excede ao Sr. Vieira da Silva na demonstração de uma these. Quando o assumpto se prende a principios d'ominantes na sciencia, o orador se compraz em exhibir a cópia de conhecimentos, que illuminam-lhe o espirito.

A's vezes, comtudo, perde-se nas nebulosas antitheses da logica hegeliana. Não é, evidentemente, facil desdar dos habitos escolares; felizmente o orador não tem os sestros de advogado. As periphrases e synonymias se lhe escassêam nos discursos. Seu estylo é animado, colorido, mas simples e correcta a phrase.

E' uma honra, que cabe com justiça á mocidade estudiosa do Maranhão, a de respeitar a grammatica e a lingua. Parece que comprehende que a palavra é o instrumento da idéa e não é dado ter idéa clara, conhecimento perfeito na confusão e incorrecção da linguagem.

O senador Vieira da Silva tem merecida autoridade em assumptos litterarios e scientificos; sua erudição se denuncia pela elevação do pensamento.

Os grandes traços, que elle sóe dar aos discursos, o distanciam cá da terra; fazem-n'ò algum tanto abstracto.

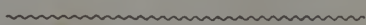
Os detalhes de uma questão lhe escapam, mas na synthese das idéas o seu talento ostenta-se vigoroso e lucido. Não se accomoda no estreito sulco da analyse; parece respirar largamente na esphera elevada das generalisações.

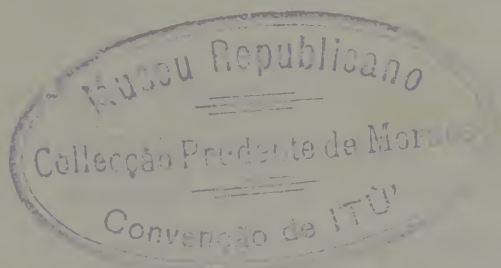
O orador abstem-se de agitar questões de mera politica. Esses debates inflamados, em que as coleras dos partidos flammejam nos labios dos tribunos do parlamento, não são do gosto do senador maranhense. Os observadores notam-lhe uma certa tibieza em ferir no ponto vulneravel o adversario. Não tem o pulso de ferro de Silveira Martins, ou de Silveira Lobo, agarrando pelas guellas um contendor desasado. Falta-lhe tambem essa ironia acerada e sorrateira, que se desliza das palavras do Sr. Lafayette.

Com todos estes dotes preclaros, o Sr. Vieira da Silva ainda não foi ministro de estado para executar no governo as idéas, que sustenta nas fileiras do partido conservador.

Seria indubitavelmente um habil ministro dos estrangeiros, ou fundaria como ministro do imperio a universidade, projectada pelo infatigavel ex-ministro da justiça, n'um plano incompleto e defeituoso, no qual todavia ha muitas disposições aproveitaveis.

O senador maranhense é um dos poucos, que cultivam o espirito e possuem reconhecida, applaudida e brilhante erudição litteraria e scientifica, n'uma corporação, onde ha timbre em repudiar as lettras e renunciar o progresso.





O SR. SILVEIRA LOBO

VII

Invadiram a minha officina alguns illustres senadores; uns apontam as imperfeições dos meus esboços; outros accusam-me de haver alindado os retratos dos Srs. Lafayette, Junqueira, Ottoni e Vieira da Silva.

Atrapalham-me de tal modo, que forçam-me a interromper e guardar para o fim d'esta serie o retrato do nobre visconde do Bom Retiro, o qual ia sahindo bem parecido.

O Sr. Correia, com as mãos cheias de dados estatísticos, demonstra a todos o direito de ter a preferencia, porque ninguem tem fallado mais, do que o infatigavel-presidente das conferencias da Gloria, nem mesmo o senador de Goyaz, que allega ao contrario ter encanecido no exercicio da palavra na tribuna do magisterio e do parlamento. O Sr. Cruz Machado faz um barulho immenso, pretendendo ser o velho, impavido guerrilheiro, em pé, no tôpo da montanha. O Sr. Silveira Martins empraza-me para retratal-o no acto de estrangular o ministerio de seu compadre e amigo Martinho Campos; promette fazer uma façanha hercica...

Meus senhores, silencio! Não estais aqui em vossa casa, nem eu estou aqui ás vossas ordens. Sou artista, tenho caprichos; hei de trabalhar para quem eu quizer. Prefiro esboçar o vulto de Silveira Lobo—homem de um *só parecer e d'uma só fé*.

Quando elle appareceu no parlamento depois da reforma eleitoral, emprehendida pelo marquez do Paraná e executada pelo mesmo ministerio sob a presidencia de Caxias, era moço, cheio de muitas illusões, de audacias e crenças nas idéas e no partido liberal.

O Sr. Silveira Lobo vinha precedido de certa nomeada academica, como succedeu ao Sr. visconde de Paranaguá: ambos estudaram no mesmo anno em Olinda.

Infelizmente as reputações das escolas não se sustentam, ás vezes, na vasta scena do parlamento, ou da vida publica.

Nas academias o espirito de camaradagem, as associações de elogios mutuos, a ignorancia da maioria levantam pedestal á glorias ephemeras.

Não é meu intento negar a importancia da nomeada adquirida nos bancos escolares. Parece que ninguem ignora que, na Inglaterra, os grandes homens, que figuraram nas lettras, nas armas e se notabilisaram no parlamento, na politica e no governo, deixaram nas universidades de Cambridge, de Eton, de Edimburgo, de Dublin e Harrow, um nome honrado pelo conceito dos mestres e laureado pela admiração dos collegas.

Nesses focos de sciencias desenvolveram elles os eminentes dotes, que os tornaram preclaros. Ainda hoje as universidades conservam os bustos de estudantes notaveis, os quaes constituem a galeria de suas celebridades.

Mas o regimen de estudos nesse paiz differe do nosso. Alli o estudante procura o saber real; aqui, em geral, satisfaz-se em adquirir o gráo, mera presumpção do saber.

A' vista desse vicio capital, não se póde confiar em nossas nomeadas academicas. Depois, na vida publica, os ignorantes são, por via de regra, os mais felizes, quando bem protegidos, de maneira que reputa-se inutil todo esforço intellectual, toda sciencia laboriosamente accumulada.

O Sr. Silveira Lobo estreou bem na legislatura de 1857 ao lado de Fernandes da Cunha, Landulpho, Paulino de Souza, Teixeira Junior, Junqueira, Bezerra Cavalcanti e outros.

A camara via nelle, si não um orador parlamentar, ao menos um homem apto a discutir com vantagem negocios graves.

Na sessão de 1859, o Sr. Silveira Lobo representou um papel saliente; foi um inexoravel intransigente contra o gabinete Abaeté.

Orador de temperamento bilioso, de vontade imperiosa, tenaz na luta, atirou-se aos ministros Salles Torres, Paranhos e Sergio de Macedo, como um destemido coureiro. Nas supremas impaciencias dos perigos, Silveira Lobo resplandecia de heroismo.

Os sarcasmos, as violencias de gesto, a intemperança de linguagem, a coragem, que não esmorece, tudo elle poz ao serviço da opposição, sem o calculo dos egoistas.

Habil no debate, energico e petulante na réplica, o deputado mineiro foi, com o Sr. Martinho Campos, o *enfant terrible* daquella sessão.

Emquanto o Sr. Saraiva capitaneava a opposição e traçava o plano do combate; enquanto o Sr. Octaviano dirigia as manobras e o Sr. Fernandes da Cunha, com o ardor d'um palladino das cruzadas, esmagava o gabinete sob a vehemencia de uma palavra impetuosa, esplendida de uma eloquencia, ora viril, ora imaginosa—o Sr. Silveira Lobo na primeira linha dos combatentes, de machado em punho, dava golpes mortiferos e apavorava as phalanges ministeriaes.

O visconde de Abaeté, presidente do conselho, habituado ás refregas, no meio da geral confusão, rabiscava distrahido folhas de papel e sorria... O velho batalhador já não tinha o entusiasmo dos antigos tempos; a gloria destas batalhas não o fascinava mais; a experiencia longa da politica e dos homens o fizera sceptico. Elle se comprazia apenas, na contemplação da scena, a repetir a exclamação do rei bretão —*como se batem os meus inglezes!*

A reforma bancaria, planejada pelo ministro Salles Torres sob o influxo das idéas da escola restrictiva, dava azo á toda contenda, e era o ponto vivo da divergencia.

Souza Franco proclamára a liberdade bancaria no ministerio precedente, presidido pelo notabilissimo marquez de Olinda. Salles Torres, seu successor, veiu operar a reacção contra os abusos da agiotagem e do credito.

A questão era, pois, vital; entendia com momentosos interesses do paiz. A lavoura e o commercio, que haviam applaudido a iniciativa liberal do senador do Pará, viam confrangidos e desacoroçoados a obra do ministro Salles Torres.

As sympathias publicas animavam os esforços da opposição e revestiam a luta de crescente interesse. Releva notar que foi uma das raras occasiões, em que, n'este paiz, a opinião publica sustentou a opposição accentuada e energica do parlamento, que mostrou-se sobranceiro ao poder e chegou a dominal-o. A gloria d'este feito ainda não apagou-se na memoria dos contemporaneos.

Mas a politica é uma dama varia e caprichosa; verdadeira Penelope, faz e desfaz a propria teia.

Lançado por terra o gabinete Abaeté, que não ousou affrontar a opinião dentro e fóra da camara temporaria, surgiu o ministerio Ferraz. Esse ministro era uma notabilidade real; era uma realeza intellectual e parlamentar. Sciencia variada e profunda, palavra autorisada, caprichos, impaciencias, audaciosas imprudencias e levezas entravam, em grande dóse na constituição do seu character. Era um homem de estado de primeira, plana, mas os eminentes predicados, que o distinguiam contrastavam com os defeitos correlativos e tornavam-no incompleto e inhabil como chefe politico.

A revelia da camara, Ferraz, que parecia ter sahido da opposição e ser a expressão do pensamento, que prevaleceu, continuou a obra iniciada pelo ex-ministro Salles Torres. A camara, em 1860, devorou com amargura a decepção, que a imprudencia do ministro lhe inflingira; submissa supportou a reforma. A tutella da mais estranha centralisação ficou dominando e as sociedades de qualquer especie, até as de dança e beneficencia, curvaram-se sujeitas ao arbitrio do governo. O sorriso de indiferença do visconde de Abaeté teria sido um presagio? Preveria elle que a camara, opposicionista, durante o seu governo, seria obrigada a cantar a palinodia sob o ministerio seguinte?

A escola liberal nunca tentou sequer alterar esta legislação, compativel só com um regimen de governo suspeito, que precisa ter a mão sobre tudo e vestir o paiz com a propria libré, desde o soldado, que jura obediencia passiva, até o cidadão, que ufana-se de ser livre e independente do bom, ou máo humor do tutor suberano.

Este povo deve, com justa razão, exprobar aos promotores do liberalismo a contradicção das doutrinas, que apregoam e não praticam e de havel-o tutelado duramente, temendo as agitações e perigos da liberdade. Se fosse dado aos governadores deste imperio, elles teriam tutelado o nosso pensamento até nas dobras intimas da consciencia.

O Sr. Silveira Lobo representa a provincia de Minas Geraes no senado; foi ministro da marinha. Durante o seu ministerio efficazmente concorreu para dar ao general Osorio o commando em chefe do exercito no Paraguay, por indicação de Silveira Martins, que, todo dia, na imprensa encarecia os meritos do general e flagellava o ministro da guerra, que lhe era hostil, chegando por este motivo a renunciar a nomeação de presidente da Parahyba.

O senador mineiro tem sido um dos mais extrenuos membros da minoria liberal do senado.

Sob a administração do ministerio de 5 de Janeiro presidiu a provincia de Minas e, rompendo por questões de dignidade e moralidade com este gabinete, conforme affirmou na tribuna, fez-lhe uma guerra das mais violentas e desabridas, de que ha memoria.

Orador—o Sr. Silveira Lobo tem um aspecto imponente na tribuna, voz forte, gesticulação um pouco desordenada. No começo de sua carreira foi um argumentador logico e dextro. Hoje—doente e fatigado—a tribuna o incommoda; o orador perdeu muitas de suas excellentes qualidades, mas tem ganho grande supremacia moral no juizo publico; todos o respeitam como um homem de bem e de *uma só fé*.

O SENADOR VISCONDE DE MURITIBA

VIII



longos traços tento fixar a physionomia só dos oradores, que têm illustrado a tribuna, ou dos homens de estado, que avultam pela benemerencia de assignalados serviços.

O visconde de Muritiba é uma testemunha de outras éras; veterano da politica, já não toma nenhuma parte nos debates do senado. A autoridade de sua experiencia, a inquebrantavel fidelidade, que vota á causa constitucional, que foi o pensamento e acção de sua vida, dão-lhe todo o realce de uma nobre individualidade politica.

Representou, longos annos, na camara temporaria a provincia da Bahia, d'onde é natural.

Nesse tempo mostrou-se habil discutidor, principalmente em assumptos juridicos. Auxiliou as manobras de Honorio na questão de maioridade. Em 1848, presidindo a provincia de Pernambuco, domou a revolução com *virga ferrea*. Homem de acção, não trepidou ante lutas e perigos. Como magistrado, conservou sempre um nome honrado e respeitado.

Ministro da marinha, da justiça e da guerra, o visconde de Muritiba observou religiosamente a rotina dos expedientes. Em todas as conjuncturas difficeis o partido conservador tem contado com a sua efficaz cooperação. Retardario na senda do progresso, o senador bahiano vive hoje nas reminiscencias do passado e atravessa desconhecido pelas novas gerações. Si elle vivesse, em França, seria um emperrado legitimista, professaria a mais viva idolatria pelos principios monarchicos, detestaria a republica com o santo rancor e indignação, de que falla o apostolo das gentes.

A monarchia, no Brazil, ainda não teve servidor mais fiel e dedicado.

Apezar de todas as dedicações, o visconde de Muritiba tem a fibra forte da resistencia aos desmandos do poder.

Sectario da autoridade até o fanatismo, elle não comprehende que uma nação possa emancipar-se da tutella do governo. A autoridade para elle resume-se na força. E' dessa

antiga escola, que desconhece, ou desdenha a energia dos principios moraes como elemento indispensavel ao organismo social. O poder lhe parece sempre sabio e legitimo: *o poder é sempre o poder.*

Hoje é difficil, sinão impossivel, julgar o orador, que teve outr'ora seus momentos honrosos no parlamento. Seus serviços, porém, são notorios no paiz. Um dos traços caracteristicos deste estadista é a excessiva severidade e tenacidade em não fazer as necessidades dos tempos aquellas inevitaveis concessões, que os *lords* na Inglaterra, com tanta sabedoria, soem fazer. Como bem pondera um mestre do parlamentarismo inglez (*) o governo da grande nação tem mantido e aperfeiçoado o regimen representativo e com elle, a supremacia da liberdade e a grandeza nacional, por meio de razoaveis transacções entre os partidos, que disputam a direcção do estado.

Em fim o visconde de Muritiba quiçá poderá ufanar-se de não haver nunca sido um mimoso da popularidade da praça publica.

(*) Remusat — L'Angleterre au 18^{me} siècle.

O SENADOR SILVEIRA DA MOTTA

IX

Natural de Goyaz e filho de um magistrado, altamente reputado pela inteireza de character e excellencia de talento, o Sr. Silveira da Motta representa aquella provincia na camara vitalicia, ha mais de um quarto de seculo.

E' um veterano parlamentar, que ainda não repousa dos combates renhidos, que feriu. Em cada sessão se lhe renova a energia, se lhe avigora a palavra, se lhe rejuvenesce o espirito.

Isolado em sua estranha e esteril posição de *radical*, elle não faz causa commum nem com a maioria, nem com a opposição.

Sysipho politico, rola perennemente o seixo de suas idéas, que, na realidade, ninguem sabe o que fariam de bem ao paiz.

Nessa obra de permanente propaganda os annos, que lhe arrebataram a melhor parte da vida, viram-n'o no sulco semeiando e não deixaram abrolhar a sementeirã.

O radicalismo do Sr. senador Silveira da Motta nunca deu fructos de bemdição, na phrase do poeta hespanhol; nunca pôde converter um impenitente; nunca soube conquistar um adepto; nunca fez um neophyto.

Mas o orador de Goyaz continúa como um apostolo, pelo menos convicto de evangelisar a verdade, a justiça e o bem.

Tenacidade do capricho, ou impotencia do espirito?

Esses homens, que, na arena politica, suscitam questões estranhas á sua época, ou não têm o sentimento da vida commum, ou não ousam pôr as mãos nos problemas da actualidade, imperiosos como uma necessidade, urgentes como um reclamo de vida e de morte.

A audacia, que lhes falta para praticamente fazer o bem, sobeja-lhes na critica, que espera violentar as leis naturaes do desenvolvimento social e dar ao *elemento humano* a fórmula e a direcção, que lhes apraz.

Um povo para elles é um automato, ao qual a acção meramente chimica imprime movimento e vida.

O senador de Goyaz julga que basta apresentar a luz de sua idéa para illuminal-o; acredita que a influencia determinante, consciente, exercida sobre o organismo humano, quer no individuo, quer na sociedade, é por si só efficaz.

No seu radicalismo indefinivel, deixa de ter a prudencia do medico, á que o legislador está restrictamente obrigado. Ha n'elle a obliteração de noções essenciaes e de regras praticas da politica e da sociologia.

Elle não pensa, como Spencer, que ha um grande perigo em substituir de chofre os antigos habitos de uma sociedade; que as forças conservadoras e progressivas são necessarias á uma nação; que a verdadeira sciencia social é simultaneamente radical e prudente; radical—porque está convicta de que o futuro encerra em si fórmulas da vida social, superiores á tudo, que podem imaginar os mais aventureiros reformadores; prudente—porque sabe que cumpre attender o passado e não modificar, senão gradualmente o organismo e os habitos politicos e sociaes.

O Sr. Silveira da Motta foi professor na faculdade de S. Paulo, onde conquistou reputação de notavel talento.

A mocidade escolastica, que avalia bem dos meritos intellectuaes dos mestres, rendia a este preito de respeito e admiração pela profunda sciencia do jurisconsulto.

Lançado na arena politica e apoiado pelas poderosas influencias daquela provincia, veiu represental-a no parlamento nacional.

Nunca quiz governar povos. Na mais intima amizade com o duque de Caxias, com Paraná, com Olinda, com o barão de Cotegipe lhe teria sido facil entrar n'uma organização ministerial e praticar o bem de suas doutrinas.

Olinda o convidára para fazer parte do gabinete. Rejeitando a pasta, indicou o Sr. Saraiva conforme, ha dous annos, affirmou no senado.

O Sr. Silveira da Motta não tem nenhum valor politico, isto é, elle não dispõe sinão do proprio voto, já compromettido pelo seu radicalismo.

Aos ministros é indifferente a sua opposição. Elle não póde, como o benemerito barão de Cotegipe, conselheiro João Alfredo, ou Dantas, cooperar para manutenção, ou a quéda de um gabinete.

Sem clientella politica, inteiramente isolado no parlamento, fez-se fraco e tomou a si contradictoriamente a defesa de interesses desconnexos; por isso não passa hoje de um guerrilheiro audaz, que, as vezes, ataca e persegue os ministerios.

Não é um general para as grandes batalhas, seguramente não é apto á guiar e manobrar um exercito. Falta-lhe o dom peculiar de influir na vontade alheia; falta-lhe a sciencia de esperar e viver com os outros homens.

O tino superior, que realça a intelligencia privilegiada do barão de Cotegipe; a energia de vontade do conselheiro João Alfredo; as maneiras delicadas e cavalheirescas do conselheiro Paulino não são dotes do espirito do Sr. Silveira da Motta.

A politica é uma arte difficil, em que trabalham todas as faculdades de intelligencia humana; é por ella que tantas vontades se concentram n'uma só. Saber dominal-as e dirigir-as a um fim é tarefa, que só desempenham aquelles que, por temperamento, genio, ou sabedoria, têm a flexibilidade de amoldar-se habilmente ás circumstancias.

O illustre senador de Goyaz não se habituaria á tyrannia, com que a clientella politica sóe perseguir os seus chefes, provavelmente para vingar-se da supremacia delles.

O orador no Sr. Silveira da Motta tem as qualidades e os defeitos de sua posição excepcional; franco, livre, audaz, é algumas vezes intoleravel pelo tom imperioso.

A sua palavra é exuberante, o seu estylo diffuso, a phrase incorrecta; mas no meio das longas digressões, o orador é original, fecundo em recursos e eleva-se por vigorosa logica.

E', apesar de certas excentricidades, um dos mais abalisados e temiveis discutidores do parlamento.

Quando elle ataca um adversario, agarra-o logo pelas guellas e, se lh'o não arrancam das mãos, deixa-o inanimado sobre o tapete.

E' um rude batalhador, sempre bravo na brecha e sempre infatigavel. Versado em assumptos juridicos e administrativos, elle falla para esclarecer as questões. E', sem contestação; um dos mais autorisados mestres do parlamentarismo constitucional no Brazil.

O nobre senador conhece o seu grande valor individual pelos testemunhos de alto apreço, com que é escutado no senado e aquilatado no paiz.



O CONSELHEIRO TEIXEIRA JUNIOR

X



marquez de Paraná, servindo os calculos do momento, acabava de operar uma evolução na politica do estado.

Sob pretexto de conciliar os partidos, assalariou as ambições de uns, annullou as resistencias de outros e transformou a corrupção das consciencias n'uma virtude publica.

Eusebio de Queiroz, Itaborahy e Uruguay retiraram-se silenciosos á tenda do repouso. O velho marquez de Olinda, previdente e sagaz, deixou obrar o esforçado operario, contentando-se apenas de pronunciar no senado um discurso a respeito do scepticismo politico, que irritou o altivo ministro, já prostrado sobre o leito da morte.

Emquanto Paraná, de alvanel em punho, demolia estas organizações das forças vivas da opinião, que os partidos representam no regimen do governo constitucional e parlamentar, fez-se um silencio geral no imperio.

A omnipotencia do governo imperial não tinha limites, auxiliada por camaras unanimes e submissas.

A conciliação não dera outros resultados. Os problemas politicos, até então agitados, não ficaram resolvidos. Os homens preponderantes, perdendo certa dóse da influencia, que exerciam, resignaram-se diante do ministro, que os affrontava.

Desde que as soluções da politica da conciliação não resolveram as questões pendentes, a situação de 1853 a 1857 foi um espasmo e não um progresso.

Os interesses se accommodam, os homens se conciliam, mas as idéas são forças vivas, que pelas leis fataes, que as regem, hão de prevalecer e incarnar-se nos factos.

Os partidos desaparecem da scena quando as necessidades, que os geraram, estão satisfeitas e exhaustas; desde então a luta é impossivel.

Cada um dos dous partidos constitucionaes guardou as suas aspirações e tendencias para tempos mais propicios.

Durante o periodo, que decorreu da queda do ministerio dos tres dias, presidido pelo conselheiro Zacarias de Góes, até hoje, os partidos reapareceram com os antigos instinctos, desmentindo a obra artificial do marquez de Paraná.

Com a reforma da eleição por circulos, um dos fructos enfesados da situação sáfara e corruptora, entrou no parlamento uma nova geração politica.

O Sr. Teixeira Junior, eleito pelo Rio de Janeiro, trazia comsigo muitas promessas de esperançoso futuro.

As suas alianças com o poderoso ministro, cuja sombra ainda se agitava na imaginação de todos; a sua opulenta fortuna, os numerosos amigos, que o apoiavam, collocaram-n'o em uma destas posições, onde tudo é facil.

Estreou na camara temporaria, revelando excellentes qualidades, que se desenvolveram no correr tempo.

O novo orador não marchou logo por uma senda triumphal, como Fernandes da Cunha, ou José Bonifacio.

Natureza paciente e ao mesmo tempo irriquieta, tenaz no seu proposito, tirou das energias da vontade, grande parte do seu merecimento actual.

Sob o ministerio Abaeté fez, com o Sr. Junqueira e outros, parte da phalange, que sustentava as idéas e projectos do ministro Salles Torres Homem.

Mantendo-se no parlamento durante algumas legislaturas, excluido em outras, o Sr. Teixeira Junior adquiriu a experiencia não só dos negocios publicos, ainda mais da estrategia da nossa politica; dirse-ia que ha nelle muito do visconde do Bom Retiro. Elle sabe, como o mestre, eclipsar-se convenientemente; guardar nos ardores das lutas um meio termo; apparentar a proposito certa indifferença, que o desobriga de tomar a vanguarda na batalha; não se arriscar á venturas á maneira dos *condotieri*. O que o Sr. Fernandes da Cunha, n'outros tempos, faria, inspirado d'uma idéa e só por amor della; o que o Sr. Ferreira Vianna, levado pelos impulsos da consciencia d'um philosopho solitario e christão, praticariam; o que o Sr. Andrade Figueira, como o *impavido do poeta Horacio*, emprehenderia, de certo o senador fluminense não tentaria nunca.

Foi ministro na ephemera administração do Marquez de S. Vicente. Sahindo d'esse ministerio, que renovou a questão do elemento servil, iniciada no gabinete Zacarias, incorreu nas iras dos dissidentes.

Sob o ministerio do visconde do Rio Branco o Sr. Teixeira Junior presidiu a camara temporaria, d'onde fôra chamado ao senado. Fez os mais efficazes esforços para dar triumpho a lei de 28 Setembro.

Foi dos poucos, que, deixando a cadeira presidencial, receberam um honroso testemunho de alta estima.

Na camara vitalicia o Sr. Teixeira Junior continuou a tomar a peito a defesa do gabinete Rio Branco; desempenhou-se da tarefa, como *leader* habil e dedicado.

O senador fluminense tem o talento de tribuna, que os inglezes tanto apreciam; é um bom *debatter*. Não lhe flameja nos labios o verbo candente de eloquencia nas irrupções da paixão, nem as scintillações subitas e vivas da idéa illuminam-lhe a palavra. Sabe, porém, acerar o discurso com epigrammas e pungir malignamente o contendor. Emfim é um orador de utilidade pratica; especialista em questões de organização e administração bancaria, em assumptos de commercio e empresas, zeloso de mais dos interesses do Estado. E' no partido conservador um homem notavel, as vezes mostra os *assomos d'um protestante*.

O SR. CONSELHEIRO CARRÃO

XI



Sr. Dr. Carrão representa a provincia de S. Paulo no senado. E' um varão, que orça pelos 70 annos. Alto, magro, phisionomia circumspecta, elle se denuncia, á primeira vista, um homem, que passou boa parte da vida a inspirar respeito; não ha que hesitar em ver n'elle um professor, ou um juiz.

No magisterio da faculdade de S. Paulo o Sr. Carrão era considerado um mestre instruido em economia politica.

Quando a opposição parlamentar, em 1859, combatia as medidas bancarias do ministro Salles Torres, o erudito jurisconsulto tomou o primeiro lugar na fileira dos combatentes.

O seu discurso era esperado como uma espada de Alexandre. A opposição se desvanecia de aniquillar com a erudição do professor o ministro temerario e altaneiro.

O Sr. Carrão orou longamente, mas não causou o effeito anhelado.

Ainda era membro da camara temporaria quando fez parte do gabinete Olinda, denominado das *aguias* em 1865, substituindo o do conselheiro Furtado.

Ministro da fazenda, o representante paulista nada innovou: seguiu a rotina tradicional do thesouro.

Entretanto nenhum ramo da administração publica ha no estado, que reclame reformas, como o financeiro.

A revisão do systema de contribuição é uma necessidade; a base dos impostos não póde ser peor, do que é actualmente. O tributo não tem egualdade nem justiça, entorpece o desenvolvimento da producção. A legislação fiscal encerra grossos absurdos.

O Sr. Carrão deixou o regimen do thesouro tal, qual achou.

Elle teve, porém, de sustentar renhidos combates com o Sr. Zacarias de Góes, homem notavel pelo talento e pelo intolerante orgulho.

O Sr. Zacarias era um dialecto de primeira ordem; discutidor implacavel, mordaz e maligno. Tomou na tribuna politica o papel de denunciante, revelava tudo e atacava a todos; fez-se timido; foi o terror dos ministros.

O Sr. Zacarias applicava, n'esta occasião, á pasta da fazenda o estribilho do Rei francez.

— *Souvent femme varie.*—

— *Bien fou qu'y se fie.*—

Eram dous professores, que se gladiavam. O mestre de Olinda era mais agil na esgrima e tinha um pulso de bronze.

O Sr. Carrão recolheu-se ao silencio durante o dominio conservador, decorrido de Junho de 1868 a Janeiro de 1878.

Reappareceu como senador e, rompendo o longo silencio, combateu o projecto de reforma eleitoral formulado, ou concertado pelo Sr. Cruz Machado e appresentado pelo Sr. Saraiva.

Foi, sem duvida, um dia de triumpho para o illustre economista.

A camara vitalicia, silenciosa, deu-lhe um testemunho de consideração, o escutando attentamente durante uma hora.

O senador paulista parece agora um protestante na igreja liberal, á cujo culto se consagrou desde a sua mocidade.

Como orador o Sr. Carrão tem a desvantagem de um orgão, que não é sonoro; não se lhe ouvem as palavras; a gesticulação não é expressiva nem grave, aponta sempre com o dedo a cadeira presidencial.

Instruido em materias juridicas, economicas e administrativas é uma utilidade, um espirito preparado para esclarecer as questões no seio d'uma commissão, ou no conselho de estado.

Seus co-religionarios applaudem a firmeza do caracter e a sinceridade de suas crenças; os adversarios o honram com estima.



O SR. SENADOR LEÃO VELLOSO

XII



Sr. Leão Velloso não é um orador; sua palavra é difficil e tardia. Nota-se. a ouvil-o, a luta do seu pensamento tentando emmoldurar-se na expressão.

Entretanto é um discutidor de merito, dextro no raciocinio; um polemista de curto folego na tribuna, mas de punho vigoroso na imprensa.

E' um dos espiritos mais lucidos do senado; um erudito; um litterato, que, si tivesse uma fôrma aprimorada, devia occupar um lugar eminente na litteratura do paiz.

Raro é o assumpto juridico, economico e administrativo; raras são as questões de sociologia, em que o Sr. Leão Velloso não seja versado.

Elle conhece a sciencia no passado e no presente. Absorvido no amor do estudo, é um philosopho no sentido dos antigos.

O movimento das idéas novas não o encontra desprevenido. Com a mesma facilidade, com que elle aprofunda as doutrinas e as praticas do parlamentarismo inglez, penetra no labyrintho da historia; compulsa Gervinus, ou Nihebur; Macaulay, ou E. May; Tacito, ou Polybio.

Nesse amalgama de variados conhecimentos, laboriosamente acumulados, falta-lhe a systematisação.

E', por isso, que nos seus discursos, ou escriptos surgem aqui e acolá idéas e doutrinas antagonicas.

Espirito bem dotado, intelligencia esclarecida, o Sr. Leão Velloso é um homem pratico, de longo saber de experiencias feito, na phrase do grande poeta luzitano.

Tem administrado diversas provincias, onde deixou inequivocos testemunhos de seus talentos de administração e governo.

O senado,—que não prima muito pela sciencia,—não conta muitos membros do valor do Sr. Leão Velloso.

Elle sempre pertenceu á escola liberal; por ella tem estado na estacada, na tribuna, e principalmente na imprensa.

A sua eterna coherencia é um dos milagres do seu espirito—inexplicavel.

O Sr. Leão Velloso não tem os escrúpulos de uma consciencia muito religiosa. Como o Sr. Lafayette, elle ri tambem dessas ficções escolasticas. O liberalismo para elle é uma senha, ou uma bandeira de combate.

No conceito de ambos, os dous partidos constituicionaes do paiz não tem principios, não tem normas e portanto lhes é indifferente ser de um partido e governar com os principios do outro.

O Sr. Lafayette neste ponto é mais diplomata; o Sr. Leão Velloso mais franco, mesmo porque é mais amestrado na pratica de governar os homens.

O Sr. Leão Velloso tem em pouca conta as convicções; são teias de aranha, em que se não enleia.

Habil em dirigir uma eleição, elle cobriu, com *um sendal pouco avaro*, a estatua da lei no Pará, mas praticou um prodigio de imparcialidade e abstenção no Ceará sob o ministerio Saráiva.

Quando o partido liberal quizer dar um desmentido ao regimen eleitoral directo, incumba ao Sr. Leão Velloso a organização de uma camara á sua imagem e semelhança.

O Sr. Leão Velloso nasceu no Inhambupe, municipio da provincia da Bahia, de uma importante familia de abastados proprietarios agricolas.

Formado em Olinda, encetou a carreira da magistratura, que abandonou.

O Sr. Sinimbú, quando presidente da Bahia, fel-o director da secretaria da presidencia e, quando ministro, no gabinete Ferraz, mandou-o presidir a provincia do Espirito Santo.

O Sr. Leão Velloso, desde então acompanhou, na boa, ou má fortuna, o partido liberal e foi presidente das Alagôas, Rio Grande do Norte, Piauhy, Maranhão, Pará e Ceará.

Estreou, como orador, na assembléa provincial da Bahia. Em 1867 representou a provincia de Sergipe na camara temporaria. Em 1877 voltou ao parlamento como membro da deputação bahiana.

Coube ainda ao Sr. Sinimbú completar a sua fortuna politica, abrindo-lhe as portas do senado.

No jornalismo o Sr. Leão Velloso sempre sobresahiu—não pela correcção nem pelo esplendor da fórma, mas pelo vigor da argumentação. Seu estylo é um pouco tardio como a sua palavra. Não se lhe surprehende uma dessas impetuosas erupções de sentimento eloquente, ou dessas subitas irradiações de idéas, que põem em relevo a phrase, opulenta o estylo e fazem a fortuna do escriptor.

Mas o espirito habituado á meditação, rico de variados conhecimentos anima a discussão e a torna substancial e forte.

Ha nelle qualidades excellentes; ouro de lei.

Uma das cousas estranhas neste paiz é o triste espetaculo de vermos homens nullos escallarem as alturas do governo supremo, quando um talento reconhecido e provado, como o Sr. Leão Velloso, é condemnado a ficar no segundo plano.



O CONSELHEIRO AFFONSO CELSO

XIII

Nunca pude apanhar de geito o Sr. Affonso Celso para esboçar-lhe o vulto. Esquivo—o nobre senador não penetrava em minha officina. De certo não desdenha a celebridade. Mas eil-o que ahi vem, e...zás, de uma pincellada retratei-o do vivo.

Mostrei o meu trabalho ao meu mestre, o conselheiro Cardoso de Menezes, consummado litterato; desdenhou-o.

Pedi o parecer do Sr. Junqueira, que me fez uma só observação no meio de um milheiro de reticencias.....

Submetto-o ao illustre poeta e artista, conselheiro Octaviano; sorrio como o personagem de Gœthe e lá se foi sem tugar nem mugir....

Suppliquei ao meu velho amigo Silveira Martins, opulento de varias lettras, a sua opinião. Gaspar unhou-me o papel de cabo á rabo e respondeu-me, com aquella voz solemne de Jupiter Olympico—é pena que não tenhas a mão pesada!...

Em meu desespero valeu-me o amigo Freitas Coutinho, que provou na tribuna merecer os suffragios de seus concidadãos. Elle persuadiu-me a ouvir o Sr. Lafayette, homem de bom conselho.

O Sr. Lafayette contemplou, longo tempo, os traços da physionomia do seu collega e a primeira palavra, que proferiu, foi—*distinguo*—, á maneira dos theologos, ou dos jaristas.

—*Distinguo*—(continuou)—para poder julgar. Sob o ponto de vista material os traços são correctos; sob o da fidelidade com o original—*nego*.

— Porque?

— Ah! não comprehendo como innocentaes o Sr. Affonso Celso do desastre do ministerio nos deploraveis dias de Janeiro e quereis que só o ex-ministro da justiça carregue com o odioso da hecatombe da rua de Uruguayana; do proposital incendio da rua dos Ourives; do spectaculo estranho de um governo, que deu um vergonhoso testemunho de fraqueza nas brutalidades e selvagerias de violencias inuteis e ineptas.....

E a voz se lhe grudou na garganta.

— Eu não devo, proseguiu com pausa, ter a culpa de tudo, que se fez por causa do meu collega, por iniciativa e deliberação sua.

— Ignoraes, porventura, que fiz serias objecções ao desastrado imposto do vintem, assignalei a tempestade, que elle levava no bojo?

— Mas, porque a policia fatalmente envolveu-se na alhada, acreditaes que tudo, que se praticou, foi por ordem minha? Enganae-vos.

« O povo, insuflado, reclamava os cadaveres das victimas. Deliberou-se mandal-os enterrar, ás occultas, durante a noite.

« No dia immediato as folhas annunciaram a hora marcada para o sahimento do

enterro. Desde S. Francisco de Paula, largo da Carioca, ruas do Ouvidor, Gonçalves Dias, Uruguayana havia uma ingente mó de povo.

« A tropa estava comprimida sem movimento possível. Assim era urgente pol-a em condições de ter toda sua acção livre. Que fazer em tal caso ?

« Não fui eu—não ; opinou-se que era necessario achar um stratagemma qualquer, que deslocasse a multidão, a fraccionasse e despersasse

« Avisinhava-se a hora; a multidão regorgitava. A immensa serpente humana silvava, contorcia-se. Erguia-se, era um perigo deixal-a avolumar-se ainda mais.

« Imaginou-se incendiar um dos armazens, que vendem armas. Dito e feito. A policia incumbio a tarefa á homens expeditos. Os bombeiros, á ponto, acudiram. O povo correu a ver o incendio da casa Laporte. Deslocou-se a multidão, fraccionou-se. A di-versão operou-se completamente e a tropa desembaraçada ficou senhora do terreno.

« E' verdade que applaudi o resultado e achei o expediente policial habil e economico, porque fez, á custa alheia, um grande serviço á ordem publica, tive tentações de apropriar-me da gloria da façanha, mas era preciso renegal-a para não se indemnisar o damno. O go-verno d'es'tarte viu-se livre de sustos e perigos : com o incendio acabou-se o motim. Bem sei que ninguem houve ahi tão simplorio, que não visse a mão da policia impudentemente ateando fogo no petroleo... como recentemente praticou na rua de S. Pedro. Que remedio ! São duras necessidades... Notai que o incendio e a hora do sahimento coincidiram.... de proposito »

Um sorriso, repassado de mansuetude, florejou nos labios do ex-ministro da justiça.

Então o Sr. Lafayette, pegando do pincel dextramente, completou o retrato do modo seguinte :

— O Sr. Affonso Celso é natural da provincia de Minas Geraes. Na mocidade de-leitava-se em contemplar as magnificencias da natureza selvagem. Sua imaginação, errante por cima das montanhas escalvadas, scismava como uma fada.

Elle amava escutar a ventania do deserto e gostava de ver cahir o lume vivo das estrellas, arraiando a folhagem verde-negra.

Tinha alma de poeta e sentia a commoção da inspiração, que referve e irrompe, semelhante á lava das entranhas d'um vulcão.

Quando cursou a faculdade de S. Paulo, começou nelle o incendio das ambições politicas do porvir ; renegou o dom da poesia vaga, melodiosa das soidões de Minas ; aspirou o ruido das praças publicas ; exercitou a palavra—esse raio da omnipotencia do orador.

Formou-se, tendo sido um estudante laureado naquelles tempos, em que a academia conta-tava talentos da plana de Silveira Martins, Ferreira Vianna, Paulino de Sousa, F. Farnese, Felix da Cunha, Andrade Figueira, dos quaes, si m'o permittirdes, direi que tambem fui collega.

Voltando á Minas, auxiliado pelo conselho Diogo de Vasconcellos, entrou na carreira dos empregos publicos.

O senador Silveira Lobo, como erradamente se tem propalado, não abriu-lhe o recinto da camara temporaria.

Corria o anno de 1864. O Sr. Zacharias de Góes, que não era lá um bom sujeito em politica, havia feito umas riviravoltas e encastellou-se no governo.

Discutia-se na camara a questão do prolongamento da estrada de ferro de D. Pedro II: uns opinavam que seguisse por aqui, outros por ali.

O Sr. Christiano Ottoni pensava que sua opinião deveria impôr silencio; não tolerava ser contrariado.

Eis sinão quando ergue-se de improviso um joven deputado e atira-se á arena do combate com a sobrançeria de um lutador impavido.

Coberto de applausos e admirado por todos, concluiu a sua brilhante e vehemente oração.

O Sr. Zacarias de Góes notou especialmente a audacia, com que o mancebo orador investio contra o velho paladino liberal: ficou muito contente.

A politica é nimiamente corruptora e obscurece as consciencias. O Sr. Affonso poz a mão neste ferro em brasa e queimou-se.

O Sr. Zacarias era um notavel talento; com a mania de macaquear Guisot tinha certas insolencias, não sabia que o viver é uma sciencia de calculo, com que, eu por mim, o digo, não se vae mal. Altaneiro, se comprazia em abater todo mundo; denominava a camara—confraria de pedintes e procedeu de modo tal, que o Martinho de Campos arrufou-se e, como foi sempre um rebelde, entrou a fazer-lhe umas caretas, a preparar-lhe emboscadas e a disparar-lhe tiros á todo instante; praticou peor commigo e o Sinimbú.

N'esse comenos o Souza Carvalho—um epicurista politico, mas um conspirador permanente, formou alliança com Martinho e urdiu uma conspiração subterranea e terrivel: parecia aquelle demonio de Dante, devorando com prazer as almas dos condemnados.

Martinho Campos fez-se o braço direito da conspiração e levantou o guião do combate, assentando-o no terreno do projecto da dotação da Augusta Princeza Imperial e da subvenção da companhia americana de navegação.

José Bonifacio, ministro do imperio, collocou desasadamente o debate, assomou-se, irritou-se e atirou com a pasta pelos ares no meio dos sarcasmos do Martinho e das perversidades dos epigrammas do Souza Carvalho.

Esse deputado pernambucano, que é um artista pelo amor da arte, conseguiu arrastar comsigo os conservadores, como Salles Torres, Paulino de Sousa, Paranhos, e até o—*incredibile dictu*—visconde de Nictheroy !!...

O ministerio Zacarias foi barbaramente estrangulado.

Improvisou-se o gabinete Furtado, que o Sr. Saraiva asphixiou no escrutinio da mesa. O marquez de Olinda reapareceu a frente do *ministerio das aguias*.

Este marquez era um excellente mestre. Não o perdi de vista; quando penso nelle, recordo-me de um conceito de Nicoláo Machiavello, que merece-me tanto apreço como o Rabbino de Granada. Havia uma maçoneria entre o marquez e o Zacarias, elles se revesavam no governo do Estado, monopolisando-n'o.

O estadista bahiano, organisando o gabinete de 3 de Agosto, escolheu o Sr. Affonso Celso como ministro da marinha.

Moço, ambicioso, intelligente e audacioso, o Sr. Affonso, em politica, assemelha-se aos nautas aventureiros, que fazem prôa ao largo e não se apavoram com o bulcão da tormenta. Eu, por mim, penso que é mais seguro navegar á vista da terra, porque sempre haverá perto um abrigo; mas é uma questão de methodo—o essencial é chegar-se ao fim.

O joven ministro da marinha, a braços com a guerra do Paraguay, communicou á armada, aos arsenaes, aos armamentos, a exuberante actividade do seu espirito.

Aprestou navios, accumulou petrechos bellicos, reuniu e libertou escravos e os converteu

em soldados, ou marinheiros ; mandou construir estradas de carris de ferro para facilitar a passagem de tropas, ou de viveres, emfim foi um infatigavel operario da causa publica.

Nos debates parlamentares o ministro, já levado d'essa faculdade de allucinação, que antevê o porvir, tentava hombraear com o presidente do conselho ; mas o Sr. Zacarias ora lhe atirava uma dessas ironias finas, habituaes a malicia do seu espirito, ora o fazia magistralmente entrar na ordem. Quando ministro do Sr. Sinimbú o Sr. Affonso dominou.

Hoje o ex-ministro da marinha e da fazenda fez o seu caminho. O Dantas irrita-lhe os nervos ; o Martinho Campos é-lhe um tropeço ; o Gaspar tira-lhe o somno, comparando o Rio Grande a Minas.

O Sr. Affonso é incisivo, um pouco intiriço de vontade. E' indubitavel que elle não tem a bravura do Silveira Martins, que é um despota pela idéa, pela palavra e pela vontade.

Eu prefiro os espiritos flexiveis tal como o meu e o do Junqueira, que, apezar do seu mysticismo religioso, ainda não conseguiu reconciliar-se com a Santa Madre Igreja Catholica, depois da impiedade praticada com os bispos, segundo me asseverou o Ferreira Vianna. Mas o verdadeiro ideal destes espiritos é o meu collega o visconde de Paranaguá. Elle sempre me pareceu tão geitoso, que dava-me vontade de ser pupillo sob o seu juizado de orphãos.

O Sr. Affonso está reservado para grandes lutas, logo que o Saraiva e outros, deixarem por invalidos o primeiro plano.

O seu talento oratorio é a expressão do seu temperamento. Sua palavra é aggressiva, ironica ; algumas vezes accende-se nas coleras, que alimentam e engrandecem o debate ; então a eloquencia anima os seus discursos.

As suas exposições são claras, as demonstrações são concludentes, o estylo agil e pouco substancial. Não tem a fórmula correcta nem o colorido dos oradores, poderosos pela severidade da logica, como era Royer Collard ; ou do sentimento, como de Serre, ou Caning.

No esplendor da idade, ainda esperançoso do futuro, o senador mineiro toma no senado a attitude de um chefe de partido, que alguns parecem contestar-lhe.

Na tribuna a sua physionomia é animada, a postura natural, a gesticulação é livre, em alguns momentos desdenhosa, a voz tem um certo timbre acrimonioso.

O Sr. Affonso tem servido ao partido liberal com dedicação, assiduo na tribuna parlamentar hoje, outr'ora foi um corajoso lutador na imprensa politica e nos comicios eleitoraes.

« Tal me parece o politico e orador. »

Roguei ao Sr. Lafayette me facultasse reproduzir a sua obra. Observou-me que haviam nella certas malicias e indiscripções. Ponderou-me confidencialmente que lhe não convinha dar na vista e expor-se aos riscos da celebridade ; tanto era esse o seu proposito—que, em silencio e em observação, espreitava o novo ministerio.

O Sr. Lafayette, apontando para a camara temporaria, disse—que, ao menor ruido do seu nome, um certo deputado faria ressuscitar o seu ministerio e lhe tomaria severas contas e o Gaspar aproveitaria do ensejo para glozar de novo aquelle celebre motte—os juizes da festa—e concluiu dizendo-me—*inertia sapientia*.





O CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO

O CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO

XIV

Representante de uma provincia, cuja historia encerra tradições de heroismo e de gloria, desde os tempos coloniaes, o senador João Alfredo parece incarnar em si o indomavel e nobre orgulho de seus conterraneos.

A coragem pernambucana, que scintilla como gladio invencivel em campo de batalha, o illustre cidadão ostenta nas campanhas politicas.

Nenhum ministro, depois do marquez de Paraná, dirigiu uma maioria com tanta sobrançeria, como o ministro do imperio do gabinete 7 de março.

Fazia lembrar o tom arrogante, com que Cazimir Perrier, na camara franceza, ordenava aos seus fieis sectarios—*debout, messieurs*. Ninguem ousava recalcitrar contra o ministro francez no parlamento, como contra o conselheiro brasileiro.

A maioria ministerial movia-se submissa; a opposição irritada envolvia o ministro nos mais arduos combates.

O Sr. Paulino de Souza, diante da tenaz energia do *leader* do gabinete, como intrepido chefe, atirava-se a brecha, guiando as suas phalanges; nas quaes o Sr. Ferreira Vianna dava admiraveis exemplos do heroismo da eloquencia; o Sr. Andrade Figueira, imperterrito artilheiro, metralhava o ministerio; o Sr. João Mendes de Almeida, um espirito capaz de tecer uma rede de conspirações, cercava o ministro com mil ardis de guerra.

A luta era encarniçada e tremenda; a bravura dos contendores heroica.

O ministro do imperio, ao lado do visconde do Rio Branco, era a audacia, a vontade, o braço forte do governo. A sua coragem passava para as almas timidas, que receiavam o desfecho da batalha.

Si o visconde do Rio Branco elevava-se pelo esplendor do talento nos debates, o conselheiro João Alfredo era o guia, em quem a maioria confiava; a este homem de estado tambem deveu o gabinete de 7 de Março os triumphos conquistados no meio de tantos perigos.

O visconde do Rio Branco, muitas vezes desacoroçoado, quiz abandonar o projecto da emancipação do elemento servil, mas o conselheiro João Alfredo não só avigorou-lhe a vontade, mas mostrou-se tenaz e deu o exemplo de coragem a maioria.

E' certo que o presidente do conselho, um dia, foi declarar a princesa imperial a impossibilidade de manter-se o ministerio.

O conselheiro João Alfredo, pelo contrario, declarou que não recuaria do proposito, e custasse o que custasse, havia de fazer triumphar a ideia.

O telegrapho transmittiu ao Imperador, que estava na Europa, o desespero do presidente do conselho e a energia do ministro do imperio. Sua Magestade ordenou que o ministerio fizesse o seu dever.

A emancipação do elemento servil, que foi inculcada como um reclamo urgentissimo do paiz do mesmo modo, que mais tarde a eleição directa, fraccionou o partido conservador e creou no seio da camara, quasi unanime, uma opposição numerosa, disciplinada, intransigente e indomita. A maioria dos talentos da camara adheriu á causa da opposição, cujo principal pretexto cifrava-se na lei da emancipação.

Em honra da opposição dessa quadra parlamentar releva notar que ninguem queria sustentar o execrando regimen da escravidão, doloroso legado do passado do paiz.

A divergencia versava, apenas, sobre os meios de resolver o problema social. Todos estavam acordes em tomar medidas, que pudessem extirpar esse cancro social, que corroia as entranhas da sociedade brasileira.

Mas o governo, surdo aos clamores da razão e dos legitimos interesses do Estado, feichava os olhos para não ver e pretendia desse modo impôr a sua vontade soberana. D'ahi a luta.

O Sr. João Alfredo não deu quartel á opposição, feriu-a atrozmente. Si ella o não deixava em repouso, elle tambem não n'a poupava.

Derrotada a opposição e victimada pela dissolução da camara, o Sr. João Alfredo appareceu á frente da maioria ministerial na legislatura seguinte. Novos e renhidos combates sustentou contra os destemidos opposicionistas.

Foi um ministro cheio de valor, rigido na disciplina de suas cohortes e audaz em face dos adversarios.

Assignalou-se na tribuna todas as vezes que lhe cabia esclarecer o debate.

A sua palavra é sonora e facil, altiva como o orgulho, que é a substancia do character pernambucano.

Nas exposições de factos elle prima pela claresa e concisão, qualidades apreciaveis n'um homem de governo. Simula, ás vezes, uma certa *imperatoria brevitatis*, que prejudica, de algum modo, o effeito oratorio. Não vem fóra de proposito lembrar-lhe que Plinio Junior ensinava que tão grande defeito é a demasia, como a excessiva concisão no expôr idéas, que devem ficar intellegiveis e claras.

Espirito reflectido e perspicaz, não recua nem diante das difficuldades nem do trabalho. Consciente do seu merito, sabe occupar o seu lugar entre os estadistas do paiz. Apesar de sua altivez é um cavalheiro de trato distincto e digno de verdadeira estima.

Entre os nossos politicos é um dos caracteres mais leal e serio. A sua palavra inspira viva confiança a seus amigos. Os seus co-religionarios o consideram em alta conta. Na hora da ressurreição do partido conservador, quando a abdicção das idéas deixar de ser uma conveniencia *de opportunismo*, o conselheiro João Alfredo está des-

tinado a representar um brilhante papel e a ser um dos chefes benemeritos do partido conservador, que ha de comprehender a necessidade de reunir todas as adhesões e concentrar todas as forças intelligentes, que possue.

O conselheiro João Alfredo é um potentado politico, tem valor individual e o do concurso numerosa clientella e exerce incontestavel influencia por todo norte do imperio, até no sul.

Elle tem o dom de influir na vontade alheia; sabe identificar-se com a causa de seu partido e dos seus amigos.

Pensa,—como Guizot, o qual nesse ponto parodiava o segundo Pitt,—que nada se póde fazer em politica sem ter fé nos homens e nos principios.

Sem duvida, essa é a politica, que é inspirada por um criterio racional e póde ter uma acção efficaz nos negocios do paiz; o mais é um subterfugio, que não illustra á ninguem e não utiliza aos legitimos interesses da nação.

Como administrador, o conselheiro João Alfredo deixou os mais eloquentes testemunhos de sua actividade. Sem desprender-se inteiramente da rotina, foi muitas vezes ousado e innovador; quebrou os grilhões, que encadeiam a maioria dos ministros, mesmo á homens do alto merecimento do Sr. senador Lafayette—o maior rotineiro, que tem tido a administração publica, o homem das pequeninas tricas do expediente, timido diante de qualquer resolução racional, apesar de haver, como sabio jurisconsulto, condemnado os absurdos do nosso regimen regulamentar.

Com vistas largas o conselheiro João Alfredo encara as questões de frente e as resolve com a independencia de seu character e a segurança da sua intelligencia.

O ensino publico, as faculdades, os gabinetes de physica e chimica, o museu, os institutos, as bibliothecas, os edificios publicos, os melhoramentos materiaes e moraes mereceram-lhe desvellos e excellentes medidas.

Entre os desperdiços, que o governo sóe fazer, ahí está o jardim-parque do campo da Acclamação, como uma bella obra, que ennobrece á cidade, justifica e honra o ministro.

O Sr. João Alfredo teve o projecto de fundar uma Universidade, reuniu todos os elementos para realizar essa obra do progresso, civilisação e grandeza nacional.

Poucos ministros deixaram de si uma historia tão honrosa, como o honrado senador pernambucano.

Hoje—que seu ministerio passou,—podemos todos louvar e apontar com justiça e calma os seus actos, tão uteis ao paiz apesar dos erros da sua politica de *opportunismo* de 71 a 75.

Não foi, de certo, um ministro vulgar quem tanto cooperou para o bem publico.

Dissidentes, intransigentes e intrataveis podem dizer delle, como, na grandeza de sua justiça, um dia Roberto Peel disse de Palmerston, seu adversario, em pleno parlamento.—*Nós todos aqui nos sentimos orgulhosos delle.*





SILVEIRA MARTINS

SILVEIRA MARTINS

XV

Miguel Angelo, o grande mestre, recommendava aos discipulos a perfeição, como uma condição essencial nas obras d'arte. Elle proprio, que aviventava o marmore, costumava a polir cuidadosamente os contornos de suas estatuas. Enlevado e pensativo diante do Moysés, expressão da energia e grandeza, não cessava de retocal-o. Queria que á fórma e a idéa se harmonisassem para se perpetuarem na admiração. (1)

Parece que Chateaubriand imita-o, ensinando que—só se póde ser lido, em todos os tempos, pela perfeição do estylo.

Estava eu, em minha officina, preocupado do preceito dos dous mestres e retocando os retratos do senador Octaviano, do barão de Cotegipe, do visconde do Bom Retiro, eis sinão quando forçam estrepitosamente a entrada.

— Ah! o que queres, meu velho amigo?

— Que me retrates agora; não sabes que, em pleno senado, estrangulei o ministerio do meu compadre e amigo Martinho Campos?

— Devéras, Gaspar?

— Eu cá, quando digo, faço. Toma o meu conselho—o ferro quente na bigorna.

— Mas, si não tivesses tanta pressa.... eu terminaria estes tres retratos, elles me têm custado os olhos da cara e do espirito...

— Comprehendo: tu queres metter-te a ser artista e poeta, fallando de Octaviano; imaginas todas as sagacidades do Cotegipe e te vês tonto com os multiplos talentos do Bom Retiro. Si não tivesses sido indiscreto, o Lafayette poderia auxiliar-te... mas, depois do retrato do Affonso Celso, aposto que elle não pega mais do pincel. Este malicioso Octaviano não só applaudiu, como andou mostrando a todo o mundo a tal obra.

— Seja. Fica muito quieto. A machina vai trabalhar.

Gaspar da Silveira Martins nasceu em Bagé, na provincia do Rio Grande do Sul, de uma familia de abastados estancieros: conta 47 a 48 annos de idade.

Os biographos, a mais frivola raça de escriptores—, quando lhe fizerem a biographia,

(1) Edgard Quinet. Rev. en Italie.

indagaram, si, em menino, elle mordeu na face ao companheiro dos folguedos, como fizera Alcibiades. Esmerilharam todos os gestos, que prenunciavam o tribuno vehemente, o agitador dos comicios eleitoraes.

Ainda criança foi entregue aos cuidados do conselheiro Victorio, este benemerito educador da mocidade brasileira.

Gaspar—desde os bancos do collegio, foi o orgulho do velho mestre, que, mais tarde, com fanatismo corria á camara dos deputados para ouvir a eloquencia do discipulo, a qual chamava—espada de fogo.

O conheci em Olinda, pela primeira vez, em companhia de Marques Rodrigues, um bello talento do Maranhão e de Landulfo, que teria sido a gloria dos nossos publicistas, si a morte o não houvesse cortado em flôr.

Eramos todos estudantes e meninos. Gaspar só mudou no physico. Os annos começam a atirar-lhe nevoas nos cabellos, mas não lhe entraram n'alma. A mesma energia de vontade lhe ficou, o mesmo ardor do enthusiasmo pelas idéas, a mesma idolatria do patriotismo o animam inda hoje.

De Olinda passou-se para S. Paulo, onde terminou o curso academico entre os applausos dos mestres e dos condiscipulos.

Era advogado distincto, quando o visconde de Muritiba, que o conheceu de perto, durante o tempo, em que presidiu o Rio Grande do Sul, nomeou-o espontaneamente juiz municipal da côrte.

Silveira Martins exerceu a magistratura com a religião do direito, com a consciencia illustrada do jurisconsulto, com a dignidade dos antigos magistrados.

Elle poz o *Forum* em movimento, inspirando terror a uns e confiança á outros.

A um illustre senador, que requeria perante elle, deu um despacho, que provocára uma replica azeda. A um membro do Supremo Tribunal quiz metter na cadeia para provar que *havam juizes em Berlim*. Ao ministro da justiça, que se intromettia em suas attribuições, rerpondeu com a altivez do homem impavido.

Abandonando a carreira judiciaria, regressou ao Rio Grande, onde pôz-se á frente da imprensa e dirigiu a luta politica.

Não sendo um protegido, batalhou longo tempo; é dos soldados, que, por si, conquistam as dragonas e aos quaes só a victoria confere o bastão de marechal.

Dissolvida a camara em 1863 pelas as hypocrisias do ministerio Olinda, Silveira Martins concorreu as urnas. A sorte rasgou o seu diploma e o deu ao seu contendor, o Sr. Machado Pinheiro.

Por essa temporada Silveira Martins cobriu de pungentes sarcasmos os politicos, principalmente o conde de Porto Alegre, que era o potentado do Rio Grande.

Como o satanaz do poeta Milton, cahindo fulminado, mas não abatido, ergueu-se de subito e atirou-se de novo á luta.

A guerra do Paraguay ministrou-lhe azo á uma controversia diuturna, em que as vehementes energias do seu temperamento serviram a fama e abriram a estrada de gloria ao general Ozorio.

O Sr. Silveira Lobo era ministro e fez nomear Silveira Martins presidente da Parahyba, mas o nomeado regeitou a carta imperial, preferindo ficar na côrte para defender a causa do general.

Terminada a estovada campanha do Estado Oriental, bombardeada Paysandú, o exercito brasileiro perdeu o seu chefe—o general barão de S. Gabriel. Era mister nomear novo commandante. Ferraz, ministro da guerra, ora queria escolher o barão de Suruhy, ora um dos generaes Bittencourt ; hoje pensava no visconde de Camamú, amanhã no general Polydoro

Silveira Martins indicou na imprensa o nome do brigadeiro Osorio e demonstrou que nenhum general reunia as condições do bravo rio-grandense. Respondendo a algumas objecções, concluia por estas palavras—si o não nomeiam, porque não é marechal, façam-n'ò, porque elle sagrará o posto com a victoria no campo de batalha.

A disputa foi violenta e as vezes atroz ; os contendores tenazes. Silveira Martins não é dos que *arranham* o adversario ; não—esmaga-o de uma vez.

O brigadeiro Osorio fôï nomeado e partiu com o exercito para Corrientes—e emprehendeu essa louca e deploravel campanha do Paraguay, onde o soldado brasileiro deu admiraveis exemplos de paciencia, de dedicação, de patriotismo e bravura ; onde os generaes rivalisaram de heroismo, mas tambem de reconhecida incapacidade.

A historia ha de maravilhar-se, no futuro, da politica, que provocou estolidamente, ou não soube evitar essa guerra, que destruiu o povo inimigo, arruinou as finanças do imperio e paralisou o seu progresso, onerando as gerações presentes e futuras com a enorme divida, da qual provém os crescentes embarços, com que lutamos.

Silveira Martins reorganizou o partido liberal em sua provincia, impoz-lhe a disciplina de um regimento.

Quando o marquez do Herval regressou victorioso, legendario, aureolado de glorias, naturalmente prestou o seu prestigio ao corajoso athleta, que tanto pugnára por engrandecel-o.

A posição de Silveira Martins era forte no seu partido e tornou-se ainda mais com a politica do ministerio Rio Branco, que queria annullar os conservadores dissidentes no Rio Grande do Sul.

Silveira Martins fez uma deputação em pleno dominio conservador. Na Camara travou luta com o visconde de Mauá, que apoiou o gabinete e o forçou a exilar-se do parlamento.

Desde então domina como potentado absoluto a provincia, que é o instrumento de suas victorias. Esse Antheo politico abraça-se com a terra natal e revigorado affronta até os governos do seu partido.

O Rio Grande do Sul é a estrella, que o illumina e guia. Elle ama a sua terra como Oconell a verde e infeliz Erin. O tribuno brasileiro ostenta as grandezas da patria, ao passo que o colosso irlandez chorava as miserias e gemia nas agonias da sua. Como, na Irlanda, o povo sentia, movia-se a voz do seu representante, no Rio Grande, Gaspar inspira paixões, idéas, vontade á provincia.

Nenhum homem politico ousaria escrever o que Gaspar publicou em manifesto á provincia durante as ultimas eleições, porque nenhum homem politico dispõe da immensa popularidade do tribuno rio-grandense.

O governo de ambos os partidos creava influencias, segundo as proprias conve-

niencias; mas eis ahi um homem audaz, um espirito elevado, que despedaça a coleira da submissão e trata o governo de igual a igual; não lhe pede a sua força, impõe-se pelo prestigio e pela força, que traz da provincia.

Entretanto este temerario é aquelle, que, ministro, proclamava que—o poder é sempre o poder, o carro de Apollo, que os cavallos conduzem pela conhecida estrada sem guias.

Si eu fizesse a psychologia do homem e do orador, depararia na prestigiosa individualidade de Silveira Martins faculdades discordantes, desequilibrio manifesto; mas sómente faço o esboço de um perfil.

Ardente liberal, elle tem, ao mesmo tempo, o temperamento das organizações absolutas e imperiosas; desempenharia a tarefa d'um Nicoláo na Russia, ou d'um Washington na America; tem as tendencias para ser um chefe de estado.

Ama e crê na força. O exercito é tudo para elle. Admira não vel-o commandando tres corpos de exercito. Esse culto da força material indica descrença na efficacia das idéas; entretanto o amor da liberdade é uma bella idealidade.

Ministro do gabinete Sinimbú, foi activo, procurou libertar-se das peias da rotina ao passo que o Sr. Lafayette se lhe submettia silencioso. Tentou fazer a conversão da divida interna, em quanto a emissão recente de papel moeda creava circumstancias favoraveis a esta difficil operação financeira, de que tanto se tem abusado. Espirito independente—Silveira Martins manteve no poder suas crenças, praticou suas idéas, suas ousadias e algumas vezes as suas imprudencias de tribuno. Ha n'elle um fundo de revolta, que se agita sempre, como esse grito, que nunca se abafa e que Bossuet imagina estrugir das entranhas do povo.

Silveira Martins foi ministro ativo de mais com a camara; ora lhe dava uma lição, que a humilhava, a comparando á um regimento, que se move á voz do coronel; ora imprimindo-lhe na frente o *stygma indelevel e crusciante de camara dos servis*, como um legado de vergonhas deixado á historia!

Faltou-lhe esse geito, que distinguio o visconde do Rio Branco, ou essa cordialidade graciosa, com que o barão de Cotegipe sabe influir n'uma maioria parlamentar.

Nos debates o ministro era prompto, como orador, que faz da tribuna um campo de batalha.

Silveira Martins tem grandes qualidades, admiraveis excellencias como orador e os defeitos correlativos.

Sua presença na tribuna provoca e aviva a attenção do auditorio. E' um relampago, que annuncia tempestade. O orador, antes de fallar, já tem o auditorio preso á sua vontade as vezes despotica.

Boa estatura, constituição robusta, com uma certa quantidade de *animalidade*, como um publicista-artista, inglez, considerava necessaria aos grandes oradores, como foram Chatham, Mirabeau, Canning, Plamerston, O'Connell, Berriyér e ainda hoje Gambetta, ligeira sombra junto de grandiosos vultos.

A voz forte, alta, extensa em suas evoluções tem notas sonoras, falsas e surdas, mas tem as accentuações da alma, que referve nas paixões, que geram a eloquencia. O timbre fremente, ás vezes, traduz o ruido da praça publica. O orador fóra do

recinto parlamentar exerce um poder indubitavel no meio da multidão; é um oraculo do povo, que o escuta com phanatismo.

Na tribuna do parlamento é lucido na exposição, concludente nas demonstrações, energico em apostrophes, mordaz, animado e, ás vezes, eleva-se pela erudição variada e profunda as fórmulas da grande eloquencia.

Assim é que, um dia, atacando vigorosamente o gabinete Rio Branco, elle—volvendo o pensamento a Tacito—alludia a cerimonia dos funeraes de Julia. Nesse e outros momentos o seu talento brilha com o mais vivo esplendor.

Silveira Martins possui uma das qualidades de homem politico, tem a coragem de suas opiniões.

Outr'ora adverso á emancipação, amava mais a patria, que o negro. Hoje os sagrados direitos da humanidade, a causa da civilização entram triumphantes no seu espirito e o illustre orador põe a sua palavra ao serviço d'ella. Mas, como homem d'estado com graves responsabilidades no presente e ainda mais perigosas no futuro, contesta as sociedades abolicionistas o direito de impôr soluções aventurosas.

Silveira Martins entendeu conveniente dizer taes verdades para acalmar os impacientes.

D'essa evolução provirá força, ou fraqueza ao homem de estado?

Ainda hontem Silveira Martins galgava a tribuna e atacava o ministerio de seu velho amigo e assiduo companheiro de antigas lutas.

Vulnerou o ministerio do Sr. Martinho Campos, que não dissimula, antes declara—que não tem programma.

Quando os partidos não tem programmas, não tem idéas, que os dividem, cessa a luta naturalmente, porque a solução dos problemas sociaes, economicos, politicos e administrativos é commum.

Silveira Martins não hesitou em travar combate, mas se deixou, ou não estrangulado o ministerio é questão, que ao paiz compete resolver.

O orador rio-grandense lembrou a scena entre Burke e Carlos Fox, ambos intimos amigos, ambos lutaram longo tempo nas fileiras dos *Whigs* contra os *Tories*; mas no dia, em que Burke, apavorado dos progressos da revolução, veio a camara dos commons combater as doutrinas revolucionarias da França, Fox as defendeu com enthusiasmo; então as relações politicas dos dous amigos cessaram. Fox, que era uma alma generosa, tentou reatal-as; Burke, porém, que era um *puritano* inflexivel, nunca mais quiz ver o emulo de sua eloquencia, o irmão de armas, o companheiro de gloria.

O CONSELHEIRO RIBEIRO DA LUZ

XVI



Sr. Joaquim Delfino Ribeiro da Luz é um mineiro da velha tempera ; é o homem chão e abonado das ordenações do Reino.

Character serio, espirito recto, lealdade provada á seus amigos, é o modelo de um excellente cidadão.

Nunca abandonou a causa do seu partido e sempre a serviu com a dedicação de um crente.

Nestas paginas rapidas, escriptas sob a inspiração do momento, não intento fazer a biographia dos estadistas. O meu proposito cifra-se, apenas, em esboçar ligeiramente o perfil politico dos que me parecem dignos de menção.

Póde haver nestes estudos alguma utilidade, a de preparar o criterio nacional á respeito do valor dos homens, que dirigem os destinos do paiz. Certas *notabilidades* já cresceram á sombra da tolerancia, ou da ignorancia geral. Nas provincias ajuiza-se erradamente desses semi-deuses do poder, engrandecidos pela distancia. Releva que desçam ás proporções reaes.

Um povo, que avalia os homens, que o governam, sabe em quem póde ter confiança.

As mediocridades, temendo juizos severos e fundados, não illudem a ninguem, não atrevem-se ás aventuras de escalar o poder, inculcando-se capazes de fazer a felicidade publica. Cada um é medido conforme o seu merito real ; o charlatanismo não se cingirá com as palmas triumphaes ; assim o governo da nação moralisa-se e respeita a opinião, que ahi está vigilante e esclarecida para julgal-o devidamente. Os homens publicos procurarão sobresahir pelo saber e pelos serviços ; a subserviencia e a intriga não passarão por habilidade e tino politico.

E' uma cousa, repulsiva ao bom senso, a maneira, pela qual neste paiz *improvisa-se* um estadista, levanta-se um chefe politico, ou um potentado, a cujas mãos inhabeis entregam-se sem responsabilidade os destinos da patria.

Este é um personagem no Estado,— porque agarrou todas as honras, destinadas aos benemeritos, sem benemerencia nos serviços, que fez, sinão de ter recebido pingues ordenados e de haver explorado o thesouro publico em proveito proprio, ou da prole.

Aquelle é senador e representa povos, que só o conhecem pelo facto da imposição do seu nome na lista do governo. Passou todo o tempo galgando as posições officiaes, desde as subalternas até a de legislador vitalicio. O seu merito? Os seus serviços? Lisongeou os que governaram; foi um instrumento, que serviu a capricho.

E' preciso que a nação possa apontar, com o dedo, para honral-os, aquelles, que subiram até as eminencias do Estado pela honorabilidade do character, do esforço proprio, dos talentos e dos serviços; enfim ria-se dos aventureiros.

O Sr. Joaquim Delfino é conhecido, estimado e altamente considerado na provincia de Minas Geraes, onde nasceu. Os seus conterraneos o viram, desde a mocidade, tomar á peito servir os interesses publicos, militando nas fileiras do partido conservador. Sabem quantos annos lutou; as feridas, que recebeu nos combates; as derrotas, porque passou; as victorias, que alcançou. E' um lidador, que os companheiros galardoaram e lhe conferiram o mando pela confiança, que inspirava a nobreza do seu character. Os votos dos seus collocaram-n'o legitimamente na posição eminente, que hoje occupa.

O illustre senador, cada dia, confirma a confiança, de que é credor. Não ha extranheza em vel-o repoltreado na camara vitalicia, onde vão repousar os lutadores politicos e onde no ocio (*Deus nobis*) tambem vão deliciar-se os favorecidos dos Numes.

O Sr. Ribeiro da Luz não esquiva-se de tomar parte nas discussões dos negocios, não recusa o seu tributo, todas as vezes, que se agitam as graves questões do Estado e das liberdades publicas. Não é um egoista silencioso; é um operario activo na officina do labor social.

Não se notabilisa, porém, como orador; não tem a rapida intuição dos improvisadores da tribuna—esses despotas da palavra, que subjugam, tyrannisam e electrizam o auditorio.

Sua palavra não se illumina, seu gesto não tem vida, seu discurso não resplende de eloquencia.

Modesto e as vezes timido, o senador mineiro sóbe a tribuna somente para desempenhar-se do seu dever: não busca ahi um theatro para ostentar as magnificencias de privilegiado talento. E' uma consciencia, que falla; um homem honesto, que diz simplesmente sem pretensões oratorias o seu pensamento acerca dos interesses do paiz.

Ministro da marinha, no gabinete presidido pelo notabilissimo visconde do Rio Branco, o Sr. Ribeiro da Luz discutiu o seu orçamento com criterio e habilidade.

Atacado continuamente por haver mandado construir na Europa uma esquadra, sem autorisação do parlamento e a revéla do paiz, o ministro não soube justificar-se, porque, na verdade, o seu acto era uma flagrante usurpação das attribuições do poder legislativo. Foi por sua complacencia que se encommendaram os vapores de guerra *Independencia*, *Javary* e *Solimões*,—censuravel e inutil emprego das finanças publicas.

O *Independencia*, que o eloquente deputado Ferreira Vianna denominou—o *tranca*—foi vendido por menos do seu valor; o *Solimões* e *Javary* apodreceram no ancoradouro do Rio de Janeiro. Si na encommenda, sob o ministerio Rio Branco, o governo foi usurpador das attribuições legislativas, na venda, durante o ministerio Sinimbú, não o foi menos; não tinha competencia para alhear uma propriedade nacional.

Estes factos se praticam frequentemente com o concurso dos dous partidos politicos,

que abriram e mantêm a escola da perversão do criterio publico e da corrupção da consciencia nacional.

Um povo, que conhece os seus direitos, não tolera estes actos nem o governo ousa commetel-os. Mas a nação brasileira, educada naquella escola dos partidos, não sabe reprimir taes desmandos. E' cedo ainda para prevalecer a força resistente da opinião, que é a principal e solida garantia de um povo. O cidadão inglez, educado n'outra escola, guiado por partidos, que tem principios, que não renegam na pratica e fazem lei, que obriga os estadistas a mantel-os no poder, vive com a seguridade de que não se violam attribuições legislativas impunemente.

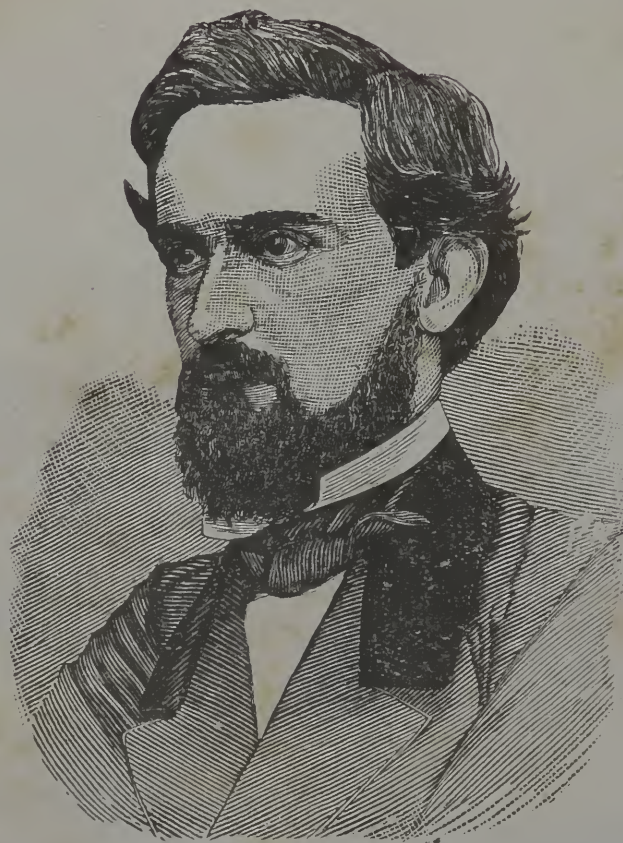
E' tão grande o respeito pelos preceitos constitucionaes, que o governo da rainha não ousou ordenar as despesas dos funeraes de Lord Wellington, porque o parlamento não as havia decretado e convocou-o extraordinariamente para esse fim.

Taes exemplos ensinam a nação a ser bem governada, porque ensinam-lhe a obedecer e crer que a lei é uma verdade; que ninguem deve nem póde violar, ou desrespeitar.

O Sr. Ribeiro da Luz administrou, longo tempo, a repartição da marinha: foi um ministro submisso a rotina *bureaucratica*. Elle reinava e a repartição governava tal como o Sr. Lafayette na pasta da justiça. Nenhum delles teve uma idéa, ou fez melhoramento, digno de menção. Sem pensamento algum assignava o expediente de suas secretarias. Com o Sr. Lafayette o caso muda de figura, porque este homem é um jurisconsulto philosopho, um pensador profundo, que apontou os vicios da legislação, como que para exprobar a incuria dos outros, ou por dever consciencioso de uma intelligencia, que conhece o remedio, que cura o mal. Quando, porém, coube-lhe a monção de fazer o bem, o Sr. Lafayette acomodou-se, como os outros, com os erros e males da rotina—imperdoavel desidia n'um espirito tão esclarecido, e sem duvida um dos homens de mais notavel merito neste paiz.

Um ministro de vistas largas, que não é um rotineiro vulgar, ou um estadista *remendão*, procede como Silveira Martins, que, na pasta da fazenda, tentou praticar as suas idéas.

No Sr. Ribeiro da Luz o paiz conta um homem de Estado ainda capaz de prestar-lhe bons serviços e o partido politico, que elle representa, não póde ter, sinão justos motivos de honral-o com sua estima e consideração.



O CONS. JOSÉ BONIFÁCIO

O CONSELHEIRO JOSÉ BONIFACIO

XVII

His ahí um nome dos tempos heroicos do paiz, que, por mais de meio seculo, admira-o com certa idolatria e consagrou-lhe um monumento.

Não investigarei, aqui, até que ponto é fundada esta glorificação.

Releva observar que nunca a historia se submete aos caprichos das opiniões victoriosas.

José Bonifacio—patriarcha, benemerito, ou não, da Independencia— foi indubitavelmente um dos fundadores do imperio; serviu á causa nacional com dedicação e patriotismo, apesar dos erros, que commetteu.

O herdeiro d'este nome o tem illustrado pelos dotes raros de um talento privilegiado, pela elevação de character e sobretudo por uma vida, que nobilitaria um philosopho antigo.

O senador José Bonifacio é um politico excepcional. Elle não ama a populariedade, e é amado d'ella. Desistima a clientella politica e é perseguido por ella. Detesta o ruido e o seu nome provoca os applausos estrondosos da praça publica. Avêso as grandezas, vio-se condemnado á ellas. Já foi duas vezes ministro d'estado e occupa a cadeira de representante da provincia de S. Paulo no senado.

Quando elle assoma na tribuna, o auditorio freme e fica subitamente silencioso.

O orador não tem nada, que se pareça com o charlatanismo, habitual até aos homens de genio.

Pericles tomava a attitude d'uma divindade Olympica. Demosthenes fazia-se imponente. Nos tempos modernos o grande Chatam convertia a flanella e as proprias moletas em apparatus da eloquencia. Lamartine, que fulgurará pela belleza da idéa e da fórma, olhava risonho para as tribunas das senhoras.

José Bonifacio ergue-se quasi indifferente; não tem as preocupações dos ambiciosos de triumpho.

E' um homem modesto, que falla; parece que procura nivelar-se com os humildes.

Logo que se lhe irrompe dos labios a primeira palavra, a fronte se lhe illumina. O auditorio acompanha ancioso as grandiosas transfigurações deste espirito peregrino.

Então o orador cria, em derredor de si, uma atmosphera de sympathias; domina pela magestade da palavra; é despota, que tyrannisa os vassallos ajoelhados e submissos.

Bella estatura, porte nobre, fronte espaçosa, onde já rarêam e alvejam os louros cabellos. Esta figura, que se diria quasi germanica, tem um não sei que de imperial pela singularidade.

A voz do orador denuncia a provincia natal; mas ella tem a entonação das inspirações fulmineas do momento, em que a paixão eloquente a agita, aquece, ou commove.

José Bonifacio—despretencioso—diz adoraveis *infantilidades*: é uma alma, que se mostra em bella nudez.

Elle ora naturalmente. Não medita com esforço; improvisa. Dizem poetas que a harpa eolia desferia sons divinos ao leve contacto das brisas do poente.

Este orador, de quem os politicos de *patente* fallam como d'um vidente, lhes é superior.

Possue o que aquelles não tem; a coragem, que se sacrifica; a consciencia do patriotismo, do dever, da grandeza e da honra nacional.

Dispõe das opulencias do espirito e dos thesouros da sciencia.

Sua palavra, como a do senador Fernandes da Cunha nos seus bons tempos, foram duas torrentes. São dous oradores, que tem mais de um ponto de semelhança.

José Bonifacio nunca creará, nem dirigirá uma situação politica, ou guiará um partido. Não sabe ostentar as audacias e temeridades de Silveira Martins, nem as subtilêsas perigosas do Sr. Lafayette. O primeiro com um pulso capaz de levar um partido pela góla, arrastado; o segundo, habilissimo a leval-o mansa e artemente.

O senador paulista paira nas regiões das idéas; é um orador artista; um pensador solitario; um politico platonico.

As miserias dos partidos, as baixezas dos caracteres o enchem de invencivel desgosto.

Elle não aventura-se á arena, em que os interesses se acotovellam, os odios se conspurcam reciprocamente, as calumnias uivam e a consciencia prostitue-se á dinheiro de contado, como uma rameira impudente.

São innumeros os debates, em que o orador exhibiu a grandeza do seu talento, Em 1861 estreou na camara temporaria ao lado de Alencar, á quem os sarcasmos crueis do Sr. Zacarias de Góes, então representante do Paraná, iam apavorando.

José Bonifacio é um dos oradores de primeira ordem, que ainda honrou e illustrou a tribuna parlamentar do Brazil.

Espirito culto, intelligencia vigorosa, raciocinio penetrante, palavra eloquente, caracter nobilissimo, elle é a brilhante imagem do orador, que os antigos admiravam.

No meio dos fulgores commette algumas fraquezas; ama as antitheses hegelianas, emprega ás vezes as sonoridades eloquentes, a poesia vã, as metaphoras incompreensiveis no tom de V. Hugo.

Entretanto elle expõe uma questão de um modo admiravel. E' um quadro de

proporções esplendidas, onde se mostra a mão inspirada do artista. O seu discurso não se confunde com o de qualquer outro orador do nosso parlamento, sobresahe por um cunho especial. O estylo colorido, quente, exuberante de luz e de vida, elle o tem na tribuna. Poeta e orador, conhece os segredos da palavra; ella é uma omnipotencia em seus labios.

Quando o orador se alonga, cresce o interesse dos ouvintes; quando se inflamma, sua palavra concentra as energias de todas as suas convicções, as scintillações de seus sentimentos.

Nas altas questões de politica José Bonifacio brilha sem rival. O direito e todas as grandes idéas, que constituem o patrimonio da civilisação, deparam n'elle um entusiasta ardente

Sob o ministerio Sinimbú combateu a *constituente constituída*: gosta do jogo de palavras.

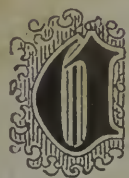
Durante o ministerio Saraiva, raras vezes, o senador paulista discursou; combateu todavia a reforma projectada pelo nobre ministro.

Os idolatras do voto directo, que faziam d'elle uma panacea, devem ter tido mais de uma decepção. A ultima, a critica deve apurar para legar á historia parlamentar. A camara, originada do voto directo, não se contentou em dar, ou negar diplomas, em usurpar as funcções do eleitorado, fez o que é incrível,—approvou eleições, que ella propria estygmatisou!!

José Bonifacio, em todas as questões de momentoso interesse, contribue com o contingente de suas luzes, sempre inspirado pelo bem publico. Si elle quizesse ser um homem d'estado, si não preferisse ser um orador philosopho e artista, o paiz o applaudiria e glorificaria não só como uma realeza intellectual, mas ainda como um benemerito obreiro da causa politica, do progresso e da prosperidade nacional.

FERNANDES DA CUNHA

XVIII



O senador Fernandes da Cunha nasceu no Urussé, no Rio de S. Francisco ; conta 54 á 55 annos de idade.

A população desta região distingue-se pela vivacidade da intelligencia e aptidão para cultura das letras.

Ahi tiveram o berço o senador José Bento, o desembargador Mariani, o conselheiro Mariani, os barões de Cotegipe, da Villa da Barra, de Macahubas, o fallecido Dr. Rocha, o Dr. Mariani, o Dr. Hanibal Frederico Fernandes da Cunha, o Dr. Frederico de Almeida, que, na ultima legislatura, presidiu a camara temporaria.

Outros nomes, dos quaes não me lembro [neste momento, inda poderiam ser indicados.

Vê-se, pois, que é uma região nobilitada por distinctos filhos.

O senador Joaquim Jeronymo Fernandes da Cunha, muito criança, veiu á capital da Bahia estudar no collegio do francez Hypolito Perret, consummado professor, que gosou de grande reputação.

Graduou-se na faculdade de Olinda, onde mereceu, como estudante, a estima do professor Zacarias de Góes, que, por habito, não dava apreço ao talento alheio.

Principiou a carreira da magistratura, exercendo a promotoria da capital da Bahia durante alguns annos.

O orador da tribuna judiciaria foi notabilissimo ; fez-se, na pratica do ministerio publico, um jurisconsulto, consultado e respeitado por todos.

Deixando esta carreira, servio no lugar de procurador fiscal da thesouraria geral, o qual renunciou por delicadeza de escrupulos, logo que foi eleito senador, julgando incompativeis as duas funcções e recusando a aposentadoria, que lhe foi offerecida.

Muito moço foi eleito membro da assembléa provincial. Ahi o seu talento de tribuna conquistou a admiração dos seus conterraneos.

Desde a promulgação do *Acto Addicional*, a assembléa provincial da Bahia tornou-se distincta pelos homens eminentes, que a illustraram. Entre elles notava-se o arcebispo

D. Romualdo, que por si só valia todo episcopado brasileiro, um sabio no conceito de Spix e Martius.

Em 1857 o Sr. Fernandes da Cunha, eleito pelo districto da capital, appareceu na assembléa geral. Sua eleição foi talvez a mais disputada nesta quadra. Todos os elementos officiaes lhe foram oppostos. A dedicação dos amigos, o esplendor do talento e a reputação do candidato deram-lhe a palma da victoria.

A estréa do novo deputado foi um brilhante triumpho. Salles Torres, naquelle estylo viril, que lhe era habitual, havia dito que o gabinete—tomado de subito e estranho terror, em precipitada fuga, largaria as pastas.

O Sr. Fernandes da Cunha com a audacia de um temerario, que se exalta nas impaciencias de affrontar perigos, desfecha tremendo golpe sobre o gabinete agonisante, propondo contra o ministro da justiça um voto de accusação, por causa das aposentadorias forçadas dos magistrados.

O discurso do deputado bahiano produziu profunda sensação na camara.

Na correspondencia da vida politica e diplomatica de lord Palmerston (1) se observa—que um orador fica, desde sua estréa, classificado na camara dos Communs: que lord Palmerston conseguiu logo ser destinado a occupar as altas posições do Estado.

Assim a camara temporaria classificou o orador, que si não ha exercido, no governo e na politica do Brasil, a alta influencia, á que o talento, a eloquencia, a illustração e as virtudes privadas e publicas dão direito, não tem sido sinão pela deficiencia de iniciativa propria.

O Sr. Fernandes da Cunha é, nesse ponto, da escola do platonismo politico do senador José Bonifacio. Elles creem que a ambição do homem politico, em suas condições, não é um imperioso dever, não é um acto de abnegação por amor do paiz.

O Sr. Nabuco de Araujo era um notavel estadista, orador elegante, correcto e illustrado.

Defendeu-se com galhardia e testemunhou ao accusador a mais viva admiração pelos seus talentos.

Antes da formação do ministério Olinda em Maio de 1857, o Sr. Fernandes da Cunha salvou o diploma do Sr. Saraiva, disputado pelo conselheiro Magalhães Castro.

Sob a administração do benemerito visconde de Abaeté o deputado bahiano foi um dos mais ardentes opposicionistas.

Deve ser cousa dolorosa á um homem de consciencia a incoherencia nos actos politicos: Os adversarios do gabinete de Dezembro de 1858, os quaes combateram as medidas financeiras de Salles Torres, quasi em silencio aceitaram a detestavel legislação do ministério Ferraz.

O partido liberal nunca tentou alterar esta legislação de *suspeitos*, a qual só devia coadunar-se com o regimen do governo absoluto.

E' que este partido não sabe que a liberdade politica só existe onde ha liberdade civil; é um systema, cuja harmonia resulta da conformidade das leis e das instituições com o principio supremo, que as domina. Aspirações vagas, instinctivas e indefinidas, constituem o liberalismo do Brazil.

(1) Por Craven, 1º vol.

A liga e o progressismo, obra dos Srs. Saraiva, Octaviano, Theophilo Ottoni e do marquez de Olinda, que nella fizeram entrar o Sr. Zacarias de Góes, seduzido por lhe haverem conferido o bastão do mando, encontraram no Sr. Fernandes da Cunha um adversario intratavel e accerrimo.

Quando o ministerio dos tres dias appareceu perante o parlamento, os notaveis sahiram-lhe ao encontro de lança em punho. Nunca se passou em nossas camaras um espectáculo tão brilhante. Salles Torres rompeu o debate. Paranhos Sayão, Teixeira Junior, Pedreira (que neste dia esteve bravo) e Fernandes da Cunha levantaram e sustentaram nobremente o estandarte do partido conservador.

Do outro lado os Srs. Saraiva, Octaviano, Ottoni, Furtado e Zacarias de Góes disputaram palmo a palmo o terreno.

O Sr. Zacarias, que tornou-se depois um atleta invencivel na tribuna, como presidente do conselho do gabinete de 27 de Maio de 1862, esteve abaixo da critica.

O marquez de Olinda hypocritamente obteve a tolerancia dos fortes batalhadores. Cabe aqui honrar o nome do Sr. Martinho Campos, unica voz, que assignalou o embuste da nova situação.

Hã, nos dous partidos politicos deste paiz, rapida obliteração da memoria, deploravel perversão do criterio politico. Elles repetem os erros commettidos e não aprendem com a lição do passado. Elles deveriam, de tempos a tempos, fazer um exame de consciencia, não para mudar de principios, mas para melhorar de conducta. (2)

Dissolvida a camara, o governo fez outra quasi unanime. O Sr. Fernandes da Cunha ficou fóra do parlamento desde 1863 á 1866, mas em 1867, a força de herculeos esforços contra a administração, conseguiu ser eleito pelo districto da capital da Bahia.

Nesta quadra fez vehemente opposição ao ministerio Zacarias, tomou parte nos mais importantes debates. Occupou-se dos negocios da guerra. Quando tratou-se de enviar os galés da Ilha de Fernando para as fileiras do exercito, no Paraguay, o orador estigmatizou este procedimento ignobil com os fulmineos raios de uma eloquencia apaixonada n'um discurso cheio de movimento dramatico.

Nos accentos de sua voz a honra do exercito achou vingador inexoravel, que protestou em seu nome.

O barão de Cotegipe e o visconde de Itaborahy não conseguiram que elle aceitasse uma pasta.

Com a ascensão do partido conservador, o Sr. Fernandes da Cunha entrou no senado. Regeitou a carta de conselheiro de estado sob o ultimo ministerio do duque de Caxias.

Desde então o orador ardente tem passado por uma transformação. O silencio lhe é agradável. O batalhador, que não conhecia repouso; o forte nos combates, se deslisa calmo e indifferente atravez das lutas. Só a reforma da eleição directa o chamou a campo.

Si no nosso parlamento a rasão, o bom senso e a sciencia valessem alguma cousa, o illustre senador deveria applaudir-se da sabedoria, com que profligou uma reforma, que

(2) C. de Remusat Anglet.

—isolada— inevitavelmente se annullará nas innumeras malhas da centralisação administrativa, que ficou intacta e ainda omnipotente, dominando uma nação, cuja maioria, ou é subserviente, ou ignorante.

O Sr. Fernandes da Cunha tudo deve ao seu talento e illustração. E' um dos espiritos bem dotados, um dos oradores, que, como José Bonifacio, era uma verdadeira realza intellectual na camara temporaria.

Elle tem o lume sagrado, que brilha na mente dos oradores e poetas; a inspiração, que electriza o auditorio; a palavra, que, como um raio, fulmina o adversario.

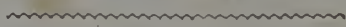
Ha no Sr. Fernandes da Cunha alguma cousa do grande orador visconde de Serre —vastas e grandiosas exposições, argumentação viril, eloquencia da paixão e elevada razão do sociologista, que penetra os segredos da vida dos povos.

Os que, de longos annos, conhecem esta nobre alma, esta esplendida intelligencia, não podem evitar um sentimento de profunda tristeza, não podem deixar de esrtanhar que um homem, a quem a Providencia dotou de faculdades poderosas, nunca ousasse pôr as mãos no governo e dirigir os destinos do seu paiz.

Sua vida tem sido absorvida pelo estudo, e trabalho. Sua erudição variada é vasta. Familiar com os grandes pensadores da antiguidade, elle segue o movimento das idéas modernas com insaciavel curiosidade. As litteraturas, a philosophia, alguns ramos de sciencias naturaes e medicas, a economia, as mathematicas, a jurisprudencia, etc., são objectos ainda hoje de severos estudos. Cultor intelligente da esthetica, conhece as obras primas da arte, até adora a musica—este barulho harmonioso!!

No seu estylo oratorio ha uma exuberancia de luz, scintilla o colorido de artista e avolumam-se as prodigalidades e demasias de um oppulento.

De estatura mediana, elle avulta na tribuna: O timbre de sua voz era forte, argentino, extenso. Enchia o vasto recinto da camara. O entusiasmo, os impetos de todas as paixões achavam notas expressivas. Era uma catadupa immensa. As idéas corriam em phrases imaginosas. As apostrophes, quando cahiam de seus labios irritados, queimavam. A sua eloquencia era expontanea. Não meditava, não andava á cata de um pensamento; improvisava, previa. Hoje, *esta alma alada, esta ave de luz*, como os orientaes chamam aos poetas, já não quer de um surto remontar-se á immensidade dos ares: repousa quieto na terra e fez das azas da aguia um bordão de romeiro, que se assenta desalentado no marco da estrada, antes de terminar a jornada....





O SR. LEITÃO DA CUNHA

XIX

Nesmembrada do territorio do Pará, a comarca do Rio Negro constituiu a provincia do Amazonas, ha cerca de trinta annos.

O Sr. Tenreiro Aranha installou o governo d'ella.

O conselheiro Herculano Ferreira Penna, presidente, que succedeu ao Sr. Tenreiro, promoveu em Manáos alguns melhoramentos materiaes e moraes.

Elle foi o primeiro senador e o Sr. Leitão da Cunha é o segundo.

Natural do Pará, o ultimo senador do Amazonas serviu na magistratura, como juiz de direito, chefe de policia e na alta administração como presidente da Parahyba, do Pará e duas vezes do Maranhão, de Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul. Poucos brasileiros terão, como elle, recebido tantas cartas imperiaes.

E' dos homens politicos, que adquiriram grande experiencia do mecanismo da administração.

Sendo os negocios nas provincias resolvidos só pelos presidentes e não tendo estes auxiliares, que os guiem e illustrem, são por isso obrigados a um insano trabalho.

O Sr. Leitão da Cunha representou o Pará, na camara temporaria, desde 1850 até 1868, época, em que fôra nomeado senador.

Militando no partido conservador, faz parte da maioria do senado.

Algumas vezes mostra-se um pouco protestante e infringe a disciplina.

Elle pensa que um senador guia-se pelo seu criterio e não deve obedecer sinão á propria consciencia; é o chefe de si mesmo.

Em relação aos partidos politicos, organizações das forças vivas e intelligentes do paiz, esta theoria póde ser com muita razão contestada; seria um obstaculo permanente aos altos intuitos politicos de uma maioria; impossibilitaria o governo de uma opinião.

O senador do Amazonas toma frequentemente parte nos debates, principalmente nas questões de legislação administrativa, de interesses materiaes e economicos.

Na tribuna discorre com facilidade e tem o sangue frio dos veteranos das lutas parlamentares.

Instruido e intelligente, o illustre senador é um espirito pratico, que todavia não desdenha as theorias.

Neste momento o Sr. Leitão da Cunha revela as mais pronunciadas tendencias de tomar uma attitude em presença da situação dominante e romper as treguas apparentes.

Si o illustre senador quizer seguir os proprios impulsos, provavelmente o seu exemplo será contagioso; a politica sahirá do marasmo, em que jaz desde 1878.

Nenhum dos problemas administrativos, economicos, sociaes, financeiros e politicos, se acha resolvido em sentido, que mereça adhesão geral, entretanto os partidos recolheram-se ao silencio e renunciam a honrosa missão de lhes dar soluções convinhaveis.

O orador do Amazonas ostenta na tribuna um aspecto insinuante. Os seus gestos são livres; a voz clara, o estylo de seus discursos é natural e simples. Não é um rhetorico, ou um advogado—a peor especie de oradores, sempre escoltados de longas periphrases. Elle diz o seu pensamento como um homem, que tem conscienciosamente reflectido; discute sem declamar.

Não ha estranheza em vel-o exercendo a ultima magistratura parlamentar. Desde moço dedicou-se ás lides politicas.

A sua carreira tem sido lenta, laboriosa e digna.

O que surprende á nação é a fortuna rapida de certas individualidades, que nunca ninguem as viu no meio dos combates, mas todos as contemplam com pasmo nas altas posições publicas.

Nascidas ao bafo miraculoso da protecção, ellas medram e pretendem estultamente impôr-se ao paiz.

Sem a experiencia dos homens praticos, sem a sciencia, ou talento, sem os relevantes serviços, que ennobrecem, ellas não são sinão os aventureiros da politica e os parasitas do estado.

Antigo e distincto parlamentar, consummado na administração, o senador Leitão da Cunha, ainda não foi chamado a fazer parte de um ministerio.

E' certo que todos não têm a forte e inquebrantavel tempera de Silveira Martins, o qual pensa que o poder se conquista á força de audacia e com o firme proposito de fazer d'elle um instrumento, capaz de operar a felicidade publica.



O SR. VISCONDE DE JAGUARY

XX

Durante o longo e laborioso reinado de Jorge III, houve na Inglaterra um curioso, que, dia por dia, recolhia todos os boatos, apurava os ruidos, notava os escandalos da côrte e da cidade e assignalava os erros do governo e dos homens politicos.

Occupado de innumeradas bagatellas, Horacio Wapolle, segundo filho do grande corruptor, escrevia as *Memorias* do seu tempo, seguro documento da historia. (1)

Si, no Brazil, tivesse havido um espirito avido de novidades, não succederia que as novas gerações não conhecessem os factos e os homens, que ainda vivem na senda politica.

O Sr. visconde de Jaguary é o Dr. Souza Ramos, antigo advogado de Valença.

No começo de sua carreira foi nomeado presidente do Piauhhy, para render no governo o visconde da Parnahyba, poderoso satrapa, que, nestes invios sertões, reinava, administrava e governava a maneira do rei velho.

O Sr. Souza Ramos então era moço, com as preocupações do futuro, as quaes o visconde actual concentra nas realidades do presente.

Honorio Hermeto, depois marquez de Paraná, abria ao novel politico a senda, por onde elle tem sabido marchar com seguro e firme passo.

Elle o formou na escola dos homens politicos, que lutaram contra as loucuras do primeiro imperio, a anarchia da época regencial e lançaram os fundamentos do segundo reinado.

O marquez de Olinda, ultimo regente, era o centro e o chefe da escola. Homem notavel, distincto estadista e orador, era uma especie de Machiavello disfarçado em beato.

Seguia-se Honorio Hermeto, a vontade brutal, o executor das grandes obras do partido.

(1) Philarèt Charles—Anglaterra siècle XVIII—C. de Rémusat;—Macaulay.

Emfim Bernardo Pereira de Vasconcellos, a intelligencia, que á todos illuminava, o espirito de organisação, que formulou leis e disciplinou um poderoso partido, que dominou o paiz.

Bernardo de Vasconcellos era uma consciencia sem escrupulos; era um pagão, como um romano antigo, fanatico pela grandeza da cidade eterna, que era o partido *saquarema*. No interesse da sua causa elle creou e autorisou a politica dos odios, das vinganças, das calumnias.

A frente do partido, que reagia contra as intemperanças do liberalismo, da revolução parlamentar da maioridade, ora alargava a esphera das prerogativas da corôa no sentido de restringir a da liberdade e revigorar a acção da autoridade; ora incitava a luta e esmagava os adversarios em Minas, S. Paulo e Pernambuco.

A lei de 3 de Dezembro, *instrumentum regni* na phrase de Tacito, suscitou as revoluções, que desmoralisaram e enfraqueceram o partido *luzia* e consolidaram a omnipotencia da centralisação administrativa, a principal mola do mecanismo governamental.

Revertida contra os *saquaremas*, esta lei creou aos liberaes a situação, que prevaleceu desde o ministerio do visconde de Macahé até 29 de Setembro de 1848.

O Sr. Souza Ramos entrou no parlamento nesta época eleito pelo Piauhy e fez parte da celebre patrulha, em que se resumia a opposição, na qual Euzebio de Queiroz annunciava os seus grandes talentos e Angelo Ferraz pretendia arrogar-se o posto de cabo.

O Sr. Souza Ramos foi substituir Honorio na provincia de Pernambuco, o qual, depois que achou a revolução praeira domada pelo visconde de Muritiba, commetteu desatinos de um despota, que governasse o Paraguay submisso á Solano Lopes. Poz cabeças a premio, facto que a revolução não justifica em paiz, em que as leis regulam o modo de punir tal crime. Ora ameaçava mandar agarrar o presidente das Alagôas e arrastal-o até o Recife, ora ao presidente da Bahia por causa da prisão de Pedro Ivo, bravo caudilho da revolução.

N'um dia, em que este poderoso estava exaltado, mandou prender um pobre poeta, um bufão, chamado Prospero Diniz, que, dotado de veia satyrica, tomou a liberdade de zurzir o moderno capitão-general, governador absoluto da capitania.

Podem ser eminentes os meritos de Honorio Hermeto; podem os idolatras do seu despotismo insano pol-o n'um pedestal, a historia, porém, que não empunha o thuribulo dos cortezaos, ha de negar-lhe a sua admiração e estigmatizar as brutaes violencias de sua politica.

Era justo que o Sr. Souza Ramos, que se achou na hora das lutas e dos perigos, ao lado do seu partido, partilhasse dos beneficios na prospera fortuna.

Nomeado ministro da justiça no ministerio Rodrigues Torres (visconde de Itaborahy) em lugar de Euzebio de Queiroz, que se retirava descrente, serviu com moderação o seu cargo.

Foi sem duvida, no meio das lutas que elle aprendeu essa consummada sciencia da prudencia e circumspecção, que são um dos traços salientes do seu character.

A provincia de Minas o elegeu senador e, desde então elle a tem representado na camara vitalicia.

Presidiu a camara dos deputados antes de entrar para o senado ; foi tambem presidente deste corpo politico por espaço de 9 annos, pedindo no corrente anno a sua exoneração.

Fez parte do ministerio Caxias em 1861, em substituição do Sr. Saraiva, que retirou-se para promover com os Srs. Octaviano, Ottoni, Zacarias, Furtado e marquez de Olinda a evolução, que operou a divisão do partido conservador e a fusão de uma fracção denominada adiantada no partido liberal.

O Sr. visconde de Jaguary foi ainda outra vez ministro no gabinete do marquez de S. Vicente, do qual se separou em consequencia da questão do elemento servil, que este gabinete promoveu inesperadamente.

Conselheiro de estado effectivo, o Sr. visconde de Jaguary desempenha as suas funcções conscienciosamente.

Na tribuna parlamentar elle não tem os dotes de um orador, falla e justifica o seu voto com criterio.

A corôa, quando quiz mudar a situação politica em 1878, chamou o nobre visconde e o consultou. A resposta do illustre conselheiro attesta a sagacidade do seu espirito, sahiu-se com uma declinatoria excepcional.

O illustre visconde é hoje um dos veteranos do senado; a sua experiencia, o seu character obtem o respeito e a estima geral.

E' um conservador, que não se revolta contra as idéas novas, mas tem decidida preferencia por conservar o *statu quo* e manter a immobildade, evitando dest'arte os riscos das innovações.



O SENADOR CORREIA

XXI

Merdando a cadeira do barão de Antonina, primeiro senador do Paraná, o conselheiro Manoel Francisco Correia é hoje o representante daquela provincia no senado.

O illustre conselheiro não sahiu do meio das lutas politicas; não foi um batalhador como Silveira Martins, que *sargenteou* companhia, manobrou regimento, bateu-se em todos os recontros, feriu e foi ferido e poz, tantas vezes, o pé victorioso no peito do adversario agonisante.

Não viu, como o tribuno rio-grandense, nos comicios populares todas as paixões desencontradas—desde o phanatismo pela liberdade até a hyprocrisia do egoismo, pretendendo as glorias do patriotismo e a recompensa da benemerencia.

Silveira Martins não é um Graccho de salão; tem o genio de Mirabeau na tempera rigida, na actividade e acção de Catilina. Não ha para as energias do seu orgulho, ou da sua vontade obstaculo insuperavel.

O conselheiro Correia é um politico de outra raça; formado na escola dos homens de governo, methodico e observador da ordem estabelecida, ficaria deslocado no tumulto d'um comicio eleitoral.

As lutas violentas da imprensa, os debates irritantes não condizem com os seus habitos pacificos, com a calma de sua razão, com a prudencia do seu bom senso.

Sob a athmosphera imflammada dos odios da politica, o illustre senador não peleja.

O visconde do Rio Branco, reconhecendo as aptidões administrativas do distincto representante do Paraná, confiou-lhe a pasta dos negocios estrangeiros organisando o gabinete 7 de Março.

O conselheiro Correia entrou no governo do estado n'um momento, em que as questões, deixadas pela guerra e a triplice alliança com as republicas do Prata, obrigavam o imperio a tomar uma attitude decisiva.

O visconde do Rio Branco havia feito da diplomacia brasileira no Rio da Prata um labyrinth; por muito tempo não deparou com o fio de Ariadne.

Concessões imprudentes e ameaças impotentes, fraquezas e humilhações, uma intervenção simulada e inepta, tudo tinha sido praticado contra os verdadeiros interesses do Brazil e sómente conseguiu irritar os povos platinos contra nós, cuja influencia se annullava cada dia.

A pujança, com que o Brazil se mostrou nos campos de batalha, não consolidou o seu prestigio. O nosso nome, ainda depois da guerra, continuou a ser escarnecido. A nossa bandeira foi aviltada em Alvear. Os nossos navios de guerra foram atacados em plena paz no rio. O ouro, arrancado aos contribuintes brasileiros, foi despendido improficuamente para manter uma paz armada.

Dous homens especialmente tiveram as mãos sobre os fios do novello da politica internacional do Rio da Prata—o visconde do Rio Branco e o visconde de Mauá; um no governo, outro nas finanças.

Este ponto de historia é um pouco complicado, não cabe esmerilhal-o nesta occasião.

O senador Correia teve de ajustar o tratado definitivo de paz. Toda a gravidade da politica se resumia neste facto. Os fructos da diuturna e funesta guerra deveriam ser apurados e recolhidos, por quanto 600 a 700 mil contos de réis e 150 mil brasileiros mortos a ferro, ou á fogo, á fome ou, á peste e abandono tinha custado esta tresloucada campanha, emprehendida sob as apparencias da honra nacional.

De certo cumpria ao governo imperial resgatar-se de suas culpas, concluindo esses negocios com dignidade e proveito para o Brazil.

Incumbiu-se a missão de celebrar o tratado a um dos estadistas eminentes do paiz, intelligencia de primeira ordem, espirito sagaz, insinuante e sobre tudo com alta autoridade moral e politica para resolver qualquer assumpto.

O benemerito barão de Cotegipe conferenciou com os chefes dos estados do Prata e no desempenho da missão assentou, em Montevidéo e Buenos-Ayres, as bases cardeaes do tratado.

Mas, em Assumpção, o plenipotenciario argentino, affeito as evasivas diplomaticas do visconde do Rio Branco, julgou poder mystificar o negociador brasileiro, levando-o de adiamento em adiamento.

O barão de Cotegipe cortou a questão pela raiz e, pondo de parte as tricas do plenipotenciario o Sr. Quentana, celebrou o tratado com o governo paraguayoy.

Esse facto de intelligencia, de audacia e de dignidade foi mal comprehendido pelo governo imperial, cuja politica internacional resentia-se da pusilanimidade de animo do chefe do gabinete, facil em fazer concessões.

O Sr. Correia, como ministro, redigiu uma celebre nota, que, si por um lado é um modelo de astuciosa habilidade, por outro é um deploravel documento dos erros e fraquezas da nossa diplomacia no Rio da Prata.

Si o barão de Cotegipe não fosse um potentado politico, uma omnipotencia parlamentar, teria sido fulminado, como foi o proprio Sr. Paranhos, por causa do celebre convenio de 2 de Fevereiro, que poz Villalba á frente do governo de Montevidéo, talvez o melhor acto da carreira diplomatica do visconde do Rio Branco.

Estes pontos, aqui ligeiramente indicados, serão mais detidamente apreciados no retrato, ou estudo ácerca do barão de Cotegipe.

O Sr. Correia trabalhou esforçadamente por desempenhar os seus deveres, mas sahio do ministerio por causa da nomeação do Sr. barão de Penedo, como representante do Brazil em Londres.

O Sr. Correia presidiu a camara temporaria. Foi para elle uma tarefa ardua. A opposição da dissidencia deu-lhe momentos amargos. Ora o Sr. Martinho Campos e Silveira Martins, ora o Sr. Ferreira Vianna e Duque-Estrada o atordoavam. Algumas vezes o Sr. João Mendes de Almeida sahia da emboscada e sorprendia o presidente com uma inopinada questão de gabinete.

Apezar das difficuldades, suscitadas principalmente por co-religionarios, o Sr. Correia soube tirar-se d'ellas e manter-se no seu posto.

Eleito senador, conserva no senado os seus habitos de tribuna.

O Sr. Silveira da Motta, que é uma palavra inesgotavel, não supera a energia do Sr. Correia, nem póde acompanhal-o na serie de questões, que sabe suscitar.

Quando o Sr. Correia está orando, o Sr. Junqueira, seu vizinho, parece meditativo. Ninguem lhe advinhou o pensamento.

Nos torneios da opposição o senador do Paraná é um dos mais extremados lutadores. Elle investe contra os ministros, armado de dados estatisticos, de avisos, de consultas do conselho de estado e de tudo faz uma arma de combate.

Não lhe escapa um incidente politico, ou administrativo. Elle sabe multiplicar os requerimentos, que são ás vezes terriveis armadilhas, que desesperam os ministros.

Nestes ultimos tempos, em que os partidos perderam a coragem de lutar e amam viver da mutua conveniencia, a campanha parlamentar ficou reduzida a escaramuças.

Não se ferem as grandes batalhas de outr'ora, nas quaes o valor decidia da victoria.

Comtudo na opposição o Sr. Correia é incançavel e, as vezes, de grande utilidade; quando não ha orador preparado, o Sr. Correia sem hesitar não rocuia ante o perigo do combate. E' um sacrificio feito pela causa commum, que não se aprecia devidamente. Os conservadores nas provincias communicam-lhe as violencias do governo e depositam a mais viva confiança no parlamentar, que escuta-lhes as queixas e falla em defesa dos opprimidos.

O Sr. Correia não teme as fadigas da tribuna; elle toma com facilidade a palavra dez, ou doze vezes n'um dia.

E' um orador intrepido e infatigavel; faz lembrar que Cormenin aponta a Courvoisier como o mais abundante orador do parlamento da Restauração em França.

Eu não concluiria com justiça, si não reconhecesse aqui os serviços, que o illustre senador tem feito a sociedade, promovendo a dessiminação da instrucção popular; são elles titulos meritorios, que o recommendam a estima geral. Durante muito tempo parecia-me que o afan do nobre senador era mais de apparatus ruidoso, do que proficuo; observando, porém, que neste paiz, onde os que nada fazem querem applausos e laureis,—entendo que um homem, convencido de praticar o bem, já é um excellente operario da causa publica. Entre os benemeritos promotores do progresso intellectual do paiz, o nome do conselheiro Correia deve ser honrado.

O SR. CANSANSÃO DE SINIMBU'

XXII

C Sr. Cansansão de Sinimbu nasceu nas Alagôas. Formou-se na faculdade de Olinda. Serviu na magistratura durante alguns annos. Incumbido d'uma missão diplomatica, no Rio da Prata, não fôra bem succedido. Recomeçou a carreira de magistrado.

Quando, em 1852, o ministerio Rodrigues Torres (visconde de Itaborahy) deliberou estabelecer no Rio Grande do Sul uma politica, que destruisse a influencia prestigiosa do barão de Quarahim, encarregou ao Sr. Sinimbu da presidencia daquella provincia e da execução dos planos do governo. Esta mesma politica, mais tarde, ou mais cedo, ha de renovar-se contra a preponderancia ostentosa de Silveira Martins. Do proprio circulo dos seus amigos ha de surgir um instrumento, que realizará a obra, que o ministerio Sinimbu não pôde levar ao cabo por intermedio do general Ozorio.

Data desta presidencia a reentrada do Sr. Sinimbu na vida activa do parlamento e da alta administração do estado e a sua fortuna politica.

O juiz de direito de Friburgo, esquecido pelos seus comprovincianos, não tinha sido reeleito representante das Alagôas. Parecia abandonado dos conservadores, sob cujas bandeiras militava e ter de uma vez rompido com as allianças de partido.

A presidencia do Rio Grande, porém, rehabilitou-o no conceito do governo.

Nos *Annaes* do parlamento estão perpetuados os debates, concernentes á administração do Sr. Sinimbu, no Rio Grande do Sul.

O barão de Quarahim, violento e audaz, accusou acremente o administrador. As respostas não justificaram o delegado do Sr. Rodrigues Torres.

A historia, hoje, pôde apurar a verdade, amortecidas as paixões e os interesses daquella época.

Ao governo imperial sempre foram imcommodas e suspeitosas, na phrase de Tacito, as grandes influencias provinciaes. Elle não deixava de applicar-lhes a politica de Tarquinio. Avaliando-se pelos resultados, é fóra de duvida que o Sr. Sinimbu cortou as papoulas pela raiz. O barão de Quarahim perdeu todo o prestigio desde que incorreu no odio official. A omnipotencia da centralisação administrativa esmagou-o sem misericordia. O condemnado viu-se forçado a abandonar a provincia.

Eis ahí uma lição para quantos ousarem assumir a attitude daquelle illustre rio-grandense. E' um espelho, em que Silveira Martins deve mirar-se.

Quando acabou as inexoraveis execuções no Rio Grande, o Sr. Sinimbú veiu exercer o chefado de policia da cõrte, d'onde passou-se para a presidencia da Bahia, em 1855, sob o ministerio Paraná.

Governou esta provincia, apoiado por uns e combatido por ouros. Durante a sua administração levantou-se um motim a proposito da extincção do celleiro publico, instituição dos tempos coloniaes. O povo investiu contra o asylo das irmãs de caridade; cercou e apedrejou o palacio do governo pelo espaço de 24 horas. Interveiu a força publica, que restabeleceu a ordem.

Mas os boatos d'aquelles tempos denunciavam que este motim nascera d'outra origem, tendo aquelle pretexto apparente.

A maioria dos vereadores da camara municipal recalcitrava em apurar a eleição senatorial, á gosto do governo, que, dizia-se, tomava á peito incluir, na lista triplice, um candidato, que não obtivera os votos necessarios para figurar nella. D'ahi o conflicto, que motivou a suspensão dos vereadores e a chamada d'outros, que desempenhassem a tarefa projectada.

As paixões irreconciliaveis e odientas irromperam na assembléa provincial, induzindo esta corporação a não receber o presidente, que vinha lêr a *Falla*, segundo os estylos constituicionaes.

O Sr. Sinimbú escapou, por duas vezes, de passar por tão amarga decepção na Bahia e nas Alagôas.

Eleito senador pela provincia natal, deixou, em Maio de 1857, a presidencia da Bahia, embarcandó sob a protecção das tropas, porque a população o detestava.

O Sr. Sinimbú foi presidente das Alagoas; foi ministro de estrangeiros no gabinete Ferraz; da agricultura e da justiça no gabinete Olinda, em Maio de 1862, substituindo o ministerio de tres dias, presidido pelo conselheiro Zacarias de Góes.

A este gabinete Olinda a satyra popular pungira com a denominação de—PASMADO, porque era composto dos Srs. Polydorio, Abrantes, Sinimbú, Maranguape, Albuquerque, Delamare e Olinda, cujas iniciaes formavam aquella palavra.

Na occasião do conflicto com o diplomata inglez Christie, o Sr. Sinimbú mostrou-se energico e activo—orou na praça do commercio.....

Nomeado plenipotenciario do Brazil, no Rio da Prata, durante a guerra do Paraguay, o illustre conselheiro não partiu para o seu destino, porque o presidente do conselho, o Sr. Zacarias de Góes, o mystificou de um modo inexplicavel, conforme as declarações feitas na camara vitalicia pelo proprio Sr. Sinimbú.

Alheio ao movimento da opinião, esquivo aos debates parlamentares, indifferente á sorte do seu partido, de subito o Sr. Sinimbú é chamado a organizar o gabinete de 5 de Janeiro de 1878.

Elle mesmo dizia que, si tivesse querido compôr um ministerio com seus inimigos, não teria feito melhor, excepto o general Osorio e o Sr. Lafayette, espirito alimentado pelo Rabbino de Granada e homem de boa companhia.

Nesta conjunctura o presidente do conselho immerecidamente bebeu o calix

transbordando de amarguras. O Sr. Martinho Campos tomou d'uma vergasta e o flagellou na praça publica. Os Srs. Octaviano, Dantas e Saraiva o abandonaram. O Sr. Silveira Lobo o expoz em irrisão no senado. O Sr. Silveira Martins depois de, com a soberba supremacia do prestígio de seus talentos, dar-lhe uma protecção altiva, atirou-o abaixo da Rocha Tarpéa. Até o Sr. Leoncio de Carvalho, como o Partho na fuga, desfechou-lhe uma setta.....

O Sr. Sinimbú praticou uma virtude, ou sacrificio—o silencio.

Pela respeitabilidade do seu character, o Sr. Sinimbú não merecia as injustiças atrozes dos seus co-religionarios. A' uns elle elevou ao poder, á outros abriu as portas do senado. Remuneraram a sua dedicação com o escarneo.....

Neste paiz ainda um homem de estado não achou-se na constrangida posição do Sr. Sinimbú.

O gabinete, que o substituiu, desfez a sua obra. O ex-presidente do conselho exilou-se do senado, como voluntariamente fariã um antigo.

Acerca da administração do 5 de Janeiro pesam as mais graves accusações; entre outras as omminosas responsabilidades do morticínio da rua da Uruguayana,—a *Transnonain* fluminense, os incendios propositaes da policia na rua dos Ourives, a estultice do imposto do vintem e os esbanjamentos dos cofres publicos com *os ladrões de gravata* da secca do Ceará, na phrase imprudente d'um dos ministros...

Homem de bem, como todos os espiritos rectos se comprazem de reputal-o, o Sr. Sinimbú deve ter a alma triste e ulcerada, não pelas injustiças dos adversarios—mas pelo estylete envenenado das mãos dos seus co-religionarios.

E' uma tristeza incuravel.

O historiador, apezar da superioridade do seu poder, não cria a historia; ella forma-se dos factos, que accusam e responsabilisam os autores. Estes factos, agrupados nestas paginas, são incontestaveis e não se apagaram da lembrança dos contemporaneos. Eis ahi tal, qual foi o homem de estado na direcção dos negocios publicos.

O Sr. Sinimbú beira os 70 annos; dotado d'uma constituição robusta, na sua mocidade e ainda hoje, tem um nobre aspecto na tribuna. E' um perfeito *gentleman* da camara alta da Inglaterra. Escasso de phrases, raro no gesto, parco de movimento, o orador desaparece inteiramente n'elle.

Provocado ao debate, o ministro adiava sempre as respostas, nunca estava preparado. ; era um estudante, que ainda não tinha sahido da eschola. A' taes mãos se confiam os destinos de um povo!

Versado no parlamentarismo britannico, o senador alagôano não devera olvidar que os proprios inglezes reputam a palavra—o unico instrumento de acção n'este regimen de governo. E' por isso que um dos estadistas, mais digno de gloriosa memoria, exclamava com ufania—*as grandes cousas, que a Inglaterra tem feito, a sua prosperidade e o seu poder; o ter atravessado victoriosa—sine clade victrix—as profundas convulsões da Europa, nós o devemos ao governo da palavra, que é o governo da razão e da justiça e não por certo ao da brutalidade da força.*



O VISCONDE DE PARANAGUÁ

O SR. VISCONDE DE PARANAGUA'

XXIII

Governada, cerca de vinte annos depois do regimen constitucional, ainda á maneira de El-rei Nosso Senhor, a provincia do Piauhy ficou retardataria na marcha do progresso.

O visconde da Parnahyba regia o povo pacifico de Oeyras, ora com virga ferrea, ora vestido de *timão* e, embalando-se em sua rêde, dava audiencia ás partes, que tudo requeriam perante elle.

O Salomão das margens do Parnahyba, isolado no centro invio do Brazil, estranho ao movimento do mundo, só conhecia uma constituição e uma lei—a sua vontade paternal.

Os povos desta excellente provincia supportaram o jugo até que o Sr. Souza Ramos, hoje visconde de Jaguary, lhes veiu annunciar a boa nova de haver um governo responsavel em todo o paiz. O Piauhy—somnolento—encarou a luz com o deslumbramento de Epiminedes.

O dominio do velho sertanejo acabou-se. A provincia recebeu uma direcção toda nova com a presidencia do Sr. Souza Ramos, que era moço, cheio de audacia, de ambição, de gloria, que esmorecem no correr dos annos.

Entre os filhos do Piauhy, apontava-se então como mais salientes, o Dr. Souza Martins, que presidiu a provincia da Bahia em 1835 e o commendador Fialho, que hoje é uma monumental ruina desse passado.

Da geração nova, que surgia, o Sr. Dr. João Lustosa da Cunha Paranaguá e seu sobrinho—o desembargador José Mariano Lustosa do Amaral marcharam á frente.

O Sr. Paranaguá deve á sua intelligente e extremosa mãe o havel-o mandado, dos remotos sertões do Piauhy, estudar á Bahia, quando elle acabava de ficar orphão de pai, apenas com oito annos de idade.

Assim, confiando-o aos cuidados de um prestimoso parente, a veneranda senhora, que adivinhára a vocação do filho para uma profissão liberal, se apressou, por mais que a separação a maguasse, em lhe abrir o caminho desta carreira, cumprindo ao mesmo tempo uma das ultimas vontades de seu esposo.

As duas qualidades de homem polido e intelligente grangearam-lhe, entre outras a estima profunda e sincera amisade d'um filho do actual Visconde de Montserrate, uma gloria da nossa magistratura.

O Sr. Paranaguá,—quando os revolucionarios—*Balaíos*—acossados do Maranhão, ameaçavam o Piauhý—com os seus conselhos induzio seu irmão, o barão de Parahim e a seus parentes e amigos a auxiliarem as forças legaes.

Em 1846 recebeu o grau de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Nos corrilhos academicos conquistou a palma de uma notabilidade.

Um dos lentes chegou a propol-o para ser premiado,—honra então bastante rara.

Esta nomeada atravessou, engrandecida pelo prestigio da distancia, até as ultimas gerações escolasticas, até que, finalmente, na vasta scena da vida publica, á luz esplendida da publicidade, confirmou os juizos dos seus condiscipulos e mestres.

A faculdade de Olinda tem merecidos creditos; d'ali sahiram homens, que illustraram o paiz.

O Sr. Paranaguá, deixando Olinda, não podia regressar ao Piauhý. Sua provincia natal era um theatro acanhado para sua nomeada. Estabeleceu-se na capital da Bahia, que era sua patria intellectual.

Ahi, logo depois de formado, realizou os seus sonhos de moço, desposando a dama gentil, filha do visconde de Montserrate, no seio de cuja familia era acolhido com satisfação, desde os tempos dos seus primeiros estudos n'aquella cidade.

N'esse tempo, o conselheiro Pinheiro de Vasconcellos gosava da estima de poderosos politicos, principalmente de Honorio Hermeto e tinha parentes no parlamento.

O merito pessoal, porém, do Sr. Paranaguá fel-o desde logo apparecer em uma causa celebre, defendendo, perante o jury da Bahia, o louco amante da bella e infeliz D. Julia Feital, assassinada no paroxismo de um accesso de concentrado ciúme.

O patrono do accusado, fazendo valer o seu talento, soube lutar com as difficuldades da sua posição, que era desvantajosa, porque, além de inexperiente, fallava ao lado de um dos mais notaveis oradores da tribuna judiciaria, que ainda houve no paiz—o Dr. Luiz Maria.

Foi delegado da capital, juiz municipal e d'orphãos da Cachoeira, um dos mais importantes municipios da provincia.

Era então presidente da Bahia pela terceira vez o conselheiro Pinheiro de Vasconcellos, visconde de Montserrate.

Começou o Sr. Paranaguá a sua carreira parlamentar na assembléa provincial d'aquella provincia. Fôra eleito deputado á dita assembléa em tres legislaturas successivas, de 1848 a 1853.

Em Janeiro de 1850 entrou para a camara temporaria, como deputado supplente pela provincia do Piauhý, que já o havia escolhido membro da assembléa provincial, quando ainda estudante do curso juridico.

Tractou então de melhoramentos para a sua provincia e figurou na discussão das reformas apresentadas pelo ministro da justiça Euzebio de Queiroz.

O papel, que fez no desempenho do seu mandato e a reputação, de que já gosava como homem publico, lhe firmaram a consideração e estima dos seus comprovincianos; de sorte que, na subsequente legislatura de 1853, por unanimidade de votos do eleitorado, voltou como deputado pelo Piauhý, e assim continuou a representar a sua provincia até ser eleito senador em 1864.

Prestou, em 1853, relevantissimos serviços ao Piauhý, promovendo o seu progresso com a navegação a vapor do Parnahyba.

Nomeado presidente do Piauí, em Junho de 1855, resignou o cargo, por se achar em divergencia com o gabinete na questão de confiança, que fizera o ministro marquez de Paraná á respeito da constitucionalidade do projecto da reforma eleitoral—lei dos circulos.

Em fins do mesmo anno verificou-se a sua nomeação de chefe de policia da provincia do Rio de Janeiro, nomeação cuja noticia o surpreendeu, quando foi levar-lh'a a casa Nabuco de Araujo, ministro da justiça.

N'aquella época, em que ainda não estavam discriminadas a esphera da policia e da justiça, mostrou-se habil e energico, tanto em uma como em outra, perseguindo e fazendo capturar criminosos de posição importante. Finalmente deixou o espinhoso cargo em 1858, para ir presidir a provincia do Maranhão, que administrou com circumspecção e tino.

Foi tão completa e evidente a sua não intervenção eleitoral, que um amigo do conselheiro Furta-lo, o Dr. Carlos Fernandes Ribeiro, lhe escreveu que estava presenciando um espectáculo novo no Maranhão: uma eleição livre. Por outro lado o ministro Souza Franco dirigia-se ao presidente, dizendo-lhe que este havia tomado uma posição tão difficil, quanto honrosa.

O seu relatorio dá noticia de alguns melhoramentos, que promoveu em prol da provincia do Maranhão; cuidou do ensino profissional, e fundou uma escola prática de agricultura nas margens do Cutim, perto da cidade de S. Luiz.

Na sessão parlamentar de 1859 o Sr. Paranaguá achou-se em desaccôrdo com o ministerio ácerca da reforma bancaria de Salles Torres.

Resolvido a combatê-la, como declarou formalmente em uma reunião de deputados e senadores, havida em casa do visconde de Itaborahy, apressou-se em solicitar a sua demissão, que lhe foi concedida, da presidencia do Maranhão.

Tomou com effeito posição franca no famoso debate, que essa reforma provocára, impugnando-a com o vigor da propria convicção e o brilho de idéas emanadas de estudo profundo.

Quem ler o seu discurso, proferido na sessão do 1º de Julho d'aquelle anno, verá que esse discurso foi applaudido como um bello successo parlamentar.

Nada mais natural, pois, do que ser elle convidado para o ministerio, pouco depois organizado pelo conselheiro Ferraz.

Como se houve, d'esta primeira vez, nos conselhos da corôa, varios actos eloquentemente o attestam.

Concluiu as nossas questões com a Santa Sé ácerca da instituição de novos bispados—questões, que duravam havia mais de 7 annos: promoveu a lei do casamento dos acatholicos.

Além disto, merece menção especial o procedimento, que teve, sobretudo na côrte, por occasião das eleições de deputados geraes. O ministro da justiça era o mesmo presidente, que assistira as eleições do Maranhão.

D'este modo o gabinete de 10 de Agosto, que aliás foi o precursor da *liga*, sinão contribuiu para o triumpho dos liberaes, lhes proporcionou triumpho em varios circulos.

Tudo isto consta do discurso, que o Sr. Paranaguá pronunciou na sessão de 3 de Junho de 1861, no qual expoz, perante a camara temporaria, os motivos da retirada do gabinete de 10 de Agosto; além de que, foi reconhecido da tribuna d'aquella camara, por adversarios politicos de então e nomeadamente o conselheiro Octaviano.

Fóra do gabinete, o ex-ministro da justiça, com os seus collegas, completou a obra começada, pronunciando-se na verificação de poderes, pela validade da eleição de muitos dos referidos liberaes, que foram assim reconhecidos deputados; por exemplo, José Bonifacio, Theophilo Ottoni, Saldanha Marinho, etc.

Compenetrado da necessidade das reformas, que se propunha realizar a nova situação politica, o Sr. Paranaguá conseguiu adherissem-n'a todos os seus amigos do Piauí.

Estava cimentada a *liga*, ou antes constituido o partido liberal progressista em principio de 1864, quando o conselheiro Zacarias organisou um gabinete.

A este succedeu o de Furtado,—em que se accentuou a distincção de *liberaes historicos*, —facho de discordia, não apagado, talvez, até hoje. Veiu finalmente o ministerio de 12 de Maio de 1865, o chamado *ministerio das aguias*.

Por este gabinete o Sr. Paranaguá foi nomeado presidente de Pernambuco.

A guerra do Paraguay era a *delenda Carthago*, absorvente da attenção e actividade do governo. O enthusiasmo, que excitára em todos os corações brazileiros, parecia arrefecido, sinão extincto n'aquella provincia quando a ella chegára o novo presidente.

O Sr. Paranaguá, porém, despertando os brios tradicionaes do povo pernambucano, logrou partissem avultados contingentes de voluntarios, ao todo quatro mil homens.

Estava-lhe reservada a gloria de ser o ministro da guerra no gabinete de Agosto de 1866 para cooperar activa e effizamente na direcção da campanha. Servio antes na pasta da justiça e interinamente na de estrangeiros.

Enviou ao Paraguay, nada menos de trinta mil soldados inclusive o terceiro corpo do exercito organizado pelo benemerito Osorio na provincia do Rio Grande do Sul, com todo material de guerra.

Sob taes auspicios e reorganizado o exercito, a guerra do Paraguay foi levada quasi ao fim; fez-se o movimento do flanco; venceu-se o Estabelecimento; tomou-se Curupaity; estreitou-se o sitio; passou-se Humaitá.

O ministro da guerra d'esse gabinete, si algumas vezes foi accusado pela intolerante opposição parlamentar, sem duvida se defendeu com a serenidade e firmeza de uma consciencia illibada e com a pericia de quem conhecia a fundo os negocios de sua pasta. Haja vista os seus discursos de então e especialmente os que pronunciou nas sessões de 22 e de 24 de Julho de 1867.

Durante os dez annos do dominio conservador, inaugurado pela ascenção do gabinete de 16 de Julho de 1868, o Sr. Paranaguá consagrou-se ás funcções da magistratura, salvo quando tinha de occupar a sua cadeira no senado, onde se manteve, com galhardia, no seu posto de honra de opposicionista.

Na actual situação politica o Sr. Paranaguá é reconhecido como um dos chefes egregios e mais queridos do partido liberal, que o tem accumulado de merecidas distincções.

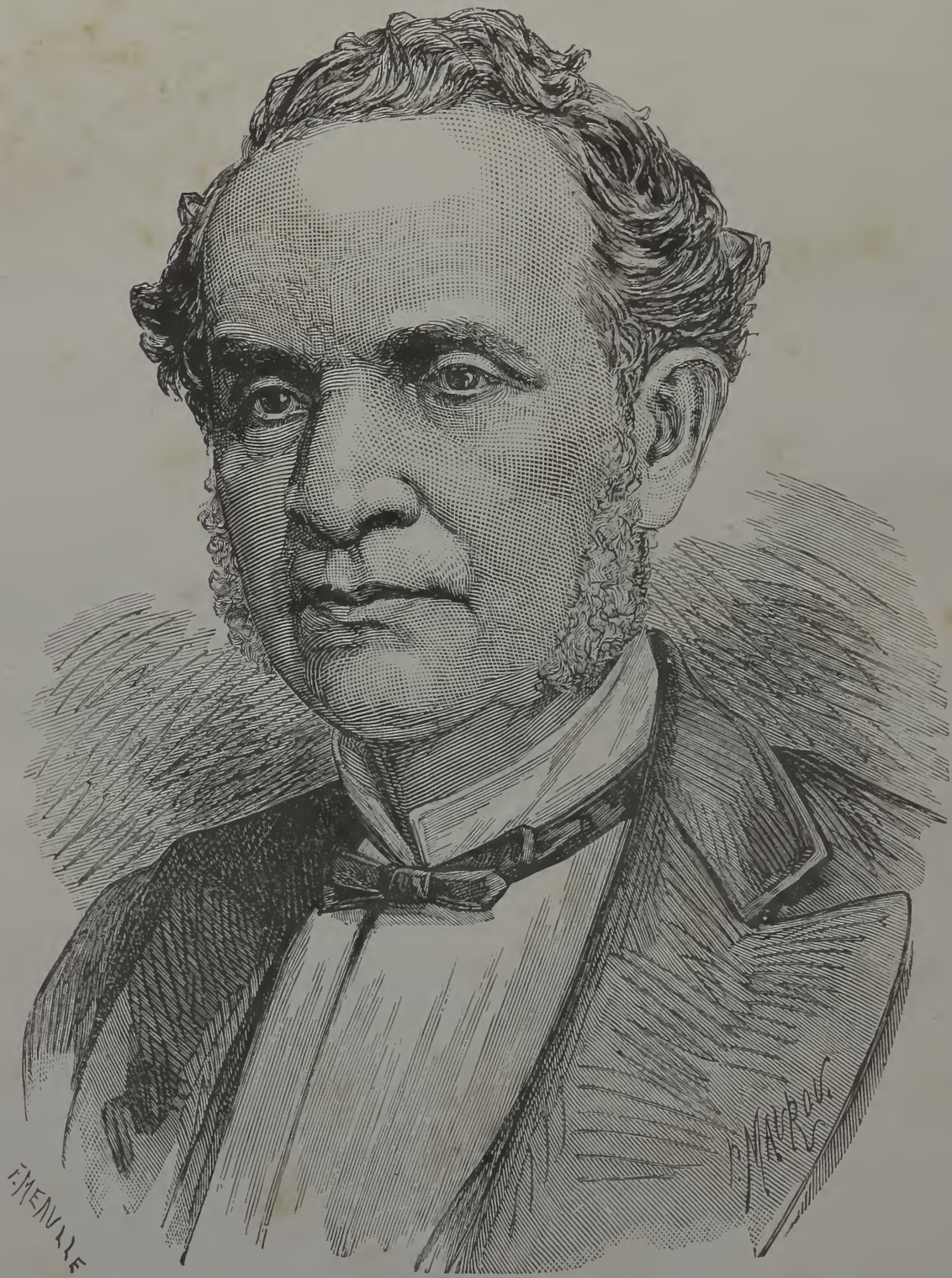
Foi novamente ministro da guerra no gabinete de 5 de Janeiro de 1878, depois do marquez do Herval.

A sua entrada para esse gabinete, que difficilmente se sustentava, deu-lhe força e permittiu-lhe viver ainda alguns mezes. Auxiliou em seguida o ministerio Saraiva como presidente da Bahia.

Teve a honra de ser convidado, em 17 de Janeiro ultimo, para organizar ministerio, quando se retirou o de 28 de Março. Declinou, porém, dessa honra, no supposto de não poder reunir o maior numero de adhesões espontaneas na camara temporaria e indicou o Sr. Martinho Campos.

O Sr. visconde de Paranaguá aposentou-se em 1880, quando juiz de orphãos da côrte, com as honras de desembargador. Foi um magistrado muito considerado pela sua integridade inconcussa, facil comprehensão e applicação da lei.

Esse predicado e o da bondade lhe realçam o honesto character e o tornam respeitado e agradavel em todas as suas relações sociaes.



O BARÃO DE COTEGIPE

O BARÃO DE COTEGIPE

XXIV



is ahí um dos obreiros do governo constitucional no Brazil.

O barão de Cotegipe, durante 40 annos, tem sido membro permanente do parlamento: é o mais antigo, exceptuando os viscondes de Abaeté e Muritiba.

Adquiriu grande somma de experiencia e sabedoria politica n'um periodo, que Tacito reputaria triplicado—*grande spatium mortalium aevi*.

Só os parlamentares inglezes contam tão dilatado e ininterrompido exercicio de funcções legislativas. Lord Russel, Palmerston e Gladstone passaram mais de meio seculo na camara dos communs.

No Brazil, relativamente á duração do imperio, nenhum politico teve essa rara fortuna.

Nas mutações politicas o suffragio, submisso, ou confiscado, variava á capricho do poder, que annullava os homens, ou desorganizava os partidos.

Por sobre esse terreno volcanico soube o barão de Cotegipe caminhar sem tropeço, apezar de manter-se na opposição algumas vezes.

Foi membro de quatro legislaturas na camara temporaria e, logo que completou quarenta annos de idade, entrou no senado.

Na implacabilidade do seu espirito, o Sr. Zacarias de Góes até apurava a cumplicidade do tempo com a fortuna politica do barão de Cotegipe.

A condição de tempo é indispensavel para preparar-se um homem d'estado. Entre nós a mudança da politica alterava o pessoal, excluindo notaveis talentos. Em tal ordem de cousas era impossivel que elles acompanhassem, sem interrupção, a marcha dos negocios publicos.

Por esta e outras causas, o segundo reinado tem sido esteril em estatistas, capazes de satisfazer as necessidades do paiz.

O Dr. João Mauricio Wanderley — nasceu na Bahia (na Villa da Barra), onde

seu pai e avós foram capitães-móres. Formou-se em Olinda em 1837, ao mesmo tempo que o Sr. Zacarias de Góes, de quem fôra nas aulas o mais brilhante emulo.

No começo da carreira, como advogado, defendeu alguns dos accusados da revolução de 1837.

Exerceu a magistratura no cargo de juiz municipal e no de juiz de direito da importante cidade de Santo Amaro; foi chefe de policia sob o ministerio de 29 de Setembro de 1848.

Na curta carreira de magistrado, interrompida pelo exercicio das funcções legislativas, fez relevantes serviços.

Nomeado presidente da Bahia, imprimiu movimento ao progresso material e moral.

Já nessa época o illustre administrador preocupava-se com a diffusão e aperfeiçoamento do ensino publico, suggerindo, no relatorio á assembléa provincial, uteis idéas, no tocante a reforma d'aquelle ramo de serviço.

Reprimiu, com energia, e severidade o trafico de africanos e da moeda falsa. Foram tão assignalados esses serviços, que o commercio — agradecido — collocou o seu retrato ao lado do de Alves Branco e do conde dos Arcos,—esse benemerito promotor da prosperidade da provincia nos tempos coloniaes.

Quando o marquez de Paraná organisou o ministerio da conciliação, escolheu companheiros, distinctos pelo talento provado nos debates parlamentares e na administração publica.

O marquez era notabilissimo e á muitos respeitos singularissimo. Homem de robusta intelligencia e de pouca e defeituosa cultura, tinha a alma viril dos fortes, a energia d'uma vontade despotica, ás vezes brutal, nas rudes necessidades da politica. Impassivel nos perigos, seria um heróe no campo de batalha. Apaixonado nas lutas, violento na acção, atilado na resolução, era capaz dos mais arduos e nobres commettimentos. Sobretudo possuia esse instincto penetrante e sagaz dos homens, destinados a mandar, que discrimina o valor e o merito dos outros com olhar certo e rapido.

Seria pela inflexibilidade de character—severo—qual Bruto na antiguidade; desposta—como um cardeal de Richelieu; resoluta—como um marquez de Pombal; habil no manejo dos homens—qual um Roberto Walpolle.

Era uma natureza amassada de grandeza e pequenez; de violencia e tenacidade; de tino e exaltação.

Este mixto de qualidades discordantes creava n'elle uma faculdade predominante,—matriz—que o inspirava, dirigia e lhe dava incontestavel superioridade sobre todos os homens politicos do Brazil: diante d'elle, que era força, os outros eram a fraqueza.

A historia, que é uma applicação da psychologia, porque tem por objectivo o homem em suas idéas, ou actos, não ha de crear um marquez de Paraná, exclusivamente grandioso, a gosto dos affectos, embora legitimos e respeitaveis de uns, ou ao capricho e odios de outros.

Perante a historia ninguem tem privilegios, nem os Augustos e Tiberios, nem os Bourbons, ou Bonapartes.

Despojai Richelieu das monstruosas energias do seu temperamento, deixará de ser o vulto gigantesco, que foi o terror dos seus contemporaneos e faz hoje a admiração do mundo.

Tirai á Honorio Hermeto Carneiro Leão o mixto daquellas qualidades, haveis de amesquinhal-o até o nivel d'um cento de mediocridades, que tem figurado n'este imperio.

O marquez de Paraná, porém, com ser um grande personagem e por ter aquelles raros dotes, cahia exactamente sob a sentença de Seneca—*nullum magnum ingenium sine dementia*.

Só a ignorancia da historia e da psychologia, dos que não conhecem as leis e o desenvolvimento da vida, suppõe que uma justa apreciação—fundada em documentos vivos, como são os actos, que explicam as faculdades—póde desairar, com *baldões* e *doestos*, um nome illustre. Pela minha parte inspiram-me condolencia os pobres de espirito...

O marquez de Paraná avultará com as suas qualidades grandiosas e fortes, que lhe deram notabilidade e preponderancia no paiz; com as suas qualidades secundarias, que o tornavam violento, irascivel, ou caprichoso.

Os homens grandes não se medem pela bitola do vulgacho; para elles é indifferente esse cuidado de pequeninas argucias, esse apurar frivolo dos senões. Cromwell, affirma Guizot, era um grande homem absurdo. Napoleão—o heróe,—asseveram Michelet e outros historiadores philosophos, tinha preocupações de um maniaco e praticava actos de loucura sublime e muitas vezes detestavel.

E' provavel que me resolva a traçar a figura verdadeiramente historica do marquez de Paraná no meio dos seus contemporaneos, atravez dos acontecimentos e dos actos da politica, embora só lhe admire as acções excellentes e condemne-lhe as violentas.

A politica, que elle se ineumbiu de desempenhar, exigia a cooperação de homens, que aureolassem o ministerio com a capacidade intellectual e com a sciencia, que o marquez não possuia.

Elle era a força, que subjuga e quebra as resistencias, corta por todos os estorvos. Quiz associar-se ao poder moral, que convence e domina pela razão e pela palavra.

Os successores do marquez chamaram depois ao governo certas mediocridades, quiçá imbecis.

No gabinete Paraná houbrevam Paranhos com o visconde de Abaeté, que desde a regencia era uma notabilidade do paiz; Pedreira com Caxias, que era o mais brilhante nome militar; Cotegipe e Nabuco, famosos nos debates parlamentares.

O marquez, pela nobre altivez de seu character, não recebeu reunir, em torno de si, homens, que uns eram preclaros pelos talentos, outros pela gloria.

Aquelle espirito de superior tempera não se amesquinhava até a inveja; tinha grandeza propria; era uma vontade heroica, á quem as outras curvavam-se.

O barão de Cotegipe foi ministro da marinha e mediu-se logo com o Sr. Zacarias, que sempre impaciente de fazer ostentação do seu merito, prevaleceu-se da discussão d'um regulamento para agredil-o.

Não me proponho a escrever a historia do ministerio, mas direi que elle tomou a peito promover a viação ferrea e outros melhoramentos materiaes.

Confundiu os partidos de tal modo, que os deixou atrophiados; supprimiu estes elementos resistentes ao absolutismo de administração.

Quando o marquez de Paraná tinha roteado o campo e esperava semear, a morte veiu, quasi de improviso, surprender o athleta no momento opportuno. Elle teria ficado á mercê da vontade imperial, porque se desarmara conjuntamente com os partidos politicos.

O duque de Caxias, ministro da guerra, assumiu a presidencia do conselho e o barão de Cotegipe passou a exercer a pasta da fazenda.

Ignoro que ministro da fazenda pôde ser apontado como modelo n'este paiz, onde o visconde de Jequitinhonha dizia que só havia ministros do thesouro.

O barão de Cotegipe, successor do marquez, serviu com muita aptidão, pondo ainda mais em evidencia a elevação dos seus talentos.

O resultado da politica do marquez foi um espasmo. A logica inexoravel dos factos demonstrou a innanidade de sua concepção; foi um gravissimo erro sociologico; desvirtuou o movimento natural da vida social, como si este si regulasse pelos caprichos, ou conveniencias dos homens de estado.

O marquez de Olinda recolheu a herança deixada e governou com um gabinete, composto de elementos heterogeneos, que convinha ao plano de suas evoluções.

A partir desse momento, o barão de Cotegipe guardou longo silencio no repouso.

A politica, falseada desde o ministerio Paraná; apodrecida sob a influencia de Olinda; reanimada durante o gabinete Abaeté, passou por successivas phases até a organização de 3 de Agosto de 1866, na qual o Sr. Zacarias de Góes começou por affirmar a sua individualidade poderosa e as idéas novas de reforma social.

Nessa quadra a guerra—que uma politica imprevidente e responsavel á historia, travara com o Paraguay—devorava o paiz.

Escolher essa hora de provações supremas, de angustias do patriotismo, de dolorosos sacrificios da nação, para escrever no programma imperial a emancipação do elemento servil, importou lançar do norte ao sul do imperio um tremendo alarma.

O barão de Cotegipe reapareceu na tribuna e na verdade o repouso lhe havia opulentado a intelligencia e avigorado a palavra.

Os erros da politica incoherente do chefe do gabinete o barão de Cotegipe discutiu, com um espirito de ironia scintillante e pungente, com a alta eloquencia da razão, do bom senso e do interesse legitimo do paiz.

De um á outro angulo do imperio o nome do barão de Cotegipe foi pronunciado com respeito e applauso. O homem de estado da situação tomava no parlamento a posição de perigo, que é sem duvida a de honra.

Os votos dos brazileiros conferiam ao consummado parlamentar a patriotica missão, que elle desempenhava. A imprensa, nas provincias e principalmente na côrte, apoiava efficazmente o intrepido lidador. O Sr. Ferreira Vianna, no *Diario do Rio*, escrevia aquelle admiravel artigo, em que provocava o barão *a illuminar as bordas do abysmo*.

O Sr. Zacarias de Góes era, muitas vezes, frívolo, mas uma omnipotencia na tribuna; sua eloquencia era a dialectica; sua palavra não tinha brilho nem animação; seu estylo mordia as victimas, repleto da perversidade de um espirito maligno. Juvenal na tribuna—brandia o estylete envenenado de Tacito.—Elle inventou a *espingarda velha* do barão de Cotegipe e lá, das eminencias parlamentares, atirou esta chufa ás risadas e aos commentarios populares.

O barão de Cotegipe é uma natureza opposta á do seu contendor. Este era a formidavel personificação do orgulho intolerante; aquelle á amenidade do character despretençioso, a tolerancia elegante.

Mas o barão é homem de tempera rija, de vontade persistente, ás vezes cabeçudo; superior ao Sr. Zacarias, que era inconsistente e inconsiderado na linguagem, capaz de sacrificar, pelo prazer de dizer epigrammas, um grave assumpto.

Os dous antigos collegas, face á face, achavam-se em *Philippos*; lutaram heroicamente. O professor de Olinda surgia, debaixo do pé do athleta, de ferula em punho. O barão de Cotegipe, sorrindo, o desarmava, embebia-lhe n'alma o ridiculo de fazer do parlamento um collegio de aprendizes.

Releva notar que foi o barão de Cotegipe, talvez unico, que poz o Sr. Zacarias no *seu lugar* e o obrigou a conter-se. Elle havia tomado certa preponderancia, já pela sua situação excepcional e altos meritos, já pelas insolencias de seu talento e a mordacidade do seu espirito; era temido e terrivel.

Avizinhavam-se os tempos; o Sr. Zacarias viu-lhes os signaes fatidicos e dispoz-se a agarrar, pelos cabellos, a primeira occasião para desonerar-se do poder.

O partido conservador, innocente da guerra, podia apurar-lhe os erros. Era, pois, indispensavel obrigar-o tambem a partilhar da responsabilidade na direcção della. O silencio seria então obrigatorio. Deu-se-lhe o poder e o poder amordaçou-o.

A guerra do Paraguay, o facto mais detrimetoso, cujas consequencias ainda compromettem as finanças do Brazil e lhe aniquillaram os elementos de vida e de progresso, nunca foi discutida nas camaras, porque ambos os partidos a endossaram como responsaveis.

A' vista do desastre de Curupaity, urgia pôr novo chefe á frente do exercito. No seu patriotismo, o Sr. Zacarias comprehendeu que cumpria-lhe resignar o poder, si fosse necessario, para obter que o duque de Caxias partisse. O duque de Caxias era, porém, um soldado e um patriota; aceitou o sacrificio e partiu.

O gabinete de 3 de Agosto esperava a hora fatal. Então o Sr. Zacarias de Góes fez d'uma pretensão uma virtude politica. Elevando a escolha de senador á questão vital para o estado e para os destinos do seu partido, retirou-se.

O visconde de Itaborahy organisou o 16 de Julho, no qual entrou o barão de Cotegipe como ministro da marinha. Foi um ministro na altura da difficil situação, desenvolveu os recursos accumulados pelo seu antecessor, creou e applicou outros novos. Seu patriotismo, intelligencia e actividade foram infatigaveis.

Consta que o ministerio pretendeu terminar a guerra depois da passagem de Humaytá, o que hoje o paiz reputaria um assignalado beneficio.

Na ultima phase da existencia deste gabinete despontaram os primeiros symptomas da dissidencia conservadora. O visconde de Itaborahy era um pouco emperrado; entretanto a geração nova do partido conservador não aceitava a posição de um marco de estrada no meio do movimento das sociedades humanas.

Dissolvido o gabinete, o nobre barão de Cotequipe foi enviado ao Rio da Prata afim de ajustar com os alliados o tratado definitivo de paz com o Paraguay.

A diplomacia brazileira nas republicas era quasi que obra do visconde do Rio Branco. O seu nome estava em todas as negociações. A sua influencia dirigiu a politica imperial, ou era o principal collaborador e executor d'ella.

O barão de Cotequipe encontrou as tradicções do afamado visconde, cujos antecedentes lhe criaram difficuldades.

Pelo tratado de Maio da triplice alliança, obra do senador Octaviano, ficou estabelecido, em clausula expressa — que nenhuma das partes contractantes faria a paz, e deporiam as armas, sinão depois da guerra: então os tratados definitivos de paz e de limites, que cada uma de per si fizesse, teriam a garantia collectiva.

E' vidente que esta garantia não abrangia os accôrdos anteriores, ou as pretensões preexistentes á celebração da paz.

Convencionado o objectivo da missão em Montevideú e Buenos Ayres, o barão de Cotequipe, chegando á Assumpção, iniciou com o Sr. Quentana, plenipotenciario argentino e com o paraguayo, as conferencias.

O ministro argentino suscita a questão preliminar de pretender que a garantia collectiva fosse dada a manutenção dos limites actuaes, que a Republica Argentina affirmava possuir, independente de novo ajuste definitivo.

Ora esta pretensão, sobre um ponto controvertido, não se legitimava pelo tratado de Maio, que, ao contrario, indicava, ou preceituava a necessidade de novos ajustes e só nesta ultima hypothese facultava a garantia.

O barão de Cotequipe refutou victoriosamente as idéas, sustentadas com habilidade pelo diplomata argentino, que, dest'arte, punha a mira em conservar a posse de parte do territorio do Chaco e a villa occidental, para a republica argentina, despojando o Paraguay com a cumplicidade do Brazil.

O Sr. Quentana, batido, recorreu ao expediente de interromper as negociações sob pretexto de pedir instrucções.

Reatadas as conferencias, de novo as interrompe e propõe tratar a questão em Buenos Ayres.

Era seu intuito, de adiamento em adiamento, fatigar o governo brazileiro e realizar as pretensões de esbulhar a republica vencida e talvez mais tarde absorvel-a.

O barão de Cotequipe, dentro das instrucções e do tratado da triplice alliança, reconhecendo que á cada uma das partes cabia fazer o seu tratado definitivo de paz, independente e separadamente o celebrou por parte do Brazil. Foi um golpe inesperado, audaz e decisivo.

Não tendo conseguido mystificar o negociador brazileiro, não tendo podido fazer do Brazil um instrumento, ou um cumplice, o governo argentino irritou-se contra o acto do representante imperial.

A imprensa do Rio da Prata vociferou contra o barão e os échos desta grita infrene repercutiram no imperio.

Aqui a opinião publica mostrou-se sem criterio; ella não soube, ou não quiz pensar. O governo pensou por ella; este, atemorizado infantilmente, presumiu que o acto de habil energia e decisão do seu plenipotenciario comprometteria a paz; não ousando reprovar o acto diplomatico, deixou que o desvirtuassem e circulassem as mais erroneas idéas ácerca das negociações.

O governo, em uma celebre *nota*, subscripta pelo ministro de estrangeiros, discutiu depois a questão e levou o sacrificio da dignidade nacional a submeter o tratado á revisão de uma nova conferencia, na qual figurou o marquez de S. Vicente.

Não vale a penna apontar e criticar as modificações do tratado; o ponto capital, porém, devido á energia e habil iniciativa do barão de Cotegipe, é que a republica argentina não apoderou-se da preza.

Pela primeira vez a diplomacia brazileira, no Rio da Prata, ousou resolver uma questão e sahir do segundo plano, a que parecia condemnada.

Apezar do esforço do barão de Cotegipe, o governo imperial expoz-se ás grosseiras invectivas do ministro Tejedor, pela attitudo vacillante, que tomou nesta contenda.

Quando o diplomata argentino veiu, mais tarde, renovar a mesma negociação com o plenipotenciario paraguayano nesta côrte, o governo brazileiro, passando por uma triste decepção, reconheceu a sabedoria do procedimento do barão de Cotegipe.

O nome do eminente estadista brazileiro ficou celebre na republica argentina, no meio dos rancores do patriotismo ulcerado.

A energia do barão de Cotegipe habilitou o gabinete de 25 de Junho a desfazer a *nuvem negra e ameaçadora, que obumbrava os horisontes do Prata*, segundo a expressão do visconde do Rio Branco, n'um discurso proferido na camara temporaria. O imperio conjurou a tormenta sem empregar o *Independencia, Javary, ou Solimões*.

O visconde do Rio Branco, organisando o gabinete de 7 de Março, punha a disposição do barão de Cotegipe qualquer das pastas.

O honrado barão respondeu pela negativa, affirmando, porém, a necessidade da reforma do voto directo, considerando a demora grave perigo, que ameaçaria as instituições do paiz.

Por inexplicavel inconsequencia, o illustre estadista, no gabinete de 25 de Junho, promoveu a reforma do terço com a eleição indirecta.

Na carta, em resposta ao visconde do Rio Branco, foram escriptas as palavras: *Allah é grande e Mahomet é seu propheta!*

No gabinete de 25 de Junho, que se presumia a expressão dos elementos da situação parlamentar, a dissidencia annullou-se d'um modo digno de lastima.

Nessa administração o barão de Cotegipe foi ministro da fazenda. Este ministerio praticou uma unica politica—a de não ter nem politica, nem idéas, nem aspirações; realizou cabalmente — *inertia sapientia* — apezar de haver o Sr. Ferreira Vianna lhe atirado como uma ironia—*primo vivere, deinde philosophare*.

Si a historia, no futuro, tiver a complacencia de occupar-se do que fizeram os governos deste paiz, julgará que o gabinete de 25 de Junho quiz provar, durante a au-

sencia da corôa, que, sem o genio de Cesar, ninguem sabe governar este paiz. Quando o imperador voltou, com pasmo viu todas as questões intactas.

Comprehendeu e sorriu.

Depois da ascensão do 5 de Janeiro, o nobre barão tem tomado activa parte nos debates do senado. A questão politica posta de parte, elle foi o principal e amestrado discutidor da ultima reforma eleitoral. Póde-se dizer que ella é obra sua, como testemunham os *Annaes do Senado*. No sentido da lei ninguem a estudou e comprehendeu melhor, do que elle.

A eleição directa não merece tanta importancia; envolve apenas uma questão de methodo para exprimir o voto, mas que valor moral tem o eleitorado? E' certo que n'esse ponto está a grave difficuldade do problema.

Causa estranheza ver espiritos illustrados fazerem della uma panacéa. Com a centralisação administrativa omnipotente, com as praticas abusivas do regimen judiciario do Brazil, com a subserviencia do cidadão á mercê dos caprichos da policia, sem garantias reaes da liberdade individual, a eleição directa é uma burla, nunca ha de dar nenhum resultado, dependerá da moralidade do governo: é cousa tão velha como o dia e a noite, tem uma historia, que prova que ella póde ser um instrumento de dous gumes, como qualquer outro systema. A experiencia recente é por demais sufficiente.

O Sr. Saraiva, cujo projecto foi concertado pelo Sr. Cruz Machado, tão pouca fé teve no instrumento, que alcançou do parlamento, que não ousou servir-se delle.

Um homem d'estado, que promoveu uma reforma custosa e abandona o poder, logo que a realiza e quando deve mostrar—como o novo instrumento é capaz de fazer a felicidade do seu paiz, pratica um acto inqualificavel.

O barão de Cotegipe preside o senado por unanime votação.

Recentemente um incidente deu azo ao consummado parlamentar mostrar a sagacidade do seu espirito. Não se podia ser mais habil, nem mais fino. Ao mesmo tempo que se justificava e punha a nú o acto do adversario, identificou o senado comsigo. E' a primeira vez que um homem politico recebe uma approvação tão solemne, uma prova de confiança tão illimitada naquella camara.

No barão de Cotegipe o homem é um cavalheiro perfeito; o espirito é fecundo de ditos e desse chiste, que faz da conversação um deleite.

A politica, essa terrivel paralyisia dos sentimentos generosos, não o domina como senhora absoluta do coração.

O estadista é, sem duvida, eminente; um dos mais experientes e intelligentes do paiz. Elle conhece a 40 annos o movimento desta sociedade, da qual tem recebido applausos e, em horas inclementes, tem sido tambem victima de injustiças.

A honra do seu character de funcionario do estado merece inteira veneração dos espiritos rectos.

O barão creou a politica do *cravo e da ferradura*. Si eu escrevesse uma biographia, que não está no plano destes artigos, referiria alguns ditos espirituosos. Burke, Royer Collard, Guizot, apezar da gravidade e circumspecção, amavam os bons ditos.

O orador e o politico reclamam a nossa attenção.

O Sr. barão de Cotegipe appareceu muito moço no parlamento. Sua familia, importante e influente no interior da Bahia, ministrou-lhe a base para a sua carreira.

Elle conquistou as posições politicas com seus incontestaveis talentos; foi eleito representante da Bahia, na primeira legislatura, depois da revolução parlamentar da maioridade.

Dissolvida a camara previamente, veiu reeleito na legislatura seguinte.

A sua estréa na tribuna foi um triumpho; dizem os contemporaneos que, além das brilhantes qualidades, as quaes ainda hoje possui, o orador era joven, ardente e se apaixonava no debate.

O deputado Wanderley travou serios combates com potentados politicos. A audacia do moço, o esplendor do talento, a rectidão e madureza do criterio, a consciencia do proprio valor, que não dissimulava, impuzeram aos ministros. Um pouco amestrado nas lutas da palavra, por se haver exercitado na tribuna da assembléa provincial da Bahia, o orador fallava com a competencia e seguridade de um provector e sem os receios de um novato.

Honorio tinha o olhar certo e, como era um character altivo e forte, amava a franqueza; deu o primeiro passo, explicou-se com o deputado, á quem cercou da mais alta estima e consideração.

Quem sabe si Honorio não tivesse praticado esse acto, o barão de Cotegipe, levado pelo gosto de fazer opposição, não se teria desviado da senda?

O barão de Cotegipe anda beirando os 66 annos; mas impunemente inculca ter uns 40. Vigoroso, affavel, tem—perpetua—a mocidade d'alma. Este homem politico, que possui o equilibrio de poderosas faculdades intellectuaes, veterano parlamentar, tantas vezes exercendo o poder, é simples e gracioso no trato.

Entretanto, nos bons tempos, o barão de Cotegipe cursou a escola do illustre Maciel Monteiro, que imperava nos salões e na tribuna—sempre victimado pelos infortunios do coração.

Orador poeta, Maciel Monteiro, merece o culto de admiração; era a grandeza perfumada de elegancia, aureolada de genio, realçada de poesia.

O barão de Cotegipe trata de questões, que irritariam o visconde de Nictheroy; apavorariam o visconde do Bom Retiro; provocariam o conselheiro João Alfredo; ou fariam, tres vezes, persignar-se o Dr. Ferreira Vianna, com um gracejo fino, com um sorriso zombeteiro.

A facilidade de comprehensão de seu espirito poupa-lhe muito trabalho. O esforço, que outros empregam no exame de um assumpto, não lhe é necessario. Suas intuições são rapidas.

A lucidez de suas idéas, a systematisação dos seus raciocinios, a clareza dos pontos de vista, em que colloca as questões, confirmam a poderosa intelligencia, que se tem revelado e engrandecido em 40 annos de lutas parlamentares, ou nas asperezas, as vezes angustiosas, do governo.

E' um dos oradores, que reúne admiraveis qualidades. O talento da analyse é luminoso no barão de Cotegipe; elle é demonstrativo como o Sr. Christiano Ottoni; apanha todas as subtis ramificações, ou matizes de uma questão; tem a faculdade de

observação de um naturalista. E' por isso que a sua experiencia na politica é segura, sabe observar os factos e induzir as consequencias.

A synthese é uma das grandes forças do seu espirito. A's vezes parece que o barão desdenha uma questão. Outros a expõe, discutem-n'a e deixam ainda umas trevas lá no fundo. O barão escuta, attende e medita sem esforço; toma a palavra, illumina, debate, resume, classifica, recompõe e synthetisa, com uma concisão notavel, aquillo, em que talvez horas antes não cuidava.

Era um dos grandes meritos do segundo Pitt, conforme assevera lord Macaulay e este merito dava-lhe superioridade sobre todo o parlamento da Grã-Bretanha. Só tem este privilegio as intelligencias eleitas.

Ha um talento, que, como orador, o Sr. de Cotegipe não possui no gráo, em que brilhava em Fernandes da Cunha, em José Bonifacio, em Maciel Monteiro—o das vastas e grandiosas exposições.

N'elle primavam em França os viscondes de Serre e Martignac, Royer Collard e Guizot e na Inglaterra Burke, Canning, lords Brogham, Macaulay, Stanley e Disraeli.

O barão de Cotegipe na tribuna inspira sympathia, valiosa condição para ser escutado. O seu aspecto fixa a attenção. Sua voz é sonora; no timbre revelam-se as illuminações do espirito e traduzem-se as emoções e sentimentos, que o orador, que é um artista, a seu modo, sabe moderar e dominar. O gesto é apropriado ao movimento do seu discurso.

O estylo é cambiante, tem calor e vida. Rarissimas vezes o barão de Cotegipe vai mendigar á rethorica um tropo, ou uma tirada retumbante.

Outras são as fontes de sua eloquencia; esta é o resultado da reflexão e do sentimento real. E' a eloquencia, que se fórma na consciencia humana do sentimento, da razão, que naturalmente é a expressão da verdade e da justiça.

N'um estylo simples, o barão discute com uma lucidez inimitavel, que faz o desespero e a inveja dos outros oradores.

Não deixa de ter suas irrupções violentas, quando, nas lutas politicas, as coleras accedem-lhe na palavra os accentos de nobre indignação.

Si a fórma litteraria fosse mais cuidada, de certo, o orador não deveria receiar a competencia de qualquer outro no paiz.

Triste, porém, é o destino dos oradores, como o dos cantores—passado o momento, elles ficam sendo apenas—uma lembrança!

Quem hoje lê os montões de discursos dos dous grandes parlamentos do mundo—da Inglaterra e da França?

Burke, que deixou primorosos modelos de eloquencia, os Pitt, os Fox, Grattan e outros já não têm leitores! A geração, que os escutou, sentia as mesmas paixões, tinha os mesmos interesses—os amava e comprehendia.

Elles, si vivem ainda na lembrança dos povos; si os grandes serviços, que fizeram, não são esquecidos—não é porque seus discursos os façam lembrados.

Ninguem os lê.

Devem á historia e á critica litteraria a nomeada, de que gosam.

Ellas condemnaram-se ao martyrio de apontar os rasgos eloquentes, de formular um juizo de modo a fixar a physionomia de cada um.

Os historiadores e os criticos lhes prepararam a corôa da gloria perenne e visivel aos olhos das gerações, que—indifferentes—passam impellidas pelo sopro de cada seculo, levadas para as bandas infindas do futuro e preocupadas de novos interesses.

Eu me impuz a mim a ingrata tarefa de reler discursos, de colligir os traços de cada physionomia e de ensaiar esses estudos.

Suei, como um operario, em horas amargas, sem contar, sinão com a exiguidade das proprias forças.

Desse bom desejo de servir uma causa, que não é minha, estou arrependido.

Deixando a penna sem concluir a galeria, onde exponha á estima e á veneração, bustos dos nossos homens politicos, direi, emfim, que a mim não se me dá do juizo de ninguem.

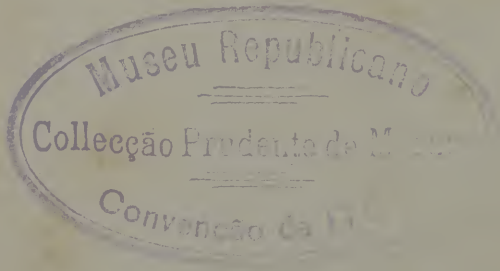
Não procuro recompensa nem gloria para o meu trabalho.

Eu sei bem que é risivel até á aspiração litteraria n'um paiz, onde os doutos e competentes, por egoismo, ou desdem, callam-se ; os ignorantes, por parvoice, julgam do que não entendem.



INDICE

	PAGS.
Dedicatória.	
Carta aos redactores.	
Introducção.	
I—O visconde de Abaeté.....	1
II—O Sr. Lafayette.....	5
III—O senador Souza Dantas.....	9
IV—O conselheiro Junqueira.....	13
V—O conselheiro Christiano Ottoni.....	17
VI—O senador Vieira da Silva.....	21
VII—O Sr. Silveira Lobo.....	23
VIII—O senador visconde de Muritiba.....	27
IX—O senador Silveira da Motta.....	29
X—O conselheiro Teixeira Junior.....	33
XI—O Sr. conselheiro Carrão.....	35
XII—O Sr. senador Leão Velloso..	37
XIII—O conselheiro Affonso Celso.....	39
XIV—O conselheiro João Alfredo.....	43
XV—Silveira Martins.....	47
XVI—O conselheiro Ribeiro da Luz.....	53
XVII—O conselheiro José Bonifacio.....	57
XVIII—Fernandes da Cunha.....	61
XIX—O Sr. Leitão da Cunha.....	65
XX—O Sr. visconde de Jaguary.....	67
XXI—O senador Correia.....	71
XXII—O Sr. Cansansão de Sinimbú.....	75
XXIII—O visconde de Paranaguá.....	79
XXIV—O barão de Cotegipe.....	83



923.2
D372e
(1176)

DEDALUS - Acervo - MP-REP
Estadistas e parlamentares. 1. Serie.



21800006152

